

ANTÔNIO VIDAL NUNES



MIRCEA ELIADE

E A BUSCA DO SAGRADO

Fragmentos biográficos

 EDUFES

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | José Edgard Rebouças
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça,
Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Glicia Vieira dos Santos, Grace Kelly
Filgueiras Freitas, José Armínio Ferreira, Josevane Carvalho Castro, Julio César
Bentivoglio, Luis Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

Secretários do Conselho Editorial | Douglas Salomão e Tânia Canabarro

Preparação e revisão de texto | Jussara Rodrigues
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa | Willi Piske Jr.
Ilustração de capa | Willi Piske Jr.
Revisão Final | George Vianna

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N972m Nunes, Antônio Vidal, 1957-
Mircea Eliade e a busca do sagrado [recurso eletrônico] :
fragmentos biográficos / Antônio Vidal Nunes. - Dados
eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.
208 p.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-330-0
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso:

<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&null=&offset=0>

1. Eliade, Mircea, 1907-1986. 2. Filosofia e religião. I. Título.

CDU: 101:2

ANTÔNIO VIDAL NUNES



MIRCEA ELIADE

E A BUSCA DO SAGRADO

Fragmentos biográficos

 **EDUFES**
VITÓRIA, 2016

*Ao amigo Antonio Sidekum,
pela sua contribuição à Filosofia Latino-Americana.*

SUMÁRIO

08	APRESENTAÇÃO
12	INTRODUÇÃO
16	DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA
17	○ AMBIENTE FAMILIAR
21	A ESCOLA DA RUA MÂNTULEASA: O INÍCIO DA FORMAÇÃO
22	○ ESTUDO SECUNDÁRIO: DAS CIÊNCIAS NATURAIS A OUTRAS DESCOBERTAS
28	DA UNIVERSIDADE E DOS NOVOS INTERESSES
29	○ JOVEM UNIVERSITÁRIO
42	DO ENCONTRO COM A ÍNDIA
43	OS ESTUDOS SOB ORIENTAÇÃO DE DASGUPTA
51	A VISITA A RABINDRANATH TAGORE EM SHANTINIKETAN
58	A CASA DO MESTRE: ALEGRIA NA CHEGADA, TRISTEZA NA PARTIDA
65	VIVENDO NO HIMALAIA
76	RETORNANDO A CALCUTÁ
82	DOS NOVOS DESAFIOS NA TERRA NATAL
83	○ REENCONTRO COM A PÁTRIA
86	OS NOVOS LIVROS, O DOUTORADO E O MAGISTÉRIO
97	PERSEGUIÇÃO E CÁRCERE: A LEGIÃO DO ARCANJO MIGUEL
102	POR TERRAS INGLESAS E PORTUGUESAS
116	DOS CAMINHOS DO EXÍLIO
117	○ MOMENTO DA FRANÇA: A LIBERDADE SONHADA
128	ESTADOS UNIDOS: O RECONHECIMENTO ACADÊMICO
184	CONCLUSÃO
188	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
194	CRONOLOGIA

APRESENTAÇÃO

Sinto-me muito honrado com a oportunidade de apresentar ao público leitor a obra *Mircea Eliade e a busca do sagrado: fragmentos biográficos*, de Antônio Vidal Nunes. O autor é um intelectual no melhor sentido da palavra: sólida formação filosófica e pedagógica, aliada a uma vasta experiência de vida, como se vê em homens que acreditam no uso do saber como instrumento de melhoria da condição humana.

O livro em questão é fruto não somente de acurada especulação teórica, mas também de sua experiência docente e de sua militância intelectual, que dialogam com diferentes esferas da sociedade, inclusive com os movimentos socioculturais. Nas aventuras pelas reflexões no campo do sagrado, tive a grata satisfação de conhecê-lo.

Em nossos diálogos, descobrimos que, embora por caminhos diferentes, tivemos em comum o encontro com Rubem Alves, que pensava a educação como construção de sentido, colocando a ética e a estética no centro do processo de ensino-aprendizagem.

A trajetória intelectual de Rubem Alves é marcada pela defesa da tese de que a educação integral é um processo que implica harmonia, formação plena e autonomia e de que, para ter sucesso nessa empreitada, é necessário cultivar nas crianças o imaginário e o gosto pelo que é verdadeiramente bom e belo. A partir disso, o poeta-educador projeta o que ele denomina de “educação dos sentidos”: a educação que leva cada aluno a um mergulho na interioridade – lugar onde habitam visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos.

Na vasta obra de Rubem Alves, percebe-se um profundo ecoar místico, que também sentimos na obra de Mircea Eliade. Daí, pressuponho, advém a razão de Vidal Nunes ter enveredado pelo estudo desses dois ícones da reflexão sobre o sagrado, que ensinam a ver os significados ocultos do dia a dia, tanto pelo viés científico, quanto pelo místico/poético.

Complemento que o professor Vidal e eu convergimos para o pensamento latino-americano de caráter emancipatório – cujo estudo nos

desperta paixão –, o qual sempre incidiu sobre o diálogo entre filosofia e educação, tendo como principais referências pensadores como Leonardo Boff, Enrique Dussel e Paulo Freire. As perspectivas desses estudiosos me encantam, porque não se restringem à especulação teórica de fazer um diagnóstico, meramente descritivo e analítico, sobre os condenados. Ao despertarem a consciência, de forma propositiva, elas fortalecem práticas e provocam mudanças, tendo como centralidade a história.

Em todas as frentes de pensamento – teologia, filosofia, pedagogia e literatura – está presente uma força profética esplêndida, que denuncia as mazelas e as causas da miséria, mas sempre aliada a uma dimensão de horizonte utópico, de esperança e de transcendência, que inspira sonhos de “um novo céu e de uma nova terra”, num contexto de luta por uma sociedade eticamente avançada, esteticamente aperfeiçoada, politicamente democrática e participativa.

A contribuição do pensador romeno Mircea Eliade, na perspectiva tanto da mística e do sagrado quanto do pensamento latino, traz, por sua vez, elementos imprescindíveis à compreensão das origens do *re-ligare*, constituindo-se em leitura necessária para todos os estudiosos e intelectuais que buscam compreender o ser humano a partir do chão da história, para além da lógica instrumental e utilitária que predomina na cultura contemporânea, que mais divide e explora do que liberta e emancipa o ser humano. Sua obra é uma tentativa séria de lidar com questões fundamentais do campo do sagrado, não para colocar os seres humanos na resignação, mas para, a partir da realidade concreta das guerras, da fome, da miséria, apontar novos caminhos de reencontro de cada indivíduo consigo mesmo, com a natureza e com o divino.

O destaque que Eliade dá à mística, como elemento central da construção de uma nova cultura, é objeto de séria reflexão por todos os que acreditam que o futuro do ser humano e do planeta depende do resgate dessa dimensão da interioridade. Estudiosos como Rubem Alves e Mircea Eliade, que tomam a mística como indispensável à humanidade,

são, além de intelectuais, portadores de espiritualidade e cultivam o espaço do sagrado, seja nas religiões e nas igrejas, seja na filosofia e na ciência.

Este livro do professor Vidal Nunes nos instiga a continuar na aventura pelas sendas do estudioso romeno, que soube de forma brilhante dialogar com a tradição científica e filosófica e extrair dela os vestígios do sagrado. Trata-se de um estudo propedêutico que nos apresenta a trajetória de vida de um dos reconhecidamente maiores estudiosos da religião, a partir de duas fontes: de um lado a espiritualidade cristã, de outro a espiritualidade indiana, estabelecendo um elo entre a cultura ocidental e a oriental.

O leitor terá a oportunidade não só de se familiarizar com aspectos relevantes do pensamento de Eliade – que podem servir para aprofundamentos posteriores – mas também de avaliar o sentido e a pertinência da mística para a práxis educativa. Enfim, este livro é uma saudável provocação para refletir sobre um tema central para a vida humana, que é a questão do fenômeno religioso.

Sustentada pela sua densidade teórica, esta obra tem ainda o mérito de ser bem escrita, em linguagem clara e acessível. Em suas conclusões, o professor Vidal faz votos de: “que desta simples e pequena vereda possa surgir uma estrada nova bem pavimentada, pois sabemos que existe a possibilidade de ir além”. Aliás, este livro chega em boa hora, visto que mundialmente há uma demanda por valores não materiais e por uma redefinição do ser humano em busca de sentido. Eliade e toda sua trajetória, tão bem delineada neste trabalho, indicam que nós precisamos beber também das fontes da cultura oriental, sem apagar nossa cultura ocidental, para abrir a possibilidade de outro horizonte de esperança.

Vanderlei Barbosa
Universidade Federal de Lavras
Lavras, Páscoa de 2016

INTRODUÇÃO

Mircea Eliade é reconhecidamente um dos maiores estudiosos da religião. Seu caminho investigativo começou a se prefigurar durante os estudos na Universidade de Bucareste, mas a sensibilidade que se encontrava na base dessa busca apareceu muito mais cedo, como terei a oportunidade de explicitar. O interesse pelo universo religioso e místico e, de forma particular, pelo pensamento hinduísta o fez dirigir-se na juventude para o Oriente, especificamente para a Índia. A referida viagem propiciou-lhe um encontro vivo com a cultura oriental, mais intenso do que seria se a estivesse bebendo apenas em livros, distante do solo que a gerou e sem o contato com as tradições que a preservaram. Em sua longa peregrinação, com entusiasmo, fascínio, seriedade e zelo, Eliade perscrutou os mistérios da terra de Gandhi, não renunciando a certos impulsos e aventuras próprios dos jovens de sua idade. Muitas vezes correu riscos, com os quais também pôde aprender. Somente um grande amor pelo conhecimento poderia tê-lo levado a lugares tão distantes para realizar uma investigação que o ajudou a decifrar, sob certos aspectos, sua própria existência. Talvez aí estivesse sua motivação. Seu pensamento, poderíamos afirmar sem temor, está colado à sua vida naquilo que ela tem de mais profundo e significativo. Ao explorar o subterrâneo de sua existência, julgou encontrar o subsolo ao qual, segundo ele, estamos todos unidos.

Escrever sobre a vida de Mircea Eliade implicou mudanças em meu projeto investigativo original. Tal iniciativa não constava nos planos previamente traçados. Minhas pretensões eram outras. Estava interessado em seu pensamento, em analisar a relação do sagrado com a história. Contudo, aprendi com um velho amigo e mestre, Rubem Alves, também apaixonado pelo fenômeno religioso, que primeiro vem a vida e depois o pensar. Ao iniciar o projeto indicado, queria saber um pouco mais sobre o estudioso romeno para melhor compreender seu pensamento. Não encontrei, em um primeiro momento, nada que me satisfizesse. Os escritos biográficos sobre o au-

tor eram breves e esquemáticos. Considerando ser ele um intelectual bastante estudado em nosso país, com inúmeras obras traduzidas, decidi então que perscrutar sua trajetória pessoal seria o novo itinerário a ser seguido. O que deveria ser uma breve travessia tornou-se o destino; não foi uma tarefa muito fácil, dada a escassa bibliografia sobre o tema. Aos poucos fui descobrindo uma série de livros autobiográficos de Eliade, publicados em vários países, que se tornaram a base para minha incursão. Recorri, por exemplo, aos diários em que ele registrava acontecimentos de sua agitada vida: dúvidas, descobertas, contatos, alegrias, tristezas, etc. Pesquisei anotações que se apresentavam de forma fragmentada e descontínua, obedecendo às motivações do momento. Não há uma sequência lógica e ordenada nesses documentos, pois ele escrevia de acordo com a realidade que estava vivendo e com a pertinência dela nos vários contextos de sua experiência existencial. Com essa pesquisa, pude refazer algumas paisagens importantes e decisivas de sua trajetória, que muitas vezes marcaram seu pensar. Embora ele nem sempre vislumbrasse significado nas anotações dos momentos vividos, empenhava-se em fazê-las. Contudo, ainda assim, há algumas lacunas em seus escritos biográficos. Em certas ocasiões, nada registrou; em outras, aquilo que não escreveu no termo dos acontecimentos foi lembrado e retomado em novos diários ou em entrevistas a amigos e discípulos, nem sempre com fixação de datas ou lugares. Também voltava ao passado para lá pescar alguma experiência que não havia sido apreendida nas malhas simbólicas anteriormente tecidas. As vicissitudes pelas quais passou nosso autor na elaboração de seus diários, ocasionando lacunas, também se refletirão neste breve trabalho, que se destinou em um primeiro momento aos alunos sob minha docência interessados no estudo do pensamento de Mircea Eliade.

Estou consciente dos limites desta investigação. Ela se apresenta como um começo, um ponto de partida. Sei que ainda há ma-

terial a ser explorado, sobretudo aquele escrito por amigos e discípulos que estiveram próximos de Eliade. Não obstante as limitações e deficiências desta modesta iniciativa, creio que ela poderá ser útil e contribuir com os leitores da obra eliadiana em nosso país.

Não poderia finalizar esta introdução sem agradecer ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que me apoiou neste projeto; a Hanna Manente Nunes e Osvaldo Geovany Ribeiro, que contribuíram em algumas traduções, tendo, assim, adiantado e facilitado meu labor; a Djalma Vazzoler e Maria Aparecida de Araújo Monteiro pelas leituras e sugestões; e a tantas outras pessoas que, direta ou indiretamente, ajudaram nesta realização.

DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

Mircea Eliade nasceu em Bucareste em 1907, no seio de uma família romena. O pai, capitão do exército, chamava-se Gheorghe Eliade¹, e a mãe, Joana Stoenescu. Além do pai, o tio Constantino era militar, ocupando um elevado posto na corporação. Pavel, o tio mais novo, não seguiu a carreira dos irmãos; ele trabalhava em uma estação de trem. Em função da profissão de seu genitor, Eliade, juntamente com seu irmão Nicolas, mais velho e parecido com ele, e sua irmã Cornélia, quatro anos mais nova, apelidada Corina pela família, morou em várias cidades (Bucareste, Cernavodă, Râmnicu, etc.), o que lhe propiciou um conhecimento amplo do território romeno. Podemos dizer que o escritor teve uma infância feliz, na companhia dos pais, nos passeios com a avó, nas brincadeiras com os irmãos pelos pastos, correndo com o cachorro, catando flores, observando os animais. Ao lermos as narrativas que compôs sobre sua infância, chama-nos a atenção a atitude observadora e a sensibilidade aguçada do menino.

Em determinado dia, enquanto caminhava com sua avó pelas ruas da pequena Râmnicu Sărat – cidade onde morou, situada aos pés dos Cárpatos Orientais –, cruzou com uma menina que vinha em sentido oposto, também acompanhada da avó. Os olhos se encontraram, e a experiência daquele instante eternizou-se em sua memória; continuou a pensar na menina e nunca mais a esqueceu:

*Eu estava transtornado, sem saber a razão, e
o que acabava de acontecer era ao mesmo tempo
maravilhoso e decisivo. Nesta mesma tarde,*

1 O nome de seu pai era Gheorghe Ieremia, mas este mudou seu cognome em homenagem ao político e linguista Ion Heliade-Rădulescu (1802-1872), fundador e primeiro presidente da Academia Romena, figura que ele muito admirava, um dos líderes da Revolução Wallachian de 1848.

descobri que bastava evocar a imagem desta menina apenas entrevista para sentir-me deslizar a um estado de beatitude jamais experimentado até então (ELLIADÉ, 1982, p. 10)².

Ainda criança, quando passeava com a mãe durante um piquenique, deparou-se com um lagarto de cores variadas. Ficou deslumbrado diante do pequeno animal, nutrindo por ele, simultaneamente, medo e fascínio:

Depois de alguns metros, tinha-me perdido. E, de repente, dou de cara com um enorme e esplêndido lagarto azul, o que me fascinou... Não tinha medo, mas estava de tal modo fascinado pela beleza, por este animal enorme e azul... sentia o meu coração a bater de entusiasmo e de medo, mas, ao mesmo tempo, via medo nos olhos do lagarto. Via bater o seu coração. Lembrei-me desta imagem vários anos (ELLIADÉ, 1987, p. 13).

Também jamais apagou de sua mente a arrebatadora experiência que teve em um dos quartos de sua casa que sempre ficava fechado. Com aproximadamente dois anos e meio de idade, encontrou a porta aberta e, aproveitando a ausência dos pais, adentrou o local que tanto lhe despertava curiosidade. Havia na janela cortinas enormes que esverdeavam todo o ambiente com o auxílio da clareza do sol filtrada pelo pano. As imagens percebidas jamais saíram de suas recordações:

2 Os textos referenciados em língua estrangeira foram traduzidos para o português por mim e por colaboradores.

[...] isto representou para mim uma experiência extraordinária: as janelas tinham cortinados verdes e, como era verão, o quarto todo tinha uma cor verde, curiosa, e sentei-me sobre uns livros. Estava fascinado pela luz verde, verde-dourada, olhava à minha volta, era um espaço verdadeiramente desconhecido, um outro mundo (ELLIADÉ, 1987, p. 13).

O recinto voltou a ser trancado, sendo proibido qualquer acesso futuro. Esses e outros acontecimentos tiveram reflexo em sua vida, pensamento e atividade profissional³.

Em 1912, estando com sua família em Cernavodă – cidade que se situa ao sul da região banhada pelo rio Danúbio –, Eliade foi enviado para a escola, onde começou a aprender as primeiras letras. De início não se sentiu muito motivado pelos estudos, mas aos poucos foi percebendo que as letras e palavras aprendidas lhe abriam o mundo. Causou-lhe grande impacto a chegada do livro de seu irmão, *Nosso país se chama Romênia*, a suas mãos. Com a leitura, foi aprendendo sobre as províncias, as cidades, os rios, os lugares importantes, os personagens reconhecidos de sua pátria. Uma experiência marcante e fascinante. O que antes lhe era desconhecido passava naquele momento a fazer parte de seu universo. Ele expressou esse fato da seguinte forma: “É como se acabasse de descobrir um jogo apaixonante e maravilhoso, já que cada linha me fazia penetrar em

3 Carlos García García (2007), em seu artigo “Sambô: la melancolia de Eliade”, presente no livro *Mircea Eliade, el profesor y el escritor*, faz uma análise com base na contribuição psicanalítica dessas experiências de deslumbre e iluminação vividas na infância, que marcaram profundamente o estudioso romeno em suas inquietações e buscas nas atividades científicas e literárias. Elas evidenciam sua nostalgia do paraíso perdido, à qual se vincula também sua permanente melancolia.

um mundo desconhecido, de cuja existência jamais havia suspeitado” (ELIADE, 1982, p. 14). Surgiu-lhe então um desejo muito grande de aprender sempre mais, o que o induziu à prática da leitura. A biblioteca pessoal do pai, com seu enorme acervo, atraiu sua atenção. Observando os títulos através do vidro da porta, notou que eram, em grande parte, novelas. Por considerá-las imorais para a idade de Eliade, o pai vedou-lhe o acesso ao recinto e, portanto, aos livros, por cuja leitura o menino suspirava.

Durante uma visita promovida pelo pai, o professor de Eliade revelou à família que o menino era míope e que, por isso, recebia atenção especial na classe. Desse dia em diante, a vigilância sobre o garoto foi redobrada: deveria ler apenas o que era estritamente necessário. Contudo, as ordens dadas não foram suficientes para desestimular seu anseio pela leitura. Com as amizades firmadas na escola, adquiriu novos livros, que lia às escondidas, sobretudo depois de 1914, com a transferência de seu pai para Bucareste.

Na nova cidade, enquanto a casa da família era construída, ficaram hospedados na residência dos avós maternos, na rua Melodiei, de onde guardou belas recordações. Seu avô possuía uma grande propriedade, mas a família era numerosa, e a terra foi sendo, aos poucos, distribuída entre os filhos. Nesse período da vida, Eliade passou a ter crises de tristeza e melancolia. A vitalidade e otimismo de seu pai foram fundamentais para que ele pudesse superar as dificuldades. Gheorghe, homem forte e bastante ativo, tinha então 45 anos de idade, quinze a mais que sua mulher, Joana Stoenesco. Ele estava sempre preocupado com a formação dos filhos e com o provimento daquilo que lhes era necessário. Em Bucareste, Mircea Eliade teve a possibilidade de uma rica convivência com os familiares de sua mãe, seus tios e tias, que moravam próximo: “É para mim uma grande felicidade ter podido passar ali os doze anos mais felizes de minha adolescência e juventude” (ELIADE, 1982, p. 25).

Isso lhe deu força para superar algumas adversidades. Sempre teve imensa gratidão ao tio Mitache⁴, que, além de ter sido seu confidente, contribuiu financeiramente para sua viagem à Índia alguns anos mais tarde.

Foi também durante esse período que Eliade se dedicou ao piano, pois era desejo de seu pai que ele se tornasse um grande músico. Estudava uma ou duas horas por dia. Embora possuidor de boa sensibilidade auditiva, logo percebeu que aquele não era seu caminho; faltava-lhe o talento necessário, a vocação que lhe permitisse levar à frente o desejo de seu pai. Chegou a executar peças de músicos importantes, participando de apresentações musicais em sua nova cidade. Apesar do empenho de seu professor, restou-lhe apenas alguma cultura musical, que foi importante para a vida, mas não suficiente para transformá-lo em músico. Quando se encontrava em Calcutá, por volta de 1929, o desejo de tocar o levou ao piano da pensão em que vivia. Depois desse passageiro momento, nunca mais voltou a manusear o instrumento (ELIADE, 1982, p. 30).

A ESCOLA DA RUA MÂNTULEASA: O INÍCIO DA FORMAÇÃO

O menino estava convicto de que a guerra não seria eterna, e, de fato, no dia 1º de dezembro de 1918, com os demais alunos da escola, vai até a estrada recepcionar e saudar as tropas de libertação e o exército aliado, cantando *La Marseillaise* e *God save the Queen*. A presença de africanos entre os soldados o surpreendeu assim como a seus amigos. Pela primeira vez, entrava em contato com uma realidade em que pessoas de etnias diferentes se unem na luta por uma causa comum (MARIOTTI, 2007, p. 12).

4 É o diminutivo de Demétrio.

Não obstante as dificuldades enfrentadas, Eliade concluiu os estudos primários. Sendo aprovado no Instituto Spiru Haret, deu continuidade à sua formação com motivação renovada. Identificou-se imediatamente com as ciências naturais. As aulas de Nicolas Moisesco, o qual admirou desde o primeiro momento pela cativante forma de ensinar e pela maneira sedutora de introduzir os alunos nos conhecimentos de sua disciplina, marcaram-no profundamente. O telescópio que o professor levava às aulas possibilitou ao jovem um mergulho em um mundo oculto. Eliade pôde perceber que tudo o que existia – os animais, as aves, as cores – era resultado de um longo processo ocorrido no interior da própria natureza. A ordem estava em tudo.

A zoologia era o que mais o encantava. Logo se tornou o aluno predileto de Moisesco. Esperava ansiosamente a primavera para poder percorrer, nos finais de semana, os pastos, os bosques, atrás de espécies que pudesse estudar. Borboletas, rãs, larvas, tudo o encantava. Por outro lado, outras disciplinas de seu currículo foram sendo deixadas de lado, pois não o motivavam. Entre elas, o romeno, o francês e o alemão, tendo este idioma se tornado matéria obrigatória com a ocupação germânica na Romênia. Isso lhe trouxe algumas dificuldades com os outros professores, mas ele sempre contou com a proteção de seu mestre Moisesco, conseguindo, assim, concluir as disciplinas, embora, em muitas delas, tenha sido aprovado por meio do recurso escolar de recuperação ou prova final.

Ao descobrir que os alunos realizavam trocas de livros entre si, novas alternativas literárias lhe surgiram. Ele percebeu a importância de montar sua própria biblioteca com os livros que mais lhe interessavam. As inúmeras leituras favoreceram a qualidade de suas redações. Em determinado dia, o professor de letras, ao passar por entre os alunos, chegou próximo à sua carteira e pediu-lhe o

caderno. Ao indagar a origem de um conto ali escrito, soube que era de autoria do garoto e disse em voz alta: “Bravo. Isto merece um dez”. Comunicou o fato também aos demais professores, cuja curiosidade levou até o jovem aluno para tomarem conhecimento do que havia no citado caderno. Esse reconhecimento foi fundamental para o autor. Referindo-se a esse fato, relatou Eliade:

[...] esta experiência teve para mim consequências muito importantes. Acabava de descobrir que, com a ajuda da “inspiração”, era-me tão fácil, embora menos rápido, expressar-me por escrito quanto encenar em minha imaginação, tal como eu fazia antes, as aventuras do meu exército secreto. [...] agora tinha a impressão de haver encontrado enfim a chave que me daria acesso ao reino da escritura, e essa chave era a “inspiração”. Eu já conhecia esse estado de transe ligeiro, essa euforia que se apoderava de mim e me obrigava a fixar o olhar em um objeto ou a contemplar um canto da parede durante um tempo indefinido sem ter consciência disto (ELIADE, 1982, p. 54).

Creio que essa descoberta represente um dos primeiros passos da trajetória autoral de Eliade, quando compreendeu quais eram as condições necessárias para tornar-se escritor. Ele sabia, no entanto, que dedicaria pouco tempo à literatura, que produziria apenas quando muito inspirado (ELIADE, 1982, p. 56). Estava consciente da responsabilidade com os demais estudos: física, química, ciências ocultas, orientalismo, filosofia, etc. A química o fascinava. Chegou mesmo a montar, entre 1919 e 1920, um laboratório, considerado o mais completo entre aqueles dos alunos. Seu professor, sabendo do

interesse que nutria por essa matéria, permitiu-lhe acesso ao laboratório da escola para suas pesquisas. Em 1920, ano em que seu irmão Nicolas, chamado por todos de Micu, foi para a academia militar, apareceu seu primeiro artigo no *Diário de Ciências Populares*, uma publicação do Instituto. Tal acontecimento marcou profundamente Eliade:

Quando vi pela primeira vez meu nome, não apenas impresso no alto da coluna, abaixo do título, mas também no final do artigo, meu coração começou a bater com mais força. Durante o trajeto entre a banca onde havia comprado a revista e minha casa, tive a impressão de que todos os olhares se fixavam em mim. Com ar triunfal, mostrei o artigo a meus pais (ELLIADÉ, 1982, p. 60).

A pedido de Dan Dimiu, diretor da revista, Mircea Eliade passou a ser um colaborador permanente.

Em 1921 chegou o momento de escolher as matérias que deveria cursar. Eram divididas em três grupos: reais (matemática e física), modernas (latim e matemática) e clássicas (grego e latim). Decidiu-se pelo primeiro, mas sua indiferença à matemática levou-o a conflitos com o professor e a um profundo desinteresse pelas aulas, razão por que posteriormente mudaria de área de estudo. Ainda nesse ano, começou a escrever seu diário, mas lhe sobrava pouco tempo para tal tarefa, pois passava praticamente todo o dia no laboratório realizando pesquisas com insetos e plantas. Assim, muitas vezes varava noites escrevendo. Registrava tudo o que ocorria nas reuniões, festas de amigos, escola, etc., uma prática que perdurou ao longo de quase toda sua existência, sendo abandonada por problemas de saúde, já no final de sua vida, como veremos mais adiante.

Apesar do aumento da miopia, o jovem escritor continuava seus trabalhos tanto individual como coletivamente. Na companhia de amigos, criou A Musa, um grupo de crítica literária. Ainda que começasse a vivenciar novamente crises de melancolia e tristeza, empenhava-se na leitura de tudo o que lhe chegava às mãos. Para ele, as causas de tal estado de espírito eram diversas e de difícil compreensão. Muitos anos depois, ao fazer referência a esse fato, diria:

A origem de minha tristeza era múltipla e obscura, o que tornava mais difícil defender-me contra ela. Às vezes aparecia e me invadia por onde menos esperava. Desde minha mais tenra infância, sentia-me um ser à parte, insólito e único, e há anos me contorcia em uma solidão desmesurada (ELIADE, 1982, p. 78).

Eliade começou, durante esse período, a escrever uma novela cujo protagonista era um jovem míope. Os amigos que leram o texto logo perceberam tratar-se de um autorretrato. Características físicas, os livros preferidos, os lugares visitados, tudo apontava para uma identificação entre autor e personagem. Nesse momento de sua trajetória intelectual, Eliade entrou em contato com as obras de Giovanni Papini, e seu apreço maior recaiu sobre o livro *Um homem acabado*. Identificou-se tanto com a obra e com o autor (que também era míope e tímido) que se sentiu estimulado a aprender italiano e lê-lo no original. Chegou, inclusive, a estabelecer contato com o autor italiano, sendo convidado a visitá-lo em Florença. Em biografia sobre Eliade, descreveu Mariotti:

“Mircea considerava Papini o seu modelo de erudito e de escritor, louvava a ousadia e a coragem intelectual, a independência em relação às correntes

culturais, mas sobretudo a liberdade de pensamento filosófico e político” (MARIOTTI, 2007, p. 19).

Na escola, percebeu-se uma mudança em suas motivações. A química e a física, que tanto lhe davam prazer, foram paulatinamente substituídas por outros saberes: filosofia, orientalismo, história das religiões. Interessava-se em pesquisar sobre o Antigo Oriente e os caldeus. Nesse contexto, teve no professor Locusteanu, que lecionava latim, o estímulo necessário para os novos estudos. A atividade de escrita continuava intensa; em 1925 festejou em sua casa, acompanhado de familiares e amigos, a publicação de seu centésimo artigo (ELIADE, 1982, p. 98). A expectativa era de que pudesse lançar em breve *O romance do adolescente míope*.

Ainda em 1925, concluiu, com muito sofrimento, os estudos secundários. As provas a serem feitas versavam sobre matérias que não mais o interessavam, às quais reservara pouco tempo de estudo. Conseguiu com dificuldade ser aprovado, graças à intervenção de alguns professores. Estava livre do sistema rígido de estudos.

Também nesse ano, quase morreu. Ele e outros alunos do Instituto resolveram comprar um barco e viajar durante as férias pelo rio Danúbio até alcançar o mar. À embarcação, que media doze metros de comprimento, deram o nome de Nariz ao Vento. Tudo ia bem, quando, em plena noite, foram surpreendidos por uma tempestade. Estavam em alto-mar. Iluminados pelos raios que caíam incessantemente e aterrorizados pelo imenso abismo líquido, quase sucumbiram aos ventos fortes e às imensas e violentas ondas.

[...] naquela noite de tempestade, o medo de morrer afogado não conseguiu apoderar-se de mim a ponto de paralisar-me. Sabia que estávamos todos à mercê dos elementos desenfreados e que não poderíamos

esperar qualquer salvação. Esse sentimento de impotência absoluta tinha, pelo contrário, algo de tranquilizador, e eu me sentia estranhamente sereno. Já que não podia fazer nada, minha disponibilidade era total. Vontade, intelecto, todas as minhas faculdades psíquicas estavam livres, talvez pela primeira vez, e não havia nada a que aplicá-las naquele momento (ELIADE, 1982, p. 92-93).

Sobre esse acontecimento, ele escreveu um relato denominado “Quando o dia se levanta ao mar”, que foi publicado na *Revista a Este-Oeste*, fundada por ele e outros dois amigos, Radu Capriel e Íon Anestin (ELIADE, 1982, p. 95).

DA UNIVERSIDADE E DOS NOVOS INTERESSES

O JOVEM UNIVERSITÁRIO

Com dezoito anos, Eliade foi aprovado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Bucareste. A liberdade do espaço acadêmico o incentivou a participar de diversas iniciativas estudantis: grupos de estudos e cantos, festas, visitas a casa de estudantes, criação de revistas. Também, aos poucos, foi conhecendo os vários professores; entre eles, Radulesco-Motru. Este, com aproximadamente sessenta anos, era um homem rígido, vagaroso na fala, que lecionava filosofia da ciência. Eliade apreciou mais a leitura de seu livro *Curso de psicologia* que suas aulas. De concreto, nada de novo aprendeu com ele (ELIADE, 1982, p. 103). Também não o empolgou o magistério do jovem professor Mircea Florian, especialista em história da filosofia. Quem mais lhe chamou a atenção foi Nae Ionesco, professor de lógica e metafísica, com quem manteve uma amizade duradoura. Sobre o filósofo comentou:

Quando Nae Ionesco falava, não tinha nada de professor nem de conferencista. Não dissertava, mas conversava com cada um de nós, como se nos narrasse uma história, apresentando uma série de fatos, sugerindo uma interpretação entre outras e esperando nossas reações. Suas aulas davam a impressão de esboçar um diálogo no qual se convidava cada um de nós a participar e a comunicar suas próprias reflexões [...]. Do alto de um estrado, um homem se dirigia diretamente a nós, expunha um problema e nos ensinava a resolvê-lo por nós mesmos. Obrigava-nos a pensar (ELIADE, 1982, p. 105).

O ano de 1926 foi de muita dedicação aos estudos. Na área filosófica, leu Bacon, Kant, Malebranche, mas seu empenho maior foi

no estudo de história da religião. Para maximizar sua produtividade, procurou técnicas que lhe permitissem dormir menos e aproveitar seu tempo com leituras; queria superar os limites humanos, transcendê-los com a força de sua vontade. Sabia das possibilidades infinitas do homem e da disciplina necessária para alcançá-las (ELIADE, 1982, p. 113). Maravilhou-se com a leitura do livro de Jules Payot, *A educação da vontade* (MARIOTTI, 2007, p. 16). Com determinação produziu muito e publicou em vários jornais e revistas. Seus limites físicos, no entanto, eram evidentes; sua miopia exigia tempos de descanso. Ao final do semestre letivo, apesar de não ter lido todos os textos solicitados pelos professores, apresentou diante da banca examinadora um conhecimento que lhe garantiu a aprovação.

No retorno às aulas, convenceu amigos a inaugurarem a *Revista Universitária* e passou a ser um de seus redatores. O periódico, contudo, não teve vida longa. A publicação de um artigo crítico que elaborou sobre Nicolae Iorga causou mal-estar na comunidade acadêmica. A presunção do universitário, ao afrontar o importante escritor, obrigou-o a deixar a revista, selando também o fim desta. Embora magoado com o texto, o reconhecido pensador romeno, quando se encontrava à frente do Ministério da Educação, renovou a bolsa de Eliade, permitindo-lhe continuar seus estudos na Universidade de Calcutá (ELIADE, 1982, p. 117). Posteriormente, o jovem voltou a fazer críticas ao pensamento de Iorga, mas não obteve autorização para publicar os artigos⁵. Não

5 Para serem publicados na revista *Cuvântul*, os artigos de Eliade deveriam ter o aval do diretor Titus Enacovic ou de Nae Ionesco, em função das críticas que ele fizera a Iorga. Isso deixou o jovem lente bastante humilhado. Comunicou a Ionesco que deixaria a revista. Este respondeu: “Faça o que achar melhor, porém, se com sua idade não pode aceitar que alguém maior que você lhe dê uma lição, é um mal sintoma”. E concluiu: “O que disse você de Iorga e de seu método está perfeitamente justificado. Contudo, de toda forma, deve ser objeto de um estudo completo e profundo” (ELIADE, 1982, p. 122). Sabiam eles do potencial do jovem escritor que eles admiravam, mas as críticas apressadas não eram aceitáveis, sobretudo a um escritor e historiador que era respeitado por todos.

obstante o constrangimento do episódio, o estudante continuou seu trabalho, com novos textos. A qualidade de suas elaborações continuava a ser reconhecida por seus mestres e professores. Seu prestígio aumentou ainda mais quando divulgou um capítulo da obra *O romance do adolescente míope*. Aí estava evidenciada sua aptidão literária.

Em 1927 o Instituto Spiru Haret organizou uma viagem à Itália, abrindo vagas para seus ex-alunos. Ajudado financeiramente por sua mãe, Eliade aproveitou a oportunidade para conhecer pessoalmente escritores italianos com os quais mantinha contato, assim como para visitar museus, lugares históricos. Considerou a viagem como um dos acontecimentos mais importantes de sua vida até aquele momento. O grupo era constituído de cinco ou seis universitários, cerca de vinte alunos do último ano de curso secundário e cinco ou seis professores (ELIADE, 1982, p. 123). Em Florença, com as informações que foi conseguindo nas ruas, encontrou a casa de Giovanni Papini. Conheceria enfim um de seus autores prediletos. Assim relatou ele sua chegada à residência do escritor:

Uma alta e fresca casa de pedra cinzenta. Eu subo a escada me perguntando se tudo isto está acontecendo realmente. A empregada me faz entrar em um dos cinco cômodos invadidos pelos livros. É uma sala parecida àquelas das bibliotecas públicas. As prateleiras vão até o teto. Uma longa mesa no meio. No canto, uma escada portátil. Enquanto isso, lanço um rápido olhar sobre os livros. Todos estes títulos me deixam zonzos, todos estes volumes e estes cadernos me dão inveja. Sobre a estante diante da qual eu me encontrava, estavam os tomos de Loizy, as traduções bíblicas de Luzzi, monografias financeiras, uma grande

coleção de santos italianos e de manuais sobre o Novo Testamento. Eu me lembrei de que Papini tinha tido uma infância triste e atormentada por desejar livros e de que sua extrema pobreza o impedia de comprá-los (ELIADE, 1992a, p. 79).

Quando a porta interna se abre, um homem enorme aparece e lhe estende as mãos, indicando-lhe, em seguida, uma cadeira para sentar-se. Foram duas horas de conversa infatigável. “[...] uma conversa rica de sentido e quente de simpatia” (ELIADE, 1992a, p. 80) por entre os livros e os cigarros.

A pedido do pensador italiano, Eliade falou dos estudos que realizava e das perspectivas que tinha para o futuro. Ainda fez várias perguntas, sobre igreja, mística, filosofia, literatura. Papini mencionou os novos pensadores italianos que eram desconhecidos pelo jovem, especificamente Pietro Zanfognini e Guido Manacorda. Comentou a influência, que ele julgava perversa, de Hegel sobre os intelectuais da Itália, seu desacordo com Benedetto Croce, o desconhecimento que tinha de Giovanni Gentile. Discorreu sobre Boaventura (1218-1274), segundo ele o maior místico italiano católico, assim como sobre Jacopone da Todi (1230-1306), considerado pelo anfitrião um místico metafísico. A mística foi, com efeito, o tema de maior discussão. Eliade, depois de confidenciar-lhe que se identificava muito com o livro *Um homem acabado* (escrito por Papini em 1912), referiu-se à sua própria obra, *O romance do adolescente míope*, expressando o temor de que esta, em decorrência da tamanha influência que Papini exercia sobre ele, pudesse ser considerada plágio. Tranquilizou-o seu mestre: “Não se preocupe, disse-me, de certo modo, todos os intelectuais se parecem. Porém, de qualquer modo, ninguém se parece com ninguém, nem consigo mesmo” (ELIADE, 1982, p. 124).

Concluída a conversa, e tendo presenteado o visitante, Papini conduziu-o até a porta, colocando-se à disposição para ajudá-lo caso precisasse de algo, e o convidou a retornar em breve. Após deixar a residência de Papini, escreveu nosso autor: “Eu desço a escadaria e me encontro na rua, com sorriso no coração. Eu paro e escuto: Florença me chama, tentadora. E eu vago pelas ruas, sob as primeiras luzes que se acendem” (ELIADE, 1992a, p. 87). Ao lembrar a conversa com o escritor, Eliade é inundado por uma inexplicável decepção, talvez decorrente do esvaziamento do sonho depois que este se realiza. Embora a figura de Papini se lhe apresentasse exatamente como ele a concebera, o encontro com o homem real pareceu subtrair-lhe o privilégio de poder idealizá-lo, mitificá-lo. Certamente alguém que no passado tenha testemunhado sua alegria diante da leitura de *Um homem acabado* não acreditaria que ele pudesse sentir o que sentiu após o encontro com um de seus escritores prediletos.

Já em Roma, onde permaneceu por uma semana, foi convidado a participar da abertura do curso de língua e literatura romana, oferecido pelo professor Claudiu Isopescu na Universidade de Roma. Isopescu já era reconhecido na Itália por seus trabalhos e publicações. Chamou a atenção de Eliade o fato de ele não cobrar honorários pelos textos que escrevia sobre a Romênia. Também visitou o colégio Mamiani, um dos maiores liceus de Roma; foi recebido com muito carinho pelos alunos e professores. Teve a oportunidade de conversar com o professor Alfredo Panzini, muito querido pelos discentes da escola. Panzini agradeceu a Eliade por ter propiciado a publicação de seus artigos no *Cuvântul (A Palavra)*; fez-lhe perguntas sobre a Romênia e sobre como ele percebia a Itália naquele contexto histórico da experiência fascista.

De sua estadia na cidade, enaltece o encontro com Ernesto Buonaiuti. Por ele foi presenteado com suas obras mais recentes, *Mística medieval* e *As origens do ascetismo cristão*. A Eliade o escritor

confessou que sua maior alegria fora a ordenação sacerdotal de seu filho. Quando chegou ao hotel, o romeno escreveu tudo o que havia ouvido de Buonaiuti. Inclusive publicou de forma ingênua uma manifestação deste de despreço ao nazismo e a Mussolini. Isso custou uma investigação por parte da polícia italiana sobre o escritor. Sabendo da imaturidade do jovem visitante, Buonaiuti não o incriminou e procurou se justificar diante das autoridades. E, embora tivesse suas discordâncias com o regime fascista, nunca foi perseguido por Mussolini, pois procurava se manter distante da discussão política (ELIADE, 1982, p. 126).

Em Nápoles, além de conhecer alguns lugares históricos – Vesúvio e Pompeia –, Eliade visitou Vittorio Macchioro, diretor do Museu Nacional de Nápoles e especialista em orfismo. Dele havia recebido diversos livros, provenientes, inclusive, de sua biblioteca pessoal. Sobre sua ida à casa do escritor registrou:

Sua filha Anna, mais ou menos de minha idade, abriu-me a porta e me fez entrar na biblioteca. Vittorio Macchioro tinha aproximadamente uns cinquenta anos: era uma pessoa muito vivaz e faladora, estava calvo e usava óculos. Depois de discutir sobre o estudo crítico que eu estava preparando, fez-me algumas perguntas sobre a Romênia. Eu falei com entusiasmo de nossos grandes poetas e escritores. Ele falou do seu ilustre vizinho Benedetto Croce e da Vila dos Mistérios – na qual ele via uma capela órfica, interpretação, por outro lado, muito controversa –, e de seus conceitos religiosos. Via no movimento quacre o ideal mesmo de toda comunidade religiosa (ELIADE, 1982, p. 127).

Eliade identificava-se com os escritos de Macchioro. A partir das conversas que teve com ele, publicou um artigo apontando seu antifascismo. Com isso o inadvertido jovem escritor quase criou dificuldades para Macchioro, que, vendo ameaçado seu cargo no Museu Nacional, alegou perante as autoridades que o visitante cometera um engano, fruto de má compreensão do idioma italiano. Posteriormente enviaria uma carta ao romeno condenando-lhe a falta de discrição.

Eliade ainda retornaria à Itália durante a faculdade, mas, dessa vez, com a preocupação de reunir material que o auxiliasse na elaboração de sua monografia. Nesse contexto, os interesses do jovem filósofo haviam mudado. Abandonou a física, a química, a alquimia, Kierkegaard, Novalis e passou a se concentrar na mística, na filosofia oriental. Foi nesse novo universo de busca que começou a escrever sobre alguns pensadores do Renascimento: Campanella, Giordano Bruno e Pico della Mirandola. Ele explicitaria então que “no Renascimento italiano encontrava essa exaltação das possibilidades do homem, a noção de liberdade criadora e esse gigantismo quase luciferiano que me obcecavam na juventude” (ELIADE, 1982, p. 129-130).

Emergiu em sua consciência, naquele momento, a ideia de pertencimento a uma nova geração de pensadores romenos. Ele começou a se perceber como parte de uma história, de um povo, de uma cultura. Entendeu que o momento em que vivia era distinto do experimentado pelas gerações passadas. Atinou, por isso, com o compromisso e a responsabilidade que lhe cabiam com relação a seu tempo. Passou a escrever então uma série de artigos intitulada *Itinerário Espiritual*, em que relatava suas experiências pessoais como parte de algo maior, parte tanto da sociedade da qual fazia parte quanto da cultura humana como um todo. Por meio desses escritos, estabeleceu relação e discussão com vários interlocutores. Acreditava que, mesmo com sua faceta macabra e desumana, que não podia ser ignorada, a guerra reunificara seu país, e que assim se realizaria o sonho

de gerações passadas. Estava convicto de que se deveriam colocar em questionamento as ciências, o iluminismo, a capacidade da razão, o agnosticismo, etc. Assim sendo, a nova geração, em sua visão, deveria buscar a liberdade para sua terra e novos caminhos e sentido para o próprio existir. Estavam livres para isso. Essa era a “sua missão histórica; a saber, a unificação do país” (ELIADE, 1982, p. 133).

Embora o anseio de Eliade tenha sido considerado importante, seus amigos e professores o ajudaram a avaliar os limites de sua pretensão com base em uma compreensão mais ampla da cultura romena, do cristianismo oriental e das tradições religiosas romenas. Apesar de tudo, continuava convicto do papel e da missão da nova geração.

Esta geração além do mais é caracterizada por uma exaltação da vida interior, da afirmação do “primado da espiritualidade”, contrapondo a religião cristã aos ideais positivistas e ao otimismo científico, que na visão de Eliade estava se espalhando como um câncer (MARIOTTI, 2007, p. 32).

Entre os seus novos interlocutores podemos citar Serban Cioculesco, Mircea Vulcănescu e Paul Sterian, que haviam regressado de Paris. Empenhava-se em despertar e sensibilizar os jovens. Com esse intuito, escreveu uma série de artigos sob o título Cartas a um Provinciano. Não havia tempo a perder, tornava-se importante que a nova geração pudesse aproveitar ao máximo a liberdade existente. “A meu ‘provinciano’ pedia, tal como exigia de mim mesmo, um esforço sobre-humano para aprender a realizar tudo o que os nossos predecessores não haviam aprendido nem realizado” (ELIADE, 1982, p. 137). Porém, com a ditadura real em 1939, seguida da guerra e da ocupação soviética, nasceu um silêncio cultural, em que pouco se produziu. Diante disso, o pensador romeno salientou:

“Eu não estava equivocado. Considerando bem, minha geração teve somente doze anos de liberdade criadora. A ditadura real se instaurou em 1939; depois veio a guerra e, em 1945, a ocupação soviética. Desde então tudo emudeceu” (ELIADE, 1982, p. 137).

Foi em 1927 a primeira vez que Eliade falou em público. A convite da Fundação Carol I, que organizava um ciclo de conferências sobre o romantismo, discursou sobre o tema Romantismo e Religião. A tensão inicial foi substituída por um fluir tranquilo de palavras; a plateia estava atenta a tudo o que ele dizia. Os aplausos recebidos ao final de seu pronunciamento indicaram o quanto havia agradado aos presentes (ELIADE, 1982, p. 139). Mais tarde, na cervejaria, pôde completar, na conversa com seus amigos, sua explanação, assinalando alguns pontos sobre os quais ele havia deixado de falar.

No ano seguinte, Eliade permaneceu três meses na Itália. Passava as manhãs percorrendo as bibliotecas de Roma, atrás de material para seus estudos, à tarde fazia caminhadas pelas ruas da cidade e, durante a noite, escrevia seu trabalho monográfico de final de curso e alguns artigos para publicação. Procurou também aprofundar seus conhecimentos sobre a Índia e a filosofia hindu⁶. O material disponível na Romênia não se comparava àquele encontrado na Itália; não havia tempo a perder, e o descanso era escasso.

6 Muitos anos depois, como pesquisador consagrado, Eliade expressaria assim as razões de seu interesse pela filosofia hindu: “Creio que meu interesse pela filosofia e ascese hindu se explica assim: A Índia esteve obcecada pela liberdade, pela autonomia absoluta. Não de uma maneira ingênua, caprichosa, mas tendo em conta os inúmeros condicionamentos do homem, estudando-os objetivamente, experimentalmente (Yoga) e esforçando-se para encontrar o instrumento que permita aboli-los ou transcendê-los. Melhor ainda que o cristianismo, a espiritualidade hindu tem o mérito de introduzir a Liberdade no Cosmo. O modo de ser de um *jivanmukta* não está *dado* no Cosmo; pelo contrário, em um universo dominado pelas leis, a liberdade absoluta é impensável. A Índia tem o mérito de ter acrescentado uma nova dimensão no Universo: a de existir livre” (ELIADE, 1989a, p. 122).

Em uma tarde do mês de maio, deparou-se com o volumoso livro do filósofo indiano Surendranath Dasgupta, *A history of Indian philosophy (Uma história da filosofia indiana)*. A obra era resultado de cinco anos de pesquisa na Cambridge University Press e não teria sido realizada e publicada sem o apoio financeiro do marajá bengalês Manindra Chandra Nandy. Eliade teve então a ideia de escrever para Nandy, pedindo-lhe uma bolsa para estudar filosofia indiana em Calcutá sob supervisão de Dasgupta. Passados três meses, recebeu a resposta: o marajá lhe concedia recursos não apenas para um ano, como Eliade havia solicitado, mas para cinco. No entender do benfeitor, o tempo pedido não era suficiente para o jovem romeno realizar todos os estudos que desejava.

Li e reli a carta como um sonho. Depois corri imediatamente a comunicá-la a minha mãe. Nessa mesma tarde, respondi ao marajá e lhe comuniquei a minha alegria em poder passar cinco anos em Calcutá, ao lado de Dasgupta. Quanto à soma mensal que necessitaria, deixava-a a sua discricção. Tive muito cuidado ao passar a limpo a carta, de tanto que me tremia a mão pela emoção. Naquela noite as perguntas que se acumulavam em minha cabeça me impediram de dormir: Quanto custaria a viagem? Qual seria o trajeto adequado? Deveria chegar a Bombaim e atravessar a Índia de trem até Calcutá? Não seria melhor viajar de barco até Calcutá, rodeando o subcontinente? (ELIADE, 1982, p. 151).

Sempre levava consigo as palavras de seu mestre Nae Ionesco: a melhor maneira de estudar uma filosofia é dirigir-se ao lugar onde ela se formou. Antes de sua saída, pensou em escrever, com a

colaboração de amigos, *O espírito e a letra*, uma publicação de filosofia religiosa, o que acabou por não se concretizar. Teve nesse momento a oportunidade de fazer amizade com Ionel Jianu e Petre Comanescu, ambos interessados em filosofia da religião; conheceu-os através de Mihail Polihroniade, colega da época em que esteve no Instituto Spiru Haret (ELIADE, 1982, p. 150).

Nae Ionesco, ao receber do próprio Eliade a notícia de que o romeno iria para a Índia realizar seus estudos, prometeu ajudá-lo em sua viagem. O *Cuvântul* havia passado por uma situação financeira difícil, mas já se recuperara e ajudaria aquele que foi desde muito cedo um de seus melhores colaboradores. Em outubro, Eliade apresentou seu trabalho de conclusão de curso, com o título *Contribuição à filosofia da renascença*⁷. Participaram da banca Petre Paul Negulescu e Mircea Florian. Concluiu o trabalho com as seguintes palavras:

A renascença não fez o seu próprio movimento filosófico. Nossa exposição, ainda que sumária, mostra que houve uma efervescência espiritual de germes preciosos e um grupo de pensadores que, longe de serem abafados pela escolástica, lançaram as primeiras intuições dos métodos e dos valores modernos (ELIADE, 1992a, p. 59).

7 Eliade conseguiu escrever apenas três capítulos daquilo que havia projetado para o trabalho monográfico final. O projeto completo original ficara muito extenso e estava assim distribuído: Introdução – A metafísica medieval e o naturalismo da renascença; Capítulo I – O humanismo, os concílios e a chegada dos gregos na Itália; Capítulo II – A restauração dos valores antigos; Capítulo III – A renascença na Espanha; Capítulo IV – A filosofia da renascença no norte; Capítulo V – Sistemas intermediários: Jérôme Cardan, Nicolau de Cusa, Giambattista Porta; Capítulo VI – O primado da natureza e da experiência; a filosofia e a ciência; Leonardo e Galileu; Capítulo VII – Giordano Bruno; Capítulo VIII – Campanella e os fundamentos da filosofia moderna; Capítulo IX – Maquiavel e o indivíduo; Conclusão; Apêndice: As experiências religiosas e as reformas dogmáticas durante a Renascença (ELIADE, 1992a, p. 9).

Não obstante a alegria de ter sido aprovado, encontrava-se muito triste. A mulher por quem estava apaixonado, embora correspondesse a seu amor, resolveu, em função do projeto de Eliade de estudar na Índia, assumir compromisso com um oficial da Marinha, que, dois anos antes, havia lhe pedido em casamento. Em meio ao sofrimento provocado por esse fato, o escritor romeno cogitou abandonar os estudos em terras distantes e juntar-se a ela. Depois de muito refletir, ponderou que seu lugar não era mais ali (ELIADE, 1982, p. 153). Ainda que nutrisse um intenso sentimento amoroso, não havia mais como recuar. Para romper com o passado, retirou-se para a propriedade de um amigo e retomou a escrita d'*O romance do adolescente míope*, adicionando uma segunda parte. Concomitantemente começou a escrever outro romance, *Gaudeamus*. Era o prenúncio de sua despedida de Bucareste; era hora não apenas de renunciar a um amor, mas a tudo que o prendia àquele lugar. Deveria estar livre para novas buscas. O marajá escrevera novamente, assegurando-lhe a bolsa, e Dasgupta já manifestara a satisfação de orientá-lo em seus estudos.

Formou-se em outubro de 1928 e, no mês seguinte, partiu em viagem. Despediu-se do pai e da mãe, e sua irmã Corina o acompanhou até a estação. Radu Bossie, Haig Acterian, Ionel Jianu e Polihroniade o esperavam para a despedida. No dia anterior, encontrara com o amigo Nae Ionesco. “Os momentos de adeus me pareceram eternos, mas o apito soou por fim e o trem se pôs em marcha lentamente” (ELIADE, 1982, p. 155).

DO ENCONTRO COM A ÍNDIA

OS ESTUDOS SOB ORIENTAÇÃO DE DASGUPTA

A partir do dia 28 de novembro de 1928, durante seis semanas, Eliade percorreu os caminhos que o levariam à Índia. Atravessando o Mar Mediterrâneo chegou ao Egito, passando por Alexandria, Cairo e Port Said. A satisfação foi imensa quando, no lombo de um camelo, pôde pela primeira vez avistar as pirâmides e passear pelos bairros populares do Cairo (ELIADE, 1982, p. 160). Depois, a bordo de um Hakon Maru, desceu o Mar Vermelho e navegou pelo Oceano Índico para chegar ao Ceilão (atual Sri Lanka). Lugares que conhecia apenas através de livros tornavam-se parte de sua realidade concreta, podia vê-los, senti-los. Após duas semanas no mar, o transatlântico aportou, à meia-noite do dia 17 de dezembro, em Colombo. Antes mesmo de sua chegada, Eliade já sentia a proximidade da ilha, a brisa trazia aromas de flores desconhecidas que o perseguiriam durante muito tempo. Deslumbrava-se com a beleza do céu, e brotava dentro dele uma imensa alegria por estar vivo. Sua viagem continuou em direção a Kandy, a segunda maior cidade do Ceilão. No trem apreciava as mais variadas vegetações, serras, perfumes.

Quando ao meio-dia chegas a Kandy, no alto das montanhas voltas a te misturar com os homens com a indescritível sensação de teres assistido a um prodígio, a uma monstruosidade ou a algo sagrado, a algo excepcional e irracional que não estás em condição de julgar nem de imitar. Há tantas coisas para se ver nesta pérola do Ceilão, neste ensolarado paraíso, com dezenas de templos e com seu deleitoso lago, ficamos sem saber o que fazer, aonde ir, a quem perguntar (ELIADE, 2000a, p. 44-45).

Após Kandy, dirige-se mais para o norte e alcança Anuradhapura, antiga capital do país, fundada no século IV a. C. Chegar ali era desprender-se da própria civilização. Eliade não perdeu tempo, procurou conhecer toda a cidade, suas colunas, templos, monastérios. Ao cair da tarde, seguiu de trem até Talai Mannar, de onde pegou um vapor (ELIADE, 2000a, p. 47). Durante duas horas, fez a travessia por um mar tranquilo. Chegou à Índia passando por Danushkodi, o ponto mais meridional da península. Em seguida se dirigiu para Rameshwaram, no sul da Índia, onde passou a primeira noite na casa do venerável Ramchandra Gangadhar, que o acolheu. Este líder religioso passava grande parte de seu tempo sentado em uma esteira, com postura similar à de uma estátua. Auxiliado por um intérprete, conversava com suas visitas em sânscrito ou em algum dialeto.

Um dos momentos da visita foi assim expresso pelo jovem romeno: “A emoção da minha primeira etapa índica está ligada à impressão sentida ao aproximar-me do famoso templo de Rameshwaram, ao choque que senti diante de seu esplendor selvagem e inumano” (ELIADE, 1982, p. 160). Rameshwaram é um lugar sagrado para os indianos, porém, diferentemente de outros templos do país, como, por exemplo, o de Benares – cidade incluída entre as sete que os hinduístas consideram sagradas –, não é muito conhecido entre os europeus.

Eliade se empenha em conhecer detalhes do majestoso templo – o maior do sul da Índia –, suas colunas, figuras, adornos, construídos com a participação de Vara Raja Sekkarar, proveniente de Kandy. Após a breve visita, ele prossegue sua viagem. No trem faz amizade com um jovem que voltava de Rameshwaram. Sabendo que o romeno ficaria um dia em Madura, o rapaz lhe oferece hospedagem na casa de seu irmão Chandulal Gavendas, conhecido comerciante da cidade. Eliade pôde visitar com o anfitrião o templo da deusa Minakshi, passando a compreender a história daquele lugar sagrado, a simbologia presente nas figuras, desenhos.

Sua viagem continuou em direção a Madras. Na nova cidade, fez contato com monjas católicas que viviam em um convento construído com pedras brancas. A superiora da casa ficou muito contente em encontrar alguém que falava francês, na expectativa de obter notícias de terras distantes por ela conhecidas. Dezesseis dessas monjas haviam chegado de Roma há pouco tempo, algumas não tinham ainda completado vinte anos de idade. Eliade conheceu as largas ruas asfaltadas da cidade, as casas distribuídas por entre os parques, crianças pedindo esmolas, as grandes avenidas diante do mar, barracas de pescadores, hotéis, jardins, pontes, assim como a casa de uma missão sueca, onde ficou hospedado. Pouco dormiu, os vizinhos o assustavam: lagartos, aranhas, pardais; sempre vistos quando se acendia a luz. As noites, no entanto, eram um deleite, um silêncio nostálgico. Comentaria ele em seu diário:

A noite da Índia meridional não é a noite de Dobruja, não é a noite de nossas montanhas, não é a noite da Itália. Entre essas e outras noites se estende a Arábia. Aqui, a contemplação do céu inevitavelmente te provoca estranhas interrogações e meditações. A noite em todas as partes tem sido signo de mistério. Porém existe uma noite do poema latino, uma noite dos românticos franceses, uma noite de Novalis. Poderíamos fazer uma classificação segundo a companhia que nos impõe a noite: Deus, a mulher, a alma. Aqui na Índia, o acompanhante é sempre o mesmo: a alma. Por isso os poetas e os pensadores da Índia parecem tão estranhos; têm passado demasiado tempo com eles mesmos (ELLIADÉ, 2000a, p. 60).

Depois da longa peregrinação, chegou a Calcutá no dia 26 de dezembro e alojou-se em uma pensão anglo-indiana recomendada pelo professor Dasgupta. Ali foi bem recebido pelo Sr. Perry, proprietário do lugar, que lhe arrumou um quarto e uma grande mesa, junto à qual Eliade passaria boa parte de seu tempo. Dividiu seu quarto com Lobo, um jovem português que estava se especializando em telegrafia.

Transcorrida uma semana desde sua chegada, recebeu um comunicado do professor Dasgupta: o marajá que lhe dera a bolsa aguardava para conhecê-lo pessoalmente. Seu benfeitor era um velho frágil, vestia roupas simples, e modesta também era sua casa. Quase toda sua riqueza era investida em instituições culturais e beneficentes, bolsas de estudos, bibliotecas; o próprio Dasgupta contava com sua subvenção (ELIADE, 2000a, p. 119). Em breve conversa, o marajá expressou seu interesse pelos estudos de sânscrito e de filosofia hindu que Eliade se propunha a realizar. Dois anos depois desse encontro, morreu o velho mecenas. Seu herdeiro, contudo, manteve a bolsa por mais seis meses; a grande crise econômica vivida pelo Estado impossibilitou a continuidade do auxílio. As despesas do jovem estudioso passam então a ser custeadas pelo governo romeno.

No mês de março, Eliade inicia novas viagens. De Calcutá, vai em direção ao centro do país, tomando o caminho de Nova Déli, para visitar Benares, Allahabad, Agra e Jaipur, uma distância de aproximadamente 1.500 quilômetros. Sobre Benares comentaria: “É uma cidade banhada de luz, parece uma cidade de conto de fadas, inverossímil e nostálgica” (ELIADE, 2000a, p. 67). Ali desembarcou pela manhã em meio a uma estação bastante agitada: acabara de chegar um *sadhu*, homem santo, que havia deixado as montanhas do Himalaia para banhar-se nas águas do Ganges. As pessoas se aglomeravam para reverenciar o visitante. Uma grande multidão encontrava-se perto do rio para purificar-se em suas águas e em

seguida jogar flores perfumadas por suas margens sagradas. A cidade era um grande espetáculo, onde se encontrava de tudo, inclusive homens com cobras famintas em cestos de juncos. Para o Templo Dourado se encaminhava uma procissão de peregrinos, basicamente indianos, com suas roupas molhadas pelo banho tomado nas águas sagradas. Chamou-lhe a atenção uma cerimônia fúnebre, na qual o cadáver, revestido de uma mortalha branca, era incinerado, enquanto seus parentes se aproximavam para tirar a última fotografia.

Quando começa a arder, parece como se o morto quisesse levantar-se da pira. Crepita, move-se e, em seguida, o fogo devora um pedaço atrás do outro, sob o olhar de seus entes queridos. Somente uma ou outra velha, alguma irmã ou esposa mais fraca de espírito enxugam algumas lágrimas. Os demais o contemplam e o felicitam mentalmente, porque o destino apiedou-se dele e o retirou deste vale de lágrimas (ELIADE, 2000a, p. 71).

As cinzas foram jogadas no rio, e o que ficou do corpo seria devorado pelos crocodilos, corvos e abutres. Certamente todo esse ritual escondia um sentido: “Para os hindus, o barro do homem não merece outra sorte” (ELIADE, 2000a, p. 71).

Com a chegada da noite, as ruas se esvaziavam e os templos voltavam ao silêncio e à tranquilidade. É a cidade “[...] calada por um momento, pensando no sol que sairá no dia seguinte, e que logo dorme. Este é também o mistério da noite oriental, que nasce, como todos os mistérios, todas as noites” (ELIADE, 2000a, p. 73).

A próxima cidade de sua visita, em que já estivera antes, foi a histórica Allahabad, que conta quase três mil anos de existência. Situada na Índia central, no estado de Uttar Pradesh, em área de

confluência dos rios Ganges e Yamuna, é cercada por desertos e plantações de arroz. A cada doze anos, celebra-se aí a festa de La Kumbh Mela, a maior de toda a Índia. A última havia se realizado no início do ano em que Eliade chegou a Calcutá. Uma multidão tomava conta das ruas, caravanas com peregrinos, monges, anacoretas, vagabundos de todos os cantos do país. Allahabad é a “[...] sede das festividades mais santas entre as santas” (ELIADE, 2000a, p. 75). Ele relembrou em seu diário essa viagem, na qual acompanhou as festividades.

Nunca me esquecerei da noite de 25 de janeiro em que fui de Calcutá a Allahabad. Quando passamos em Benares, o calor se fez asfixiante. Estávamos em pleno inverno, porém viajavamos pela Índia central e os ventiladores elétricos já não eram suficientes para um compartimento onde não cabia um alfinete. Não podia mover-se nada. Junto à porta havia um rapaz que descia a cada três estações e nos trazia água, banana, laranjas. As pessoas estavam coladas às janelas, subindo aos porta-bagagens, encolhiam-se debaixo dos assentos. Duas mulheres e uma criança se desvaneceram e, assim, desmaiados chegaram, porque, ainda que querendo, não podíamos apertar mais para dar-lhes lugar, nem socorro poderíamos prestar-lhes. Assim estivemos viajando horas e mais horas, mortos de calor e delirando de febre, ouvindo os mesmos gemidos, o mesmo ruído de rodas, e os mesmos gritos de pessoas espremidas nas estações. Eram trinta vagões com os trinta mil que iam para a Kumbh Mela (ELIADE, 2000a, p. 76).

As pessoas paravam em estações antes da cidade e faziam o resto do percurso a pé; os já quatro milhões de peregrinos não permitiam a chegada de trens, estava tudo bloqueado, sobretudo no dia 29 de janeiro, o ápice das festividades. A precariedade se apresentava em todos os aspectos: nos acampamentos onde se dormia, no local de alimentação, no espaço de locomoção (em terra ou rio), nas procissões em direção ao rio Ganges. A fé era maior do que todas as adversidades, os peregrinos demonstravam “[...] que o corpo é efêmero, a beleza uma ilusão e os encantos corporais uma quimera escondida entre roupas luxuosas” (ELIADE, 2000a, p. 79). Eliade era acompanhado por seu *swami*, que o introduziu no evento religioso.

Ao retornar a Calcutá, prosseguiu de forma obstinada seus estudos em casa. Visitava, ao menos duas vezes por semana, a residência de Dasgupta, onde recebia orientações de leituras e tinha o progresso acompanhado pelo mestre.

[Ele] ajudava-me a resolver algumas dificuldades da gramática do sânscrito e vigiava ao mesmo tempo meu progresso do Sâmkhya-Yoga. [...] Havia conhecido toda sua família; primeiro sua mulher, jovem, bela e encantadora, suas duas filhas, Maitreyi e Shabu, e seu filho, que tinha cinco ou seis anos na época, com o qual eu me esforçava em falar bengalês (ELIADE, 1982, p. 165).

Eliade continuava a produção de artigos e textos literários⁸ para serem publicados em seu país. E não perdia a oportunidade de fazer novas amizades e viajar a lugares desconhecidos.

8 Nesse período Eliade estava escrevendo os capítulos iniciais de *Isabel e as águas do diabo*.

O mês de maio chegou com muita chuva e calor; as tempestades eram permanentes, e as condições de trabalho, péssimas. Aproveitando a viagem de seu professor a Chittagong, Eliade decide fazer uma visita à região do Himalaia, onde ficaria até o final do mês de junho. Ali se hospedou em um pequeno hotel na cidade de Darjeeling⁹. Pela manhã visitava a cidade, à tarde estudava e à noite dedicava-se a escrever suas novelas.

Viajou a Ghoum, onde conheceu mosteiros budistas e a Colina do Tigre, de onde era possível contemplar o monte Everest. Estando ali, resolveu ir um pouco além e visitar Sikkim. Contratou um *serdar*, guia que poderia conduzi-lo até o local pretendido. Foram vários dias de caminhada, passando por Jorepokri, Tonglu, Sandakphu e Kungallow. Seguiram, em meio a densa neve, para Sa-barghan. No caminho foram surpreendidos por um grande ataque de sanguessugas e tiveram de retornar. Eliade relata uma experiência aterrorizante: inúmeros parasitas os atacavam implacavelmente, causando ferimentos por todo o corpo. Na fuga deixaram para trás todo o material que traziam, o qual foi recuperado posteriormente. A viagem, no entender de alguns amigos, havia sido inoportuna; era do conhecimento de todos que, naquele período do ano, em função das chuvas, o ataque de sanguessugas era recorrente. Eliade permaneceu mais alguns dias em Darjeeling (ELIADE, 1982, p. 172). Em fins de junho, retornou a Calcutá.

Dasgupta encarregou um pândita de acompanhar as leituras de Eliade e ajudá-lo na pronúncia do sânscrito. Era um brâmane do norte de Bengala que havia deixado sua mulher e filhos na aldeia para ganhar a vida ensinando gramática de sânscrito onde encontrasse trabalho. Três ou quatro vezes por semana, ele visitava

9 A cidade de Darjeeling (Terra do Raio) situa-se no estado de Bengala, a uma altitude de 2.134 metros, na região do Himalaia. Ela é muito conhecida pela produção de chá preto.

Eliade na pensão, onde permanecia até o fim da tarde. A amizade entre eles permitiu que o pândita confessasse estar enamorado de Hellen, filha do dono da pensão. Ela provavelmente nunca soube desses sentimentos¹⁰.

A VISITA A RABINDRANATH TAGORE EM SHANTINIKETAN

Após algum tempo de estadia em Calcutá, Dasgupta resolveu levar o discípulo para um encontro com o escritor e músico Rabindranath Tagore, uma das figuras mais proeminentes da Índia. Viajaram mais de cem quilômetros para vê-lo. Enquanto o trem cruzava as campinas de arrozais, as palmeiras, os campos inundados, Eliade ouvia com atenção tudo o que seu mestre lhe falava; Dasgupta pretendia iniciá-lo na prática da ioga. O jovem julgava estar vivendo um sonho. À tarde chegaram a Shantiniketan¹¹, lugar

10 O professor foi convidado para ensinar gramática de sânscrito em um distrito de Bengala. Na partida presenteou Eliade com uma fotografia na qual fazia uma bela dedicatória. Continuou mantendo contato com o romeno e sempre lhe mandava cartas recheadas de simbolismo para expressar sua paixão pela filha do dono da pensão. Solicitava ao aluno que as entregasse, mas este sabia da dificuldade que o pândita enfrentaria para estabelecer um relacionamento amoroso com a moça, que, além de provavelmente não compreender as sutilidades do texto, não teria qualquer respeito aos sentimentos manifestos. A alternativa que Eliade encontrou foi destruir as cartas (apenas uma colega que morava na pensão, que era de sua confiança, chegou a ler algumas). Disse ele em seu diário: “Como iria ensinar uma moça insensível e carente de imaginação como Hellen... como ia atrever-me a mostrar-lhe as cartas escritas com diversas tintas, com desenhos nos cantos do papel, desenhos com toda uma mitologia, que representavam deusas vestidas como um europeu? [...] Assim me vi obrigado a destruir todas as cartas porque Helena não aceitaria nem por brincadeira montar uma farsa com ‘índio’” (ELIADE, 1998, p. 57).

11 Este foi o nome que o pai de Tagore deu a um dos lugares de sua propriedade que achou bonito e tranquilo e no qual construiu uma casa. O nome significa “morada da paz”. Nesse lugar, Tagore fundaria posteriormente a escola de seus sonhos. Em 1913 o escritor indiano recebeu o Prêmio Nobel e em 1921 transformou a escola em universidade. Posteriormente, em 1951, ela se tornaria a mais importante universidade da Índia, recebendo alunos de todo o mundo. Entre os seus alunos mais ilustres encontramos Gayatri Devi, Indira Gandhi, Satyajit Ray, Abdul Ghani Khan e o Prêmio Nobel Amartya Sen. Quase todas as áreas do conhecimento ►

do qual Eliade já ouvira falar e havia visto muitas fotos. Na estação, esperaram por um carro, enviado por Tagore para que completassem os três quilômetros que faltavam até o destino final. O veículo deixou Eliade no alojamento onde ficaria hospedado e transportou Dasgupta à casa de Tagore. Os dois se reencontraram no jantar, mas, apenas no dia seguinte, o jovem poderia conhecer Tagore. Durante a noite, quase não dormiu.

Agora, enquanto escrevo isto, trato de definir toda a emoção que me embarga. Não posso dormir e a brisa é muito agradável... Gostaria de fazer tantas coisas... teria que ter feito tantas coisas... Levanto-me da mesa e saio para passear no terraço. Há milhões de grilos e, sem dúvida, não posso dizer que este não seja um parque tranquilo. E o perfume! O céu é autenticamente exasperante; um europeu não poderia trabalhar sob um céu como este [...]. Amanhã verei Tagore. Isso me parece tão irreal, tão teatral... Diria que eu me vejo a mim mesmo, como em sonho, fazendo e falando outras coisas distintas das do rigor. E, contudo, não posso dormir. [...]. Quero pensar em algo preciso, dar-me conta eu também do extraordinário que é tudo o que está acontecendo (ELIADE, 1998, p. 83).

são contempladas nessa universidade, distribuídas em suas faculdades e institutos. A faculdade de arte é reconhecida como uma das melhores do mundo. Sobre Shantiniketan escreveu Eliade em seu diário: “Aqui nasceu Rabindranath Tagore, e também os seus pais e seus avós. Antigamente, toda a comarca era um latifúndio da família Tagore, uma família de príncipes. Aqui no coração de Bengala, Rabindranath conseguiu realizar o seu sonho de mocidade: fundar uma escola onde não se castigassem as crianças, fazer uma cultura sem perturbar a serenidade do jardim. Ele foi quem colocou o nome no lugar: Shantiniketan, quer dizer, ‘casa da paz’. A universidade se chama Vishvabharti e significa ‘de toda a Índia’” (ELIADE, 2000a, p. 205).

Pela manhã, Eliade caminhou pela universidade com Dasgupta e percebeu nos estudantes uma alegria imensa pela experiência que ali viviam. Encantou-se com a biblioteca do local, tanto por seu tamanho, como pela riqueza e valor de seu acervo. Descobriu que o governo francês, a pedido de Tagore, presenteara a universidade com um exemplar de cada livro filosófico e científico existente na França. Naquele espaço conheceu Shastri, um dos filólogos mais importantes de Bengala. Com ele trabalhava um lama tibetano que estava aprendendo o sânscrito. Naquele momento, eles trabalhavam na tradução de um texto tibetano. Nas rápidas palavras que trocou com Shastri, o romeno prometeu retornar com mais tempo. Sorrindo, o filólogo respondeu-lhe que todos que ali passavam diziam o mesmo, mas nunca cumpriam o prometido. Ainda nesse dia, Eliade seguiu para a escola de pinturas, comoveu-se com tudo o que viu (ELIADE, 1998, p. 87).

Dasgupta comunica que, por problemas de saúde, Tagore não receberia Eliade naquele dia. Diante disso, o jovem romeno aproveitou para aprofundar suas pesquisas na biblioteca, onde encontrou coisas interessantes sobre Giuseppe Tucci e Stella Kramrisch. Também recebeu vários estudantes em seu apartamento, que lhe fizeram perguntas sobre suas viagens, seus interesses, seu país. Somente após três dias de espera, pôde enfim conversar com Tagore. Viu nele um homem carismático, encantador e criativo. “Cada instante vivido ao seu lado era uma autêntica revelação” (ELIADE, 1982, p. 174). O ambiente era muito confortável e acolhedor. Eliade preparara um verdadeiro questionário, que Tagore se esforçava para responder, ainda que a tosse o atrapalhasse. Dasgupta pareceu não se interessar muito no diálogo, pois via muito emocionalismo naquilo que o velho poeta dizia, coisa que não lhe agradava.

“O que a Índia teria a oferecer para o Ocidente?” indagara Eliade. O escritor indiano teve dificuldade de responder. Julgava que

Dasgupta, como filósofo, poderia dar explicações mais adequadas. Em seu entender, as possibilidades de contribuição de sua cultura envolviam questões que nem sempre os filósofos sabiam deslindar, ou seja,

[...] como viver, opor-se à morte, ao esgotamento, ao dogmatismo, à rigidez de espírito. Todas estas coisas são tantas outras faces da morte e do mal: a morte da inteligência e da vida interior. E isso a Índia pode ensinar a vosso Ocidente soberbo e morto. A Índia pode revelar à Europa não uma verdade, mas, sim, um caminho, que estamos percorrendo aqui na Índia desde quatro mil anos atrás. A Índia pode ensiná-los que a vida espiritual é alegria, é gozo e dança, umas vezes desenfreada e selvagem, como as chuvas de Bengala, e outras serena e elevada, como o cume do Himalaia. A vida espiritual é inocência e liberdade, drama e êxtases (ELLIADÉ, 2000a, p. 214).

Ao se reportar à inclinação do povo indiano para dar prioridade quase absoluta ao aspecto espiritual, Tagore expressou tristeza por observar na cultura local elementos impostos pelo domínio inglês, que eram completamente estranhos a ela. Ele os definiu como ciências inúteis e afirmou que, embora não trouxessem nenhuma contribuição a seu país, tinham de ser assimiladas pelos estudantes indianos. Estes, se não demonstrassem conhecimento de tais ciências, dificilmente conseguiriam emprego e vida digna. Para o poeta indiano, essa situação de domínio cultural era humilhante. Contudo, a defesa que ele fazia da preservação da cultura local não o impediu de reconhecer algumas imperfeições e vícios nos costumes de seu

país. Muitas vezes sentiu repugnância por seu continente sofrido, maltratado e mestiço, o que o induziu a viajar frequentemente para a Europa. Confessou que nem sempre via como positivas as coisas que concorriam para construir a glória da Índia, falou que às vezes sentia pena da literatura indiana repassada através da tradição oral, manifestou preocupação com a escola e, finalmente, assegurou que buscava realizar

[...] algo concreto e bendito. Integrar a educação escolar no grande dever do homem: o conhecimento de si mesmo e o amor à natureza. Esses dois instintos que são para mim os grandes deveres de uma vida plena, são absolutamente ignorados na educação europeia (ELLIÁDE, 2000a, p. 216).

Continuou as críticas ao Ocidente, observando que a sociedade moderna transformou esse imenso espaço geográfico em palco de depredação do ambiente e de desrespeito às leis naturais. Segundo ele, para conhecer a natureza, seus predadores a abatem e a enjaulam, como evidenciam os museus com suas coleções de espécies existentes e catalogadas já sem vida. Destacou que na Índia, ao contrário do que ocorria na Europa, não havia idólatras.

Não há idólatras aqui porque nenhum crente reza à imagem de deus, mas sim apreende esta imagem, passa-a em sua mente até assimilá-la interiormente e depois lhe faz oferendas ou prática ritual. Deus só é veículo da imagem interior que o crente animou e dramatizou (ELLIÁDE, 2000a, p. 217).

Para Tagore, os bengaleses eram como os mediterrâneos da Índia: excessivamente emotivos, sutis em relação à dialética e de grande capacidade mística. Admitiu também a desorganização e falta de solidariedade de seu povo, mas acreditava que Bengala, em termos de vida espiritual, era o que havia de melhor e mais vivo na Índia.

Ele estabeleceu distinção entre o homem oriental e o ocidental na forma de conceber o trabalho. O homem ocidental, em especial o europeu, veria o trabalho quase como uma maldição, como fonte de sofrimento, como algo que transforma em máquina aquele que o realiza; enquanto o pensador oriental o assumiria como algo prazeroso, como parte integrante da própria vida, como ato de criação. No Ocidente se acreditaria que a ciência é sempre fria, incompatível com a alegria, com a dança, com o canto; um grande erro, segundo o escritor de setenta anos, para quem tudo estaria intimamente interligado.

Para mim, todos estes aspectos estão unidos entre si, pois cada um expressa o ritmo e alegria da vida, a deusa que canta, e chora em cada gota de orvalho, em cada folha de grama, em cada pensamento e ação de nossa vida. Isso é o que pode ensinar a Índia a vossa humanidade: que o primeiro e o último dos deveres é a realização consigo mesmo. E isso se traduz em alegria, dança, e êxtases (ELIADE, 2000a, p. 218).

No fim do encontro, Tagore lhe falou da dominação inglesa sob a qual vivia o país; seu maior temor não era a escravidão política, mas a perda de seus milenares atributos espirituais. Ao se despedirem, o escritor convidou Eliade para almoçar. Antes da refeição, este se dirigiu a seu apartamento, onde fez anotações pertinentes ao diálogo

estabelecido. Decepcionou-se, na verdade, com a conversa: grandes expectativas não se concretizaram naquele momento. Teria, contudo, oportunidade de rever com mais tempo aquele que considerava o idealizador de um paraíso perdido.

O almoço foi solene como um ritual; a conversa, agradável, inteligente e intercalada com o riso de Tagore. Pensava Eliade na perda que representaria a morte de uma figura como a do poeta:

Creio que todo o mistério e fascinação de Tagore encontram-se na arte com a qual consegue aparecer, diante de qualquer pessoa, como indispensável e impossível de ser substituído. Dez minutos depois de estar sentado junto ao poeta, alguém se convence que o mundo será infinitamente mais pobre, mais estúpido e mais triste depois de sua morte. Tem um talento excepcional que lhe possibilita tocar a imensidão de sua vida e de sua alma. De imediato seus livros parecem mais bonitos do que na verdade são: julgas sua sabedoria como ápice da espécie humana (ELIADE, 1998, p. 89).

Depois do almoço retornou à biblioteca e, após travar uma longa conversa com Shastri, foi levado aos aposentos dos professores europeus da universidade.

Eliade reencontraria Tagore em outras ocasiões. O resultado de suas conversas foi registrado em um caderno especial, no qual ele acrescentou, ainda, muitas lendas e histórias que contavam sobre o poeta, inclusive sobre sua vida erótica e amorosa (ELIADE, 1998, p. 91).

Retornou com Dasgupta a Calcutá, levando consigo as ricas experiências dos dias em que permaneceu em Shantiniketan, as

quais guardaria pelo resto da vida. Havia descoberto uma forma de educação que verdadeiramente valorizava a vida e o viver, bem diferente daquela a que se submeteu Tagore quando criança¹².

A CASA DO MESTRE: ALEGRIA NA CHEGADA, TRISTEZA NA PARTIDA

Após inúmeras visitas à pensão em que Eliade residia, Dasgupta concluiu que o jovem discípulo teria de prosseguir seu aprendizado mais próximo dele e o convidou a morar em sua casa. Ao saber da proposta, o dono da pensão assim como outros pensionistas com os quais Eliade havia feito amizade o desaconselharam a aceitar a mudança. Na manhã do dia 2 de janeiro de 1930, no entanto, ele se transferiu para a residência de seu mestre em Bhowanipore, região sul de Calcutá.

Aos poucos, ambientava-se ao novo lar. Além da mulher e dos filhos de Dasgupta, vivia na casa um primo deste, um estudante de economia, com quem Eliade dividiria um quarto. Nos momentos de folga, buscava conhecer os lugares circunvizinhos; teve oportunidade de realizar algumas visitas à região norte da cidade, conhecendo várias festas religiosas. Já não se sentia apenas como visitante, mas como parte da história e da vida daquele povo. Em 1930 ocorreram grandes manifestações populares, não violentas, contra o governo inglês. Gandhi pregava a desobediência civil e foi preso em 5 de maio. Os jornais foram proibidos de circular, e muitos de seus editores

12 Há um detalhe da vida de Tagore que é lembrado pelo jovem romeno: “Tagore escreve em suas memórias que, quando era criança, tinha um professor particular que dava aula todos os dias. Sofria tanto que todos os dias escutava as nuvens e pedia aos céus que caísse uma chuva de canivete que ele não acudiria ao professor. Muitas vezes quis fugir de casa por causa das aulas, então pensou que, como ele, deveriam sofrer milhares de crianças em toda a Índia, e então se perguntou se não existiria um meio de reformar essa bárbara instituição que envenenava os anos mais bonitos da vida” (ELIADE, 2000a, p. 206). Talvez sua escola fosse uma resposta às dores vividas em sua infância.

foram presos. As universidades foram fechadas. Mulheres eram violentadas e assassinadas. Cresceram os conflitos entre hinduístas e muçulmanos.

Eliade foi informado da prisão e morte de alguns amigos. A situação preocupava Dasgupta, que solicitava sempre a seu hóspede que, na condição de visitante do país, não se envolvesse nos movimentos de resistência (ELIADE, 1982, p. 181). O fato de ser europeu e branco custou a Eliade alguns insultos e manifestações de despreço. A despeito disso, ele acompanhava os acontecimentos, sempre anotando o que lhe parecia mais significativo. Chegou a expressar a Dasgupta sua indignação contra a dominação inglesa e a vergonha que sentia de sua pele branca. Disse-lhe então o mestre: “Exasperar-te não servirá de nada. Para que tens presenciado estas atrocidades se sabes que não podes fazer nada? [...] a Índia um dia recuperará sua liberdade, porém não através da violência” (ELIADE, 1998, p. 136).

Os jornais ingleses, aos quais era permitida a circulação, anunciavam que cerca de quarenta mil pessoas encontravam-se presas; o número, no entanto, seria bem maior. Faltava espaço para manter os encarcerados; até as escolas e os velhos quartéis passaram a servir como prisão. Não obstante os conselhos de Dasgupta, Eliade continuava muito próximo dos acontecimentos e das várias manifestações¹³. O prefeito de Calcutá e o pândita Jawaharlal Nehru,

13 A filha de Dasgupta, Maitreyi Devi, naquele período uma adolescente, tentaria persuadir o jovem a não participar do processo revolucionário indiano, a não se envolver nele. Em um romance autobiográfico que escreveu muitos anos depois, ressaltaria ela: “Olha, Euclides, no momento em que teu povo te vir, saberá que estiveste na Índia. A Índia falará de ti a cada vez que abrires tua boca. O mais importante é a mudança que ocorrerá em ti. Poderás te bronzear em qualquer lugar dos trópicos, porém a verdadeira revolução ocorrerá através dos teus estudos. E a revolução? Não precisas correr de um lado para outro para estar inteirado da revolução. O gás lacrimogêneo, os piquetes, os ataques com bastões não são mais importantes do que o fato de estares convivendo com nossa família, isto sim que é uma revolução” (DEVI, 2000, p. 34). Mircea Euclides é o nome do personagem criado para Mircea Eliade.

presidente do Congresso, haviam sido condenados a dez meses de prisão. Um estudante de medicina, Gopal Chaudhuri, de vinte anos, havia sido preso e espancado. Eliade escreveu em seu caderno aquilo que o jovem lhe havia narrado:

Escreva, homem, escreva em francês para que todos saibam. Nós nos atiramos a solo na rua, nenhum de nós levantou as mãos. Gandhi sabe que nenhum de nós deve levantar as mãos. Primeiro nos bateram até perdermos os sentidos, quando estávamos no solo doze ou treze dos cinquenta que éramos. Quando voltei à consciência estava no cárcere. Voltei a perdê-la quando começaram a bater-me. Era um policial maometano e nos batiam com fios de cobre. A partir daí já não me lembro mais de nada. Todos declaramos greve de fome sem dizer nada a ninguém. A última vez que recobrei a consciência tinha o corpo cheio de moscas. Havia perdido sangue por toda a noite (ELIADE, 1982, p. 133).

Em seu diário, o romeno registrava todas as atrocidades que ocorriam; acreditava testemunhar o renascimento de uma nova Índia, que, com bravura e não violência, resistia aos inúmeros massacres. Solicitou ao consulado francês que lhe desse um passe para circular pelas prisões. Mesmo com essa autorização, em muitos presídios o acesso lhe era negado. Amigos lhe passavam notícias do que estava acontecendo. Nos pequenos lugarejos fora de Calcutá, as casas eram incendiadas; os homens, mortos; as mulheres, violentadas; as crianças, jogadas nas brasas por grupos maometanos aliados à polícia inglesa. A reação indiana se

organizou, iniciaram-se ataques a mesquitas e, assim, a violência se tornou generalizada nas comunidades de Dacca, Patma, Cawnpore, Allahabad (ELIADE, 1998, p. 146).

Dasgupta, com o intuito de manter Eliade dentro de casa, ampliou os trabalhos de seu discípulo; envolveu-o, por exemplo, na organização do índice do segundo volume de *A history of Indian philosophy*. Como havia muito trabalho, incluiu sua filha Maitreyi no projeto. Antes disso, Maitreyi e Eliade já estavam desenvolvendo uma atividade em que havia colaboração mútua: ela o ajudava no estudo do bengalês, e ele dava-lhe aulas de francês. Traduziram juntos alguns poemas de Tagore, que ela reconhecia como seu guru¹⁴. A proximidade no trabalho e a convivência familiar confluíram para sentimentos que extrapolavam a amizade (ELIADE, 1982, p. 184). Eliade estava convicto de que Dasgupta desejava abandonar a Índia; a situação conflituosa do país e a saúde precária do mestre levavam o romeno a acreditar em tal possibilidade. Ele ansiava pela concretização dessa expectativa, pois, no seu entender, se isso viesse a ocorrer, certamente o vínculo amoroso entre ele e Maitreyi poderia ser aceito por Dasgupta. Se dependesse de Eliade, ali permaneceria por muito tempo, tendo, assim, oportunidade de estabelecer um relacionamento próximo e duradouro com a filha do mestre. O velho professor já havia pedido para o governo romeno e para Nae Ionesco, um conselheiro do rei Carlos, mais tempo para a formação de seu discípulo. Na carta enviada às autoridades, argumentava que Eliade precisava permanecer em terras indianas para aprofundar os estudos sob sua orientação.

14 Dasgupta levou sua filha, pela primeira vez, até o velho poeta quando ela tinha treze anos. Sua expectativa era de que a menina pudesse desenvolver dotes poéticos ou, quem sabe, tornar-se uma filósofa. Sobre esse fato, relata Maitreyi: “Papai me levou para ver o poeta para que eu lhe mostrasse as minhas poesias, porém, em vez disso, eu recitei os seus poemas. O poeta ficou encantado ao me ouvir recitar os seus poemas” (DEVI, 2000, p. 16).

Foi com alegria que Eliade recebeu os exemplares de sua novela, escrita na Índia e publicada na Romênia, *Isabel e as águas do diabo*. Isso elevou sua estima diante da família e de Maitreyi. Ela, escritora e poetisa, passou a admirá-lo ainda mais. Os enamorados passavam grande parte de seu tempo juntos, trabalhando na vasta biblioteca de aproximadamente sete mil obras. Aos poucos se entregaram a uma paixão inocente, da qual tinha conhecimento apenas a irmã mais nova de Maitreyi. O inevitável ocorreu na noite do dia 17 de setembro de 1930: Dasgupta descobriu o relacionamento clandestino.

No dia seguinte, Maitreyi fez chegar a Eliade um recado informando-o que seu pai a fizera confessar a relação entre os dois. Logo pela manhã, Dasgupta chamou o rapaz a seu escritório e solicitou que se retirasse imediatamente de sua casa, sob a alegação de que problemas de saúde o impediam de mantê-lo na residência. Também lhe entregou uma carta, para ser lida apenas após deixar sua residência. Na carta, exigia o distanciamento da família, ameaçando-o de expulsão do país, caso suas determinações não fossem cumpridas.

*A carta de D. me deixou em um abatimento mortal.
De imediato me vi não apenas só, mas rodeado por
pessoas que me odiavam, que me detestavam, que,
se pudessem, me matariam ou me arrancariam
os olhos. Minha alma com as feridas de amor,
contudo em carne viva, é impotente para reavivar
minhas forças (ELIADE, 1998, p. 189).*

Eliade e a jovem indiana haviam se enganado; a possibilidade de algum dia se casarem era inexistente (ELIADE, 1982, p. 187). A distância entre as culturas, os valores, as tradições impediu a concretização dos sonhos do casal apaixonado. Ele retornou à pensão em que vivera anteriormente. Nunca mais voltou a vê-la.

Em seu livro *Maitreyi: la noche bengali*¹⁵, um romance no qual Eliade retrata essa experiência, misturando ficção e realidade, ele apresenta a carta de Dasgupta nos seguintes termos:

Você é estrangeiro e eu não o conheço. Mas, se é capaz de considerar algo sagrado, rogo-lhe que não volte a entrar em minha casa e não trate de ver nem escrever a nenhum membro de minha família. Se quiser ver-me pessoalmente, procure-me no escritório e, se alguma vez quiser me escrever, escreva unicamente as coisas que um desconhecido queira dizer a outro desconhecido, um empregado ao seu superior. Faça o favor de não mencionar esta nota a ninguém e rasgue-a enquanto ler. Creio que o motivo do meu proceder resultará evidente, se é que ainda restou algo de sentido comum em sua loucura. Você sabe perfeitamente qual foi a ingratidão e a ofensa que me infringiu. PD. Por favor, não seja importuno tratando de justificar-se. Não acrescente mais mentira ao seu depravador caráter (ELLADE, 2000b, p. 91).

15 O livro foi publicado em 1933 na Romênia. Maitreyi Devi tomou conhecimento dele quarenta anos após a publicação. Resolveu então escrever um livro biográfico, no qual procurou dar uma versão própria do relacionamento que manteve com o jovem romeno, discordando de muitas descrições feitas por aquele que foi seu primeiro amor. Escrito originalmente em bengalês, o livro de Maitreyi foi publicado nos Estados Unidos em 1976, com o título *It does not die*, e posteriormente traduzido em outros idiomas. Em espanhol levou o título *Mircea: una historia de amor*. No dia 16 de dezembro de 2010, quando foi realizado em Madri o quarto ciclo de conferências intitulado La India: Cambio y Permanência, promovido pelo Instituto de Indología, com colaboração da Embaixada da Índia na Espanha, Pedro Carrera Eras, da Universidade de Alcalá e do Instituto de Indología, apresentou uma conferência sobre os aspectos culturais presentes no romance vivido e escrito por Maitreyi Devi.

Ainda no livro, ele menciona um segundo bilhete que recebera do pai de Maitreyi:

Senhor. Agora compreendo que o senhor não tem nem respeito nem honra. Eu o supunha apenas louco, mas agora, porém, vejo que tem o comportamento de uma serpente nas ervas... Não faz nem 24 horas que você deu sua palavra de que não trataria com nenhum membro da minha família e já está faltando com a palavra dada como um covarde, fazendo sofrer uma pobre moça, sobre a qual exerceu uma certa influência. Contudo, se retornar com este comportamento, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que o expulsem da Índia. Eu supus que teria bom senso para mudar-se desta cidade [...] (ELIADE, 2000b, p. 98).

Cabe aqui ressaltar que Eliade não conheceu Maitreyi na casa de Dasgupta. Embora já estivesse trabalhando há aproximadamente cinco meses na biblioteca do mestre, o primeiro encontro dos jovens se deu somente mais tarde, na grande e luxuosa residência da Dra. Stella Kramrisch, uma estudiosa da arte asiática. Dasgupta também estava presente nesse dia e foi quem apresentou a filha ao aluno e discípulo. Na ocasião, a moça não causou nenhuma impressão em Eliade, pois, sem contar o grande fascínio pela biblioteca da residência, quem havia de fato encantado o romeno foi a dona da casa, sobre a qual anotaria em seu diário:

Uma mulher como ela pode pedir o que quiser a um homem; inclusive o fracasso e mesmo o suicídio. Pergunto-me se não estou enamorado. Não estou.

Porém sinto uma grande admiração por sua cabeça, por sua admirável feminilidade; uma admiração que me paralisa, uma paralisia que me encanta [...]. Uma mulher da qual não se pode dizer nunca que a entende. Culta e ingênua, inteligente e teimosa, porém, antes de tudo, era um tipo novo de mulher, uma mulher como ela talvez apareça nos séculos vindouros (ELIADE, 1998, p. 55).

Todavia, com o tempo e a convivência, o discípulo e a filha do mestre acabaram se apaixonando. Os momentos que passaram juntos ficaram marcados na memória do estudante romeno, que nunca escondeu das futuras namoradas o desencontro amoroso vivido com Maitreyi. A vida lhe impunha a busca de novos caminhos, novas apostas.

VIVENDO NO HIMALAIA

Eliade resolveu retirar-se, em setembro de 1930, para a região do Himalaia, lugar predileto dos ascetas e contemplativos, para realizar, assim, o sonho, que há muito o perseguiu, de conhecer a região não como um simples turista, mas na condição de iniciático na técnica da meditação. Com tal intuito, saiu em direção a um *ashram*¹⁶. Dirigiu-se a princípio para Hardwar, não sem antes visitar Nova Déli, já que esta cidade encontrava-se no caminho que ele tinha de percorrer para chegar a seu destino. Em Nova Déli, conheceu a mesquita de Jami-Masjid, de beleza indescritível, o mausoléu de Humayun, a mesquita de Perla, o forte de Shah Jehan. Contratou, então, um

16 Na antiga Índia, lugar retirado nas florestas ou regiões montanhosas, onde os sábios viviam isolados em suas meditações e em harmonia com a natureza. Ali praticavam os exercícios espirituais (sacrifício, penitência, etc.) e todo tipo de ioga. A palavra tem origem no sânscrito e significa “proteção”.

guia, a fim de tornar a história ainda mais eloquente. Frustrou-se, porém, ao perceber que lhe contava histórias já conhecidas, como a de Aladim. Presumiu que assim fazia por hábito, já que tinha de lidar com os interesses turísticos. Alheio a essas histórias, Eliade preferia informações de outra ordem. Perguntava ao guia sobre, por exemplo, a revolta dos cipaiois. Este narrou a história da própria família. Disse que o tio era dono de uma próspera tecelagem e sempre enviava sua mercadoria em caravanas a Sind e a Kurdistan. Os empregados eram recrutados em Murshidabad. Durante o cerco à cidade, realizado pelo general inglês Nicholson, a fome e a sede enfraqueceram a resistência dos moradores. Com a ocupação, vieram as matanças. Seu tio conversou com a mulher, filhos, irmãs, cunhadas, criadas, explicou a situação de escravidão que se vislumbrava sob o domínio inglês, indagou sobre o que fariam quando os ingleses invadissem a casa para escravizá-los, e todos disseram que preferiam morrer. Foi uma situação difícil para seu tio. Quando a casa foi invadida, apenas ele restava vivo. Foi morto, tal como esperava, e ninguém se tornou cativo (ELIADE, 2000a, p. 158).

Em Déli, a última cidade com iluminação elétrica, Eliade acompanhou de perto a procissão de Durga Puja. As imagens da deusa Durga, em carros enfeitados com guirlandas elétricas, eram seguidas de uma caravana de tochas, fogos artificiais e oferendas florais.

Déli é uma cidade tipicamente muçulmana, porém, agora, os maometanos acompanham os hindus na procissão; estudantes com insígnias nacionalistas e voluntários do Congresso mantêm a ordem, organizam a circulação dos veículos e levam as iniciativas, que nem sempre se destinam a Durga, mas frequentemente aos chefes políticos encarcerados (ELIADE, 2000a, p. 159).

Ao cair da noite, ele teve dificuldade para acessar a estação. Quando lá chegou, todos os trens passavam abarrotados. Era o feriado da Puja, e a companhia ferroviária havia feito um desconto nas passagens.

Meus companheiros de viagem são todos índios, me tomam por missionário, porque estes são os únicos europeus que viajam na interclass [lugar entre a segunda e a terceira classe] e se interessam pelos índios, por suas tradições e buscam convertê-los (ELLADE, 2000a, p. 160).

Ele e os demais passageiros encontravam-se em situação de extremo desconforto, e tinham agora de percorrer ainda 214 quilômetros até chegar a Hardwar, à beira do rio Ganges. Hardwar é considerado um lugar sagrado, onde, entre outras três cidades, realiza-se a festa religiosa de Kumbh-Mela, que reúne milhões de peregrinos. Foi em uma dessas manifestações religiosas, ocorrida em Allahabad, que Eliade tomou a decisão de seguir para a região de Hardwar; conheceu-a por intermédio do monge chinês Hiueng-Tsiang, autor de um livro que descrevia a Índia do século VI d. C. Para o povo indiano, esse lugar era

[...] a morada da salvação para os oprimidos pelo destino e para os que desejam a grande liberdade. Até há pouco tempo, quando um homem cometia algo irreparável, vinha para Hardwar e se fazia anacoreta. Ninguém perguntava de onde vinha e não era raro que simples criminosos chegassem a ser grandes eremitas respeitados e buscados pelos peregrinos e exaltados pela multidão. Agora as

coisas têm mudado; sem dúvida, muitíssimos desconhecidos vêm diariamente a Hardwar ou a suas imediações com a intenção de permanecer ali para sempre (ELIADE, 2000a, p. 161).

A presença de Eliade, o único europeu no local, despertou curiosidade, e alguns habitantes tentavam atrair sua atenção para enganá-lo. Decidiu, então, vestir uma *tonga*. Depois da parada, caminhou tranquilamente pelas ruas estreitas e tomadas pela multidão de peregrinos. Eram oito horas da manhã quando tirou os sapatos e desceu as escadarias para tomar banho nas águas sagradas do Ganges. Encontrou-se com um *sadhu* francês. Contou-lhe o monge que antes da nova vida trabalhava na França, tendo participado da guerra como voluntário, e que pretendia dirigir-se ao Egito.

Ainda em Hardwar, Eliade visitou o templo de Dakshineswar, muito famoso em toda a Índia, assim como o de Gangadhara. Também conheceu a biblioteca particular de um velho pândita, com o qual conversou em sânscrito. Ali entrou em contato com um livro valioso, um manuscrito de mil folhas, que o velho recusara vender ao Museu Britânico. Isso era motivo de muito orgulho ao senhor proprietário da obra ante sua situação de pobreza e miséria. Eliade, além disso, visitou um *gurukul*¹⁷, próximo da cidade. A instituição era dirigida por reformadores que defendiam e exaltavam a virgindade, o culto a Deus imaterial, o respeito pela Índia e suas tradições, tendo desprezo pelo cristianismo, pela dominação britânica, pelo moralismo teosófico e pela religiosidade feminina.

17 “O sistema Gurukul é um antigo conceito indiano de educação, em que os estudantes recebem conhecimento em várias disciplinas enquanto moram com o professor. Eles também se voluntariam para os trabalhos domésticos como se fossem parte da família. O guru (professor) seria um guia, pai e exemplo” (MARCO; RODHAIN; RODHAIN, 2013).

Gurukul não somente é um severo colégio onde se convertem em autênticos e perfeitos sanscritistas; também é um viveiro de nacionalistas. Quando o visitei, a metade dos professores estava na prisão por haver tomado parte na revolta civil. Os outros levam o khadar. Talvez seja desnecessário acrescentar que ninguém fuma, nem toca em carniça, não toma chá, café e álcool. Seus alimentos são o leite, o mel, a verdura. Sua indumentária é a das tradições védicas. Aqui se fala o sânscrito mais perfeito de toda a Índia setentrional. Ainda que pese a sua atitude ofensiva, reformadora e intransigente, não são absolutamente intolerantes. No primeiro dia que os visitei, convidaram-me a dar uma conferência sobre religiões comparadas. As duras penas me deixaram partir. Sua cortesia exige que te alojem durante duas ou três semanas (ELLIADÉ, 2000a, p. 166).

Eliade continuou a viagem. Após percorrer 24 quilômetros, deparou-se com uma região montanhosa. A proximidade das montanhas e das cordilheiras o impedia de ver o cume das montanhas do Himalaia. A estrada se tornava menor à medida que ele se aproximava de Rishikesh. Ali ficou impressionado com o novo templo dedicado a Shiva, construído por Swami Purnananda. O lugar sagrado tinha muro e portas brancas, que davam para um jardim de flores igualmente brancas, de um odor indescritível. Aos poucos os visitantes se dispersavam, cada qual com seu destino. A cidade é o lugar preferido dos ascetas. Observava *ashrams* por todos os lados; era impossível não se encontrar com os religiosos em seus hábitos laranja.

Só em Rishikesh há umas mil habitações para albergar visitantes desde que seja um yatri, ou seja, que venha com fins religiosos. Desde o final de abril até o final de outubro, os yatri se multiplicam e a multidão é tanta que não se acha onde dormir, nem sequer nos pátios (ELIADE, 2000a, p. 169).

Dirigiu-se ainda a dois outros templos, mas não conseguiu acesso ao primeiro, situado em uma caverna. No segundo, diante de cuja porta havia um manancial de água em que as mulheres se banhavam, fez amizade com um rapaz que se dedicava a curar picadas de lacraias e cobras com o uso de ervas do Himalaia. Seu novo amigo contou que precisara ficar na região por uns sete anos até encontrar um mestre eremita que pudesse passar-lhe os conhecimentos que tanto desejava.

Passou então a procurar Swami Shivananda, um *mahant*¹⁸, que permitiria sua estadia no *ashram*. Na chegada, havia perguntado por ele em uma farmácia, e um homem se ofereceu para levá-lo até o religioso. Na estrada, o guia lhe falou da vida do mestre que ele buscava, dizendo que ele deixara família, filhos e negócios, pois levava uma vida de pecado. Quando jovem, viajou pela Pérsia, Afeganistão e Arábia. Estava com a alma arrependida de tudo o que antes vivera, o que lhe fazia desabar em prantos (ELIADE, 2000b, p. 173). Encontraram Swami Shivananda em seu *kutiar*, às margens do Ganges. Ele levou Eliade a Rudolf Steiner, o Swami Advaitananda, que havia sido doutor em direito em Londres e que, após ser muito lido e reconhecido por seu trabalho, abandonou a carreira para viver na solidão do Himalaia. Também conheceu Swami Narayan, um ex-

18 Líder religioso, responsável pelo templo e pelas pregações.

juiz de Gwalior, que, cinco anos antes de se aposentar, abandonou tudo para morar em Rishikesh.

Dorme sobre uma tábua, desperta antes do amanhecer e banha-se no Ganges para logo submergir no sadhana.

Ninguém sabe qual é o caminho empreendido pelo Swami Narayan, porque guarda voto de silêncio e a única palavra que pronuncia é o mantra om!, saudação que dirige a todo mundo e com a qual saúda o deus que vê em cada pessoa (ELIADE, 2000a, p. 174).

Na região em que ficou Eliade, encontrava-se uma legião de leprosos – muitos expulsos de suas casas – que vivia da ajuda de viajantes. O sofrimento era grande. Alguns, sucumbindo a ele, suicidavam-se na selva. Tinham os corpos deformados; faltavam-lhes dedos; os rostos eram impregnados de úlceras; viviam escondidos nas montanhas. Dispunham de poucos recursos, e as autoridades não possibilitavam melhorias em suas condições de vida. Os mais ricos já contribuía muito com a construção de templos, a criação de *ashrams* e a manutenção dos seis milhões de *sadhus* existentes na Índia. Havia um *ashram* que efetivamente alimentava o grupo a cada duas semanas. Eliade, durante uma noite de lua cheia, acompanhou a distribuição dos alimentos. “A horripilante caravana de sombras configurava uma dança de espectros à luz da lua. Devoravam mais do que comiam, como todos os índios, com os dedos, com os que ficaram” (ELIADE, 2000a, p. 191).

Cerca de três anos antes da chegada de Eliade, um inglês, Dr. Hari Singh, preocupado com os problemas sociais, conseguiu reunir recursos e montar um *ashram* que, com o apoio do governo, garantia uma

vida mais digna ao grupo de leprosos por meio de serviços sanitários. O médico deixara seus parentes em Londres e pretendia retornar à sua terra natal. Em uma de suas viagens, recebeu a notícia de que sua mulher estava grávida, o que o levou a adiantar seu regresso. Prestes a viajar, percebeu que havia contraído lepra. Suicidou-se. Assim o *ashram* chegou ao seu fim, e os leprosos foram lançados à sua própria sorte, mal sobrevivendo nos vales secos de Rishikesh (ELIADE, 2000a, 194).

O eremita romeno passou a morar em uma pequena cabana isolada, um *kutiar*, onde viveu solitariamente por seis meses, de outubro a março de 1931 (ELIADE, 1982, p. 188). Acordava bem cedo e se dirigia ao Ganges para o banho. Saía para mendigar comida na região; ganhava leite, arroz, verduras, o que lhe garantia a sobrevivência. Gostava também de conversar com Swami Shivananda e outros eremitas vizinhos. Aos poucos voltou a tomar gosto pelos estudos de sânscrito e filosofia (ELIADE, 1982, p. 189). À medida que o tempo passava, tornava-se mais sereno, habilitando-se a reinterpretar o episódio ocorrido em Calcutá, quando seu romance clandestino com Maitreyi, filha de Dasgupta, acarretou o doloroso rompimento com o mestre. Não foi fácil superar esse fato, mas, com o passar dos anos, conseguiu resignificá-lo. Assim, trabalhando suas experiências, foi entrando em contato com a Índia eterna e relegando a segundo plano a Índia histórica. Acreditava que o mestre ainda o reconheceria como um discípulo verdadeiro.

Efetivamente, isto foi o que ocorreu anos mais tarde, quando publiquei Yoga e a revista Zalmoxis. Na primavera de 1939, quando viajava à Inglaterra, Dasgupta quis ver-me e me telegrafou de Roma. Contudo, por motivos independentes de nossa vontade, esse encontro não aconteceu (ELIADE, 1982, p. 189).

Com a prática permanente da ioga, sob orientação de Swami Shivananda, Eliade passa por uma verdadeira metamorfose, ao assimilar técnicas que lhe permitiam ascender à espiritualidade hindu. Shivananda via para ele um futuro promissor, um líder que daria ao Ocidente novas raízes espirituais, mas o filho de Gheorghe não pretendia ser um novo Vivekananda¹⁹. Continuava suas atividades: exercícios espirituais, visita aos eremitérios e amigos próximos, produção de artigos para o *Cuvântul* e a elaboração da novela *A luz que se apaga*. Apreciava visitar os eremitas que viviam em grutas escondidas por entre as rochas, entre Brahmapuri e Lakhmanjula, às margens do rio Ganges. Esperava até ser convidado a adentrá-las. Uma das cavernas, situada na costa de Malabar, região litorânea no sudoeste da Índia, era habitada por um ancião *swami* que tinha como livros de cabeceira *Bhagavada-Gita* e *Imitação de Jesus Cristo*. Chamava a atenção de Eliade de maneira particular uma mulher anciã que vivia com a cabeça raspada e passava o dia meditando na mesma postura de ioga. Nunca soube sua origem, tampouco seu nome.

Diz Eliade em seu diário:

As grutas desta região estão cheias de tais anacoretas que se sustentam de raízes e passam dias inteiros em meditação intransmissível, que pode ser um simples adormecimento (como nos comprazem crer os europeus), porém pode também ser uma das sete classes de êxtase estático, de possessão metafísica, contemplação que se perdeu na Europa com os alexandrinos. Assim,

19 Swami Vivekananda foi monge, iogue e filósofo hindu. Teve um papel importante na divulgação do hinduísmo moderno no Ocidente.

por exemplo, Swami Purnananda, de Rishikesh, não dorme nunca. Pela noite trabalha, medita e, durante o dia, ensina sânscrito e filosofia religiosa aos discípulos. Passada a meia-noite, até que amanheça, permanece em uma estranha posição, em uma espécie de transe ióguico, no qual, dizem, adquire qualidades proféticas e clarividência, porém isto não posso assegurar. O certo é que o transe dura somente duas horas e pelo ritmo de sua respiração dificilmente pode-se pensar que dorme (ELIADE, 2000a, p. 175).

Aproximando-se o Natal, Eliade conheceu Jenny, uma violoncelista que trocara Joanesburgo pela Índia; abandonara tudo na busca do absoluto. Swami Shivananda ofereceu à moça toda proteção e arrumou-lhe uma casa à beira do rio Ganges para morar. Eliade, percebendo que a jovem começava a nutrir sentimentos amorosos por ele, informou-a de seu projeto: não pretendia recriar uma aventura amorosa no Himalaia. Pouco tempo depois, Shivananda precisou mudar. Jenny se dispôs a dar aulas de Vedanta a Eliade. Ele recusou, pois seu interesse se dirigia, sobretudo, ao tantrismo. A ex-artista mostrou-se interessada em conhecer os ritos tântricos e sempre o convidava para tomarem chocolate em sua casa. Um dia ele havia combinado de visitá-la e se esqueceu do compromisso. Depois das desculpas, foi ao encontro dela. Estava muito bonita, nem parecia a mulher que antes chorava e tanto se lamentava. Ela propôs que realizassem um ritual tântrico, do qual Eliade procurou fugir, visto que nunca tinha feito tal experiência e não havia um guru experiente para orientá-los nessa iniciativa. Acabou, contudo, concordando, apesar dos riscos que ambos corriam.

Desde então, visitava-a à meia-noite e voltava a meu kutiar uma hora antes do amanhecer. Havia conseguido conservar minha lucidez e o domínio sobre mim mesmo não apenas nos “rituais preliminares”, mas também em tudo o que se seguiu. Jenny estava estupefata e eu, da minha parte, sentia que me convertia em outro homem. Às vezes não dormia mais que duas ou três horas por noite e não sentia nenhuma fadiga. Trabalhava sem interrupção e meu trabalho nunca tinha sido melhor. Compreendi então o porquê dessa felicidade orgulhosa de muitos ascetas e mestres da hatha-yoga, e por que certos iogues se acreditavam semelhantes aos deuses, inclusive superiores a eles [...] (ELIADE, 1982, p. 198).

Uma manhã, ao retornar a casa, foi amavelmente reprovado por seu vizinho de cabana. Ele dizia que Eliade cedera a uma experiência que se constituiria em sua ruína, perda das próprias energias (MARIOTTI, 2007, p. 55). Levando a sério as palavras do asceta, o romeno concluiu que aquele não era mais seu caminho e escolheu deixar o *ashram*. Havia compreendido que, mais uma vez, tinha sido traído por sua imaginação e paixão. “Quando acreditava ter alcançado a maior lucidez, havia sucumbido, como por efeito de uma má sorte, à primeira tentação que uma *maya* astuta havia posto em meu caminho” (ELIADE, 1982, p. 199).

Eliade comunicou a Jenny que decidira partir e tentou convencê-la a não segui-lo em seu retorno a Calcutá. Agradeceu ao *mahant* pela acolhida e estadia e regressou à cidade de Dasgupta já com suas roupas europeias, mas com o rosto moreno – queimado de sol – e a barba ruiva mal feita; marcas que não ostentava quando dali partira.

RETORNANDO A CALCUTÁ

Retornando a Calcutá, voltou a morar na pensão do Sr. Perry. Ali trabalhava incessantemente: durante o dia frequentava a Livraria Imperial e a Biblioteca da Sociedade Asiática, à noite realizava tarefas a que se propusera, indo dormir somente de madrugada. Entre as atividades, estava a elaboração de correspondências e artigos, endereçados a pensadores romenos e italianos. Os artigos ele enviava também a várias revistas de filosofia da Europa. Projetava ainda estudar o idioma tibetano, o que lhe possibilitaria acesso a novos materiais de estudo. Certo dia estava realizando seus estudos na Biblioteca Imperial, como de costume, quando foi informado da presença de Jenny. Ela decidira deixar o retiro em Svarga-Ashram e procurá-lo. Ao perceber que o romeno nada pretendia com ela, viajou para Pondichery e foi morar no *ashram* de Sri Aurobindo Gosh. Posteriormente a moça lhe enviou uma carta em que, depois de comunicar que estava muito feliz com a nova escolha e que ali passaria o resto de seus dias, desejou felicidade ao filósofo. Depois disso, ele nunca mais teve notícias dela.

Na pensão, Eliade travou contatos com a família do proprietário e com muitas outras pessoas que ali residiam. Por algum tempo, manteve um romance. Na percepção do ex-eremita, o interesse de Ruth – que sabia da experiência com Maitreyi – por ele se devia muito mais a atributos secundários, como cor da pele (branca) e origem (europeia), que à qualidade da alma; calcava-se mais naquilo que ele aparentava ser do que naquilo que ele era. Embora encontrasse nela uma ótima companhia, Eliade sabia dos limites dos sentimentos que a moça nutria por ele. O que teve com essa jovem foi algo bem diferente daquilo que viveu com Maitreyi: a ligação que experimentou com a filha de Dasgupta consistiu num encontro de almas. Comparando as duas experiências, relataria ele em seu diário íntimo:

No mais, nada me ata a ti, querida. Quando te entregaste a mim estavas meio bêbada. Ao possuir-te não tive a menor sensação de sacrilégio, de defloração, de entrar em um amor desconhecido. Estavas bêbada e eu era um branco. Enquanto que a outra, a M., quando lhe rocei o ombro, senti que penetrava nos rincões mais íntimos de seu corpo e de sua alma, que se oferecia toda, que era o primeiro a cometer este sacrilégio, que, enfim, diante de mim se abria um conhecimento novo, quase místico, de amor, de violência e de oferenda (ELIADE, 1998, p. 197).

Quando Eliade retornou do Himalaia, Maitreyi procurou-o várias vezes; tentativas, porém, frustradas, pois o rapaz havia combinado com o dono da pensão de sempre dizer à moça que ele estava ausente, já que prometera a Dasgupta manter-se longe dela. Contudo não era somente a promessa que pesava na decisão do hóspede; talvez o maior obstáculo à reaproximação com seu antigo amor fosse a diferença de culturas. Quanto a Maitreyi, estava sendo pressionada por seus familiares para que se casasse com um professor de matemática conhecido da família (ELIADE, 1998, p. 205). Foi o que Eliade ficou sabendo por um menino a quem ela incumbira de entregar-lhe recados. Soube ainda que ela passava o dia chorando. Num dos recados, solicitava que ele tomasse uma decisão definitiva até o dia seguinte, quando ela deveria dar uma resposta a seu pretendente. Eliade, ainda que desejasse escrever algo, não queria quebrar o juramento que fizera a si mesmo de não mais vê-la. Assim, acabaram se afastando definitivamente.

Fazia parte do projeto de Eliade um estudo etnográfico apurado da civilização indiana e do sudoeste da Ásia. Renunciou por

um tempo ao estudo do idioma tibetano e concretizou o novo sonho, que lhe facultou novas descobertas.

Pouco a pouco ia tomando consciência da existência de um fundo comum em todas as civilizações campestinas, desde a China e o sudoeste da Ásia até o Mediterrâneo e Portugal. Descobria por todos os lados o que mais tarde eu chamaria de “religiosidade cósmica”; quer dizer, o papel que tinha nela a simbologia e a iconografia, o respeito religioso pela terra e a vida, a crença de que o sagrado se revela por meio do mistério da fecundidade e da renovação cósmica, e não por meio dos acontecimentos históricos (ELIADE, 1982, p. 202).

O cristianismo operaria, em sua visão, uma mudança substancial em relação à religiosidade presente na civilização campestina europeia. O nascimento, morte e ressurreição de Cristo representariam uma santificação da natureza; Deus se fez natureza e a elevou, resgatando o homem e o mundo do pecado. Percebeu, também, que, para o povo campestino hindu, o mundo não era uma ilusão, tampouco a vida era sofrimento, como acreditavam os ascetas por um longo tempo. Estes pensavam que “o mundo, a vida e alegria eram dons divinos, e o *pecado*, quer dizer, a ignorância, consistia em não os aceitar como tal e crer que o mundo e a vida eram uma realidade última” (ELIADE, 1982, p. 202).

Ao compreender a espiritualidade indiana e confrontá-la com a do Ocidente, Eliade pôde entender melhor a estrutura da cultura de seu próprio povo. Mediante a leitura de outros autores – Blaga, Pârvan, Hasdeu –, ficou ainda mais convencido da aproximação que realizara. Para além das reflexões filosóficas sobre religião, havia

algo presente no universo popular arcaico a ser compreendido e esclarecido. Percebeu, assim, que a Romênia representava um elo entre a cultura ocidental e a oriental. Grafou essa descoberta nos seguintes termos:

A existência de elementos comuns nas culturas populares hindus, mediterrâneas e balcânicas era para mim uma prova de que aqui, em nossa casa, era onde existia esse sentimento instintivo de universalidade que, longe de ser concebido de forma abstrata, era, pelo contrário, fruto de uma longa história em comum, a das civilizações campesinas. Éramos nós, os europeus do leste, que deveríamos servir de ponte entre o Ocidente e a Ásia (ELIADE, 1982, p. 204).

As intuições de Eliade que emergem nesse período serviram para orientá-lo em seus trabalhos posteriores. Por meio de um amigo da Sociedade Asiática, conheceu em Howrah, subúrbio de Calcutá, um guru, com o qual passou a estudar semanalmente. Eles passavam muitas horas conversando. O novo mestre trabalhava com um número pequeno de discípulos, mas aceitou o jovem romeno. Este pensava em ficar pelo menos mais três anos na Índia, mas uma carta de seu pai, exigindo seu retorno, obrigou-o a mudar os planos. Por não ter renovado a licença no serviço militar, Eliade poderia ser considerado um desertor. Para o genitor, que pertencia ao exército, tal situação era impensável. Levando em conta as pretensões do jovem, foi um golpe terrível. Seus projetos estavam comprometidos, mas achou melhor aceitar a imposição do pai. Pretendia regressar à Índia assim que concluísse o serviço militar. Pediu, apenas, tempo para preparar a volta à Romênia. Foram três meses de intenso e apaixonado trabalho:

estudos de filosofia indiana, visitas a museus, aos povos que viviam nos arredores de Calcutá. Em seu diário íntimo, em relação à filosofia da Índia, fez o seguinte comentário:

Quando leio um texto indiano me dou conta de que, tanto eu como todos os nossos filósofos modernos, estamos perdendo tempo miseravelmente. Sempre me prometo solenemente não fazer nenhuma coisa, mas não cumpro minha palavra. Porém, não é isso que me interessa, senão o convite que a filosofia indiana me faz à realidade, à vida ou, se queres, à eternidade (ELIADE, 1998, p. 218).

Em uma manhã de dezembro de 1931, ele se despede de seus amigos na estação, rumo a Bucareste.

DOS NOVOS DESAFIOS NA TERRA NATAL

No retorno à sua terra, Eliade foi tomado por um sentimento dúbio: o chão que pisava não era diferente daquele que percorrera outrora; ao mesmo tempo, porém, percebeu mudanças que não conseguia explicar. Foi nesse clima de estranheza que começou a se situar no solo pátrio após o período de ausência. Conversou muito com seus familiares, ávidos por ouvir as histórias vividas em terras distantes. Apenas seu pai não manifestava qualquer curiosidade ou orgulho pelo filho. Também esteve com Nae Ionesco, com os amigos da escola e com alunos novos que queriam conhecê-lo pessoalmente após lerem seus artigos enviados da Índia. Ionesco pediu que ele apressasse o doutorado, pois queria torná-lo seu auxiliar nas matérias que lecionava: passaria metafísica e história da filosofia para seu discípulo, enquanto ele se dedicaria à lógica. Diante das expectativas criadas, Eliade achou conveniente não revelar seu desejo de regressar à Índia.

Após as festas natalinas, o filho de Gheorghe se apresentou ao serviço militar em Ghencea. Em função dos três meses de atraso, foi declarado fugitivo, tendo de ser submetido a um julgamento de acordo com o regimento interno da corporação. O coronel mandou chamá-lo em seu escritório, onde mais quatro oficiais o esperavam para o julgamento. Em um primeiro momento, leu-se o regimento, que previa as possíveis punições para o novo recruta. Um capitão fez sua defesa; explicou de forma orgulhosa as causas de seu atraso, disse que o jovem estudara em um país distante após concluir de forma talentosa sua licenciatura em filosofia. Ao final o recruta foi absolvido, tendo apenas de compensar os meses em que ficara ausente.

Somente em fevereiro, obteve permissão para pernoitar em casa. Já não havia, pois, impedimento para, além do mais, dar seus passeios à noite, o que ele fazia com os devidos cuidados. Uma das precauções que tomava era sempre sair com amigos da corporação,

pois eles poderiam ajudá-lo a reconhecer uma autoridade militar que por acaso cruzasse seu caminho, possibilitando-lhe, portanto, cumprimentá-la com a devida continência. Foi na condição de recruta que certo dia apareceu de surpresa na redação de Ionesco. Chegou com botas enormes e um uniforme demasiadamente grande para seu tamanho; parecia um desertor. O contato com os amigos era permanente. Aos poucos foi compartilhando as experiências vividas na Índia, inclusive as ocorridas com Maitreyi. Com Ionesco e Mircea Vulcanesco ficava à vontade para falar da filosofia hindu (ELIADE, 1982, p. 220).

A convite do poeta Adrian Mani, produziu um programa radiofônico como trabalho remunerado. Os textos preparados para o programa serviram de base para o livro *Índia*, que publicaria no ano seguinte, em 1934. Também foi convidado para falar sobre Tagore na Fundação Carol I. O auditório ficou lotado, e o evento foi coberto de êxito. Entre os presentes na plateia, encontrava-se o escritor Emil Cioran, com quem acabou firmando uma forte amizade.

Graças às iniciativas de Radulesco-Motru, Eliade conseguiu permissão dos militares para trabalhar durante um mês na elaboração de sua tese de doutorado. Para ele, livrar-se das obrigações do serviço militar criaria as condições de que precisava para continuar os trabalhos acadêmicos. Sua tese, iniciada ainda na Índia, estava quase pronta; tinha apenas de traduzi-la para o inglês e fazer os acertos finais. Retornou ao velho sótão, preservado desde seu tempo de estudante.

Terminado o mês de licença concedido pela corporação, Eliade teve de retornar, e foi então transferido para o Estado Maior, com a função de traduzir artigos militares do italiano para o inglês. Também ali recebia de um colega aulas de russo. No trabalho mantinha encontros permanentes com pintores, atrizes, escritores, poetas, filósofos. Em uma dessas ocasiões, foi proposto um ciclo de debates

cujos temas versavam sobre pensadores importantes da atualidade e sobre o momento histórico; surgia o grupo Critério (para Eliade, uma das expressões importantes da nova geração de intelectuais romenos). Graças a Radulesco-Motru, o recruta conseguiu mais uma licença do Estado Maior, o que lhe permitiu trabalhar com o grupo que acabava de se constituir.

Uma das integrantes do Critério era Sorana Topa, leitora e admiradora de Krishnamurti. Eliade e Sorana tornaram-se grandes amigos. O interesse que ela manifestava por ele o confundia, mas isso não o impediu de cultivar sua amizade. Permitiu-se, por exemplo, contar-lhe um pouco de sua história passada, inclusive a respeito de seu relacionamento amoroso com Maitreyi. Passaram a morar juntos. Eliade acreditava, no entanto, que em breve voltaria para a Índia, e tudo o que ele estava vivendo naquele momento ficaria para trás.

As conferências do grupo eram um sucesso; as salas estavam sempre lotadas. O primeiro debate versou sobre Freud, que tinha em Eliade um de seus críticos.

Aceitei falar sobre Freud porque acreditava encontrar em sua obra a palavra final de dessacralização do monoteísmo e do profetismo do Antigo Testamento. A sua certeza de ter descoberto a única e global explicação da vida mental, do psiquismo e da criatividade humana, de ter forjado a chave mágica que permitiria decifrar todos os enigmas, desde os sonhos ou atos falhos até as origens da religião, a moral e a civilização [...] deixava claro o fervor monoteísta do gênio hebreu. [...] Freud pensava que suas descobertas iam mudar a humanidade e assegurar sua salvação. A psicanálise satisfazia a necessidade do absoluto do gênio judeu,

sua fé na existência de um só e único caminho real para o Espírito. Igualmente, denunciava a repulsa tipicamente hebraica pelo pluralismo, pelo politeísmo e pela idolatria (ELIADE, 1982, p. 231).

Eliade não sabia se estava sendo convincente e claro, mas foi muito aplaudido. Sua fala causou uma forte impressão em Emil Cioran, que retornou à sessão seguinte de exposição do jovem filósofo. Nessa oportunidade se falou sobre André Gide. Um grupo de alunos nacionalistas tentou invadir o auditório, sendo impedido pela segurança. Eles acreditavam que o tema poderia configurar apologia ao comunismo, pois André Gide havia visitado a Rússia e se dizia comunista. Os organizadores do evento tinham objetivos muito claros: “Nossa meta não deveria limitar-se a informar ao público, mas sim despertá-lo, confrontá-lo com as diferentes correntes de ideias, modificar, em uma palavra, sua forma de viver e ver o mundo” (ELIADE, 1982, p. 234-235). Com esse intuito, realizaram vários encontros em Bucareste, assim como em outras cidades, os quais não se encerravam nos eventos formais. Os jovens do grupo Critério reuniam-se no Café Corso ou em outro lugar para discutir temas filosóficos.

OS NOVOS LIVROS, O DOUTORADO E O MAGISTÉRIO

Após certo tempo desde seu retorno da Índia, Eliade iniciou a elaboração do romance *Maitreyi*, com a intenção de apresentá-lo em um concurso literário. Escrevê-lo exorcizou suas pretensões de retorno à Índia. Em março de 1933, o livro foi premiado e, logo em seguida, publicado. O trabalho foi bem aceito tanto pela crítica como pelos leitores. Em pouco tempo, esgotou-se a primeira edição. O texto, autobiográfico, relatava a relação frustrada com Maitreyi.

Embora tenha dado à protagonista (e ao romance) o nome verdadeiro da filha de seu mestre, não fez o mesmo com os outros personagens. Enquanto no livro revivia o passado, no presente experienciava uma situação delicada: relacionava-se com duas mulheres – Sorana e Nina – ao mesmo tempo. Esse fato o angustiava, mas não encontrava forças para tomar uma decisão.

Nina Maresh, divorciada, trabalhava em um escritório. Ainda casada, ela se apaixonara por um tenente. Pediu, então, separação a seu marido, que recusou. Toda a situação tornou-se um escândalo na época. O pai do tenente resolveu enviá-lo para a França, onde o embriagaram em uma festa e o fizeram se casar com uma moça que até então desconhecia. O caso foi devidamente divulgado pela imprensa, chegando até Nina, que ficou profundamente abalada com a notícia. Ela só aceitou retomar contato com o tenente após o divórcio dele e, mesmo assim, recusou-se a manter qualquer compromisso ou envolvimento com o pretendente. Tal experiência pesava para Eliade, que não queria vê-la sofrer depois de tudo o que ela havia passado. A situação dramática por que passou o romeno foi expressa em seu livro *Retorno do paraíso*. A obra apresentava um personagem, Pablo Anicet, que levava a vida dividido entre duas mulheres. A forma de não perder os dois amores foi o suicídio. Para Sorana, sua pretendente, um ato covarde; opinião com a qual de certa forma concordou Eliade.

Emil Cioran, que era amigo de Sorana, soube das dificuldades da relação do casal, da indecisão de Eliade. Sensível à dor da moça, julgava incompreensível que seu colega pudesse ser tão cruel e não aceitar os riscos da relação. Chegou a escrever um artigo intitulado “O homem sem destino”, direcionado a Eliade, que o considerou extraordinário e com o qual se identificou (ELIADE, 1982, p. 256).

Em junho do mesmo ano, Eliade obteve o título de doutor em filosofia. Participaram da banca Dimitrie Gusti, que era ministro

de Instrução e Belas Artes, e o professor P. P. Negulesco. Com a obtenção do título, o romeno foi nomeado suplente da cátedra de Nae Ionesco. Tornava-se, com a contribuição do velho amigo, um novo professor da casa. A função não o entusiasmava, mas não poderia desapontar quem tanto o ajudara e que há muito o queria como professor da instituição.

Eliade, que sofria imensamente com o coração dividido entre dois amores, chegou, enfim, a uma decisão. Comunicou-a primeiro a Nina. Pensava na vida de desencontro que ela vivera, em suas frustrações com um casamento desfeito, nas decepções com o amante. Ele não poderia causar-lhe ainda mais dor e sofrimento. Resolveu assumi-la e indicar-lhe a necessidade de mudarem juntos para um apartamento. Ela, a quem tudo parecia um sonho, revelou então a Eliade: “Sei muito bem o quanto lhe custará, disse-me, porém tenho que lhe confessar uma coisa. Ninguém sabe disto ainda, porém não me resta muito tempo de vida. Morrerei jovem” (ELIADE, 1982, p. 260).

O romeno escreveu de imediato uma longa carta a Sorana, comunicando sua decisão. Dias depois foi visitá-la, encontrou-a sem dormir e abatida. A jovem atriz estava convicta da importância de sua presença na vida tanto pessoal como profissional de Eliade, mas via que ele havia escolhido outro caminho. A decisão de ficar com Nina encontrava ainda um outro obstáculo: a família do jovem intelectual, que, de forma alguma, aceitaria a união do casal.

Por isso, seu mundo desabou quando lhes comuniquei minha decisão de viver com Nina. Minha irmã Corina também estava presente, e todos ficaram aterrorizados com minha decisão e pela injustiça do destino. Creio que os três pensaram que uma negra fatalidade caía sobre nossa

família. Desde o final da guerra, todos os meus tios maternos haviam perdido rapidamente sua fortuna. Alguns matrimônios precipitados e extravagantes acabaram com o que restava. A casa da rua Melodiei pertencia naquela época a minha irmã Corina e estava hipotecada. O único recurso de meu pai era sua pensão de capitão. Haviam suportado a situação com dignidade, colocando todas as suas esperanças no futuro; quer dizer, em mim (ELIADE, 1982, p. 261).

Seus pais tentaram convencê-lo a desistir da ideia. Por seu reconhecimento pessoal, sua fama, poderia se casar com uma mulher de posses, de poder político. Sua mãe já havia até insinuado o nome de algumas moças. Era difícil conceber a escolha do filho; morar com uma simples empregada de escritório, separada, com uma filha. Segundo o filósofo, “mais do que sacrificar Sorana, afligia-me sacrificar a minha própria família” (ELIADE, 1982, p. 263). Ele sabia do esforço empreendido por seus pais para dar-lhe condições de estudos; frustrar suas expectativas, destruir suas esperanças era-lhe muito difícil. Contudo, não recuou em sua decisão. Como Nina não era aceita pela família, nunca se dirigia à casa dos sogros. Somente depois de aproximadamente cinco anos, a relação do casal com a família de Eliade se normalizou.

Não apenas seus familiares, mas também seu círculo de amigos mais próximos criticou sua escolha. Acreditavam que Nina não era mulher para o novo professor, pois, além de ser mais velha do que ele, não fazendo parte do ambiente artístico e intelectual, não poderia contribuir com o escritor, dar-lhe inspiração, ajudar nos custos.

Eliade pediu à sua companheira que deixasse o emprego para cuidar da casa. Queria dedicar-se ao que mais tinha interesse:

escrever com vontade e liberdade de espírito. Ele sempre repetia em suas falas que

[...] nada, absolutamente nada, pode anular um espírito criativo, exceto a falta de liberdade. [...] Quando um escritor se convertia em um fracassado, não devia atribuir o seu fracasso ao ambiente nem às circunstâncias, mas sim às suas próprias possibilidades, demasiadamente débeis para as pretensões de sua ambição (ELIADE, 1982, p. 269).

Em pouco tempo, os amigos perceberam que estavam equivocados. Nina os conquistou, passou a ser considerada a esposa ideal, mulher inteligente, bondosa, amiga, sincera. Ela estava presente em todas as iniciativas do jovem escritor, dando-lhe o estímulo necessário para suas atividades. Conta seu companheiro que, em certa oportunidade, por volta de 1934 ou 1935, perguntou ao amigo Camil Petresco por que ele ainda não havia casado. A resposta foi a de que não tivera ainda a sorte de encontrar em seu caminho uma Nina Maresh (ELIADE, 1982, p. 271). Viveram juntos por dez anos, ou seja, até a morte de Nina, em 1944. Na época, moravam em Portugal, onde ele trabalhava para o governo romeno.

Eliade gastava parte do tempo na preparação de suas aulas, programadas para se iniciarem no mês de novembro. Ele pretendia dar um curso e um seminário intitulados respectivamente: O Problema do Mal e a Redenção na História das Religiões; e A Dissolução do Conceito de Causalidade na Lógica Budista. As aulas foram um sucesso, contando sempre com lotação máxima. Muitos se faziam presentes simplesmente para conhecer o autor de *Maitreyi*, acompanhando as explicações de maneira silenciosa e com

muita atenção. Os amigos não deixavam de dar suas sugestões para que o desempenho do professor melhorasse. Cioran citou a paixão e a pressa com que falava. Outro amigo aconselhou-o a falar mais devagar. Grande parte dos alunos fazia observações positivas sobre suas palestras, ainda que houvesse aqueles que não gostassem do seu estilo acadêmico.

Eu queria antes de tudo ser espontâneo, pessoal, sem nenhum dogmatismo, e tratava não de informar os estudantes – para isso existiam os livros –, mas sim de confrontá-los com os problemas maiores, surpreendê-los, sacudi-los, projetá-los em um universo insuspeitado... Era a famosa “anamnesis” tão ao gosto de Dan Botta (ELIADE, 1982, p. 274).

O final do ano de 1933 chegou turbulento. O primeiro ministro do país, Ion Gheorghe Duca, foi assassinado. A perseguição do governo mostra-se implacável, na busca não apenas dos autores do crime, mas de todos aqueles que poderiam ter criado um ambiente oposicionista. Na Ionesco foi preso em decorrência das duras críticas que fazia em relação à política real do governo. O *Cuvântul*, cuja publicação era mensal, teve as atividades suspensas. Ainda que Ionesco tenha sido liberado após a captura do assassino, o jornal continuou fechado por quatro anos, só reaparecendo em janeiro de 1938 e sendo definitivamente encerrado em março. Outros periódicos, os de direita, continuaram a ser editados (ELIADE, 1982, p. 275).

Em dezembro, lançou-se uma nova publicação, *Credinta* (*A Fé*), por iniciativa do jornalista, poeta e monge Sandu Tudor, sob o pseudônimo de Alexandre Teodorescus, que solicitou de Eliade

apoio e artigos para serem publicados. O filósofo romeno, que mantinha vínculo com o *Cuvântul*, resolveu ajudar apenas nos números iniciais do novo jornal. O grupo Critério também passou por momentos difíceis, em decorrência de críticas e difamações que recebeu da imprensa. Além disso, havia muitas brigas e divergências entre os vários grupos políticos de oposição ao governo, entre eles, os legionários, os liberais e os comunistas. Isso levou o Critério a uma divisão interna.

Também nesse mês, foi concluído o livro *Retorno do paraíso*, com suas mais de quatrocentas páginas, que chegaria às bancas no final de janeiro. A obra expressava o pensamento de Eliade sobre si mesmo, a vida de seu povo, os problemas que para ele estavam presentes em seu contexto histórico.

Em 1934, Eliade publicou mais um livro, *Índia*, constituído de artigos impressos no *Cuvântul*, que também eram apresentados nos programas radiofônicos. No mês de agosto, visitou a Alemanha em busca de material²⁰ sobre o Oriente, em função de estudos que pretendia realizar. Trabalhou de forma intensa durante as cinco semanas que ali permaneceu e saiu com o material necessário para um novo projeto sobre a alquimia asiática. Ainda nesse ano, foi lançada sua obra *Oceanografia*, sobre a qual ele relatou:

20 Eliade foi sempre muito criterioso em suas investigações, nunca deixou de recorrer a fontes primárias, por isso mesmo tinha sempre a preocupação de recolher todo o material necessário para seu trabalho hermenêutico. Repudiava os intelectuais que ficavam inventando sem apoio em bases sólidas. Nesse sentido, uma experiência da infância foi decisiva em sua vida de pesquisador, como ele mesmo relatou muitos anos depois: “Este terror de ser enganado, de ser induzido no erro por um charlatão ou por um ignorante, de se construir com base em afirmação insensata, creio tê-lo visto no quarto ano do Liceu quando, lendo *Les grands initiés*, fui levado pelas elucubrações de Schuré, acreditando basear-se em fontes autênticas. Qual foi minha surpresa quando, pouco tempo depois, lendo os livros de Oldenburg sobre a Índia védica e sobre o budismo, dei-me conta de que Schuré tinha pura e simplesmente inventado, de sua cabeça, um certo número de estórias sobre Rama, sobre Krishna, sobre Buda. Essa lição foi decisiva. Desde esse fato, esforço-me para ir às fontes, *para ver o texto*” (ELIADE, 1995, p. 211).

[...] reconhecia francamente que meu livro não estava isento de falhas, incoerências e contradições, afirmando ao mesmo tempo que isso não tinha importância. O livro começava com um artigo intitulado “Convite ao ridículo”. Seguia: “Sobre as descobertas devido ao acaso”, “Sobre a felicidade concreta”, “Sobre a moda masculina”, sobre o sexo, a novela policial, as mulheres de talento e sobre muitos outros temas que desconcertaram meus professores e indignaram certas mentes graves e austeras. Apesar disso, meu livro teve muito êxito, especialmente entre os jovens (ELIADE, 1982, p. 285).

No prólogo da publicação, Eliade se desculpa pela pressa que o moveu no projeto; a atitude poderia ter comprometido a lógica e a própria língua, mas a urgência de chegar ao final falava mais alto. A manifestação gerou críticas não respondidas; avaliava que o haviam compreendido mal. Não queria perder tempo, pretendia aproveitar a liberdade ainda existente “para dominar e fecundar o tempo” (ELIADE, 1982, p. 285). Para ele, a obra representava um novo tipo de ensaio na literatura romena, com uma prosa rápida e pessoal, desafiando a academia em seus dogmas, rigidez e proibições.

Em novembro de 1934, começa um curso de metafísica e mística, além de um seminário dedicado ao estudo do livro *De docta ignorantia*, de Nicolau de Cusa. Dada a especificidade do tema, permaneceram com ele apenas alunos realmente interessados; pôde assim fazer um trabalho criterioso e de qualidade. No ano seguinte, seria lançada a obra *Alquimia asiática*. Esse livro não despertou grande interesse entre seus amigos próximos. Um deles chegou mesmo a questioná-lo sobre a pertinência dessa temática, afirmando que certamente haveria assuntos mais importantes na filosofia a serem investigados. Camil

Petresco era um dos que faziam esse questionamento. Os estudos de Eliade, contudo, não tinham como preocupação a alquimia como um momento inicial da química. Em suas convicções, escondia-se algo mais. Uma forma específica de manifestação de algo próprio do homem noturno. Como ele mesmo busca esclarecer:

Esforçava-me por demonstrar que a alquimia não devia ser considerada como uma pré-química, que de maneira nenhuma deveria ser vista como uma ciência em seu início, mas sim que se tratava de uma técnica tradicional que implicava por sua vez toda uma cosmologia e uma soteriologia. Considerando sobre este ângulo, a alquimia oferece um interesse seguro, já que seu estudo esclarece um dos aspectos mais obscuros da história do espírito humano (ELIADE, 1982, p. 288).

Carl Gustav Jung, com quem Eliade travaria um longo diálogo, havia feito uma conferência sobre o significado psicológico da alquimia. Apenas se iniciava um itinerário investigativo, bastante explorado posteriormente. Com alguns amigos, Eliade entra para a Sociedade de Escritores Romenos. A expectativa era de que pudessem conseguir apoio real, pois poucos deles podiam viver apenas de atividades literárias. A participação do autor de *Maitreyi*, no entanto, era pouca; procurava dedicar seu tempo à produção. Estava escrevendo um livro de ioga e o romance *Os hooligans*, com o qual buscava um renascimento romeno; esperava escrever uma obra essencial, em virtude da qual seu nome se fixaria na história, tal como ocorrera com muitos escritores.

Eu “[...] tinha que escrever pelo menos um livro extraordinário’... Desgraçadamente, cada vez que

embarcava em uma nova obra me dava conta imediatamente de que essa não seria minha obra-prima: talvez a próxima fosse” (ELLADE, 1982, p. 293).

Os hooligans foi publicado em 1935, um dia após a mudança que ele e Nina fizeram de sua casa da avenida G. Golesco para outra na rua Palade. A obra teve boa aceitação por parte do público, logo se esgotando a primeira tiragem.

Após sete anos de trabalho, Eliade concluiu *Yoga, essai sur les origines de la mystique indienne*, publicado em 1936 pela Fundação Real e a Livraria Orientalista de Paul Geuthner. A obra teve boa acolhida entre os estudiosos da cultura oriental: Jean Przyluski, orientalista; Louis de la Vallée-Poussin, indólogo e estudioso do budismo; Ananda Coomaraswamy, filósofo e historiador indiano; Heinrich Zimmer, indólogo e historiador da arte; Valentino Papesso e Giuseppe Tucci. O único crítico foi Paul Masson-Oursel, que ainda assim o convidou, posteriormente, a falar sobre ioga no Instituto de Indianística da Sorbonne, em 1945, sempre o citando em seus trabalhos e o considerando um especialista na matéria.

O livro teve pouca aceitação tanto por parte das facções de direita na Romênia como por parte de intelectuais de esquerda: para os nacionalistas, uma elaboração sobre ioga não desvelava a realidade concreta romena; para a esquerda, por outro lado, o livro era desprovido de significado político, além de ter sido orientado por Nae Ionesco, considerado um pensador de direita. O autor dedicou-o ao marajá Manindra Chandra Nandy, a Surendranath Dasgupta e a Nae Ionesco, os quais considerava seus verdadeiros mestres. A conclusão da obra lhe permitiu consagrar seu tempo à história da filosofia.

O trabalho exigiu muito de Eliade, pois, considerando que sua produção literária já era reconhecida, seria necessário, para se afirmar como um homem da ciência, realizar uma investigação com muita fun-

damentação e rigor. Não queria ser visto como um pensador de generalizações abusivas e infundadas. Poucos perceberam na época que a obra trazia uma nova abordagem na interpretação dos mitos, dos símbolos e das religiões arcaicas, sobretudo as orientais. Em decorrência de seu interesse pela religião e de sua fluência na língua inglesa, foi convidado pelo rei Carlos a ir à Inglaterra participar de um congresso organizado pelo grupo religioso Movimento do Grupo de Oxford. Era a oportunidade de visitar livrarias, museus, sebos. Desaconselhou, contudo, aos amigos a introdução na Romênia da experiência religiosa que teve na viagem – e que desta foi objeto –, pois algumas práticas tinham características bastante diferentes daquelas realizadas em sua pátria. Por outro lado, o Movimento lhe abriu caminhos para pensar as possibilidades de sensibilizar o homem moderno e dessacralizado para a realidade da experiência do sagrado. Na viagem, passou alguns dias em Berlim. Durante o dia, estudava na Stadtbibliothek, onde conseguiu novos materiais para os livros que pretendia escrever, e à noite trabalhava em casa.

Senhorita Christina, obra publicada em 1936, causou polêmica e dissabores. O livro, escrito em apenas duas semanas, foi tido como pornográfico por alguns periódicos. Essa não era a pretensão do autor; é bom lembrar que Eliade foi aquele que, na Sociedade dos Escritores Romenos, colocou-se contra todo tipo de livro pornográfico elaborado com a pretensão de escandalizar ou realizar autopublicidade. Georgescu-Cocos foi um de seus maiores críticos. Além dele, o diretor geral do Ministério de Instrução Pública, Constantin Kiritzesco, chamou a atenção do reitor da Faculdade de Letras sobre o caráter pornográfico do livro. Eliade se viu obrigado a entrar com um processo contra a difamação. O fato ganhou repercussão pública, e o autor recebeu apoio do secretário geral da Sociedade dos Escritores Romenos e de seus alunos. O próprio decano do Conselho Universitário foi ao tribunal em sua defesa. O escritor acabou absolvido no julgamento. O Ministério recorreu, mas não conseguiu reverter a decisão da Justiça. O

objetivo de Kiritzesco era vê-lo fora da universidade, mas sua tentativa foi frustrada. Para Eliade, esse período, embora de muito sofrimento, foi um dos mais gloriosos de sua existência.

Em 1938 continuou seu trabalho na universidade; além de dar um curso sobre a história do budismo, organizou, com a colaboração de alguns amigos, o primeiro e o segundo volume de *Zalmonix*, revista de estudos religiosos. Também publicaria o romance *Casamento no céu*.

PERSEGUIÇÃO E CÁRCERE: A LEGIÃO DO ARCANJO MIGUEL

A Romênia passava por mudanças políticas. Instaurou-se uma ditadura real, o tempo da liberdade estava acabando. Enfim chegava o momento temido por Eliade desde a época de estudante: “[...] o tempo em que não seríamos livres de atuar segundo nossa própria vontade” (ELIADE, 1982, p. 317). O rei Carlos II tomou medidas enérgicas contra a facção nacionalista de Legião do Arcanjo Miguel, com a qual o autor se identificava. Tal proximidade é uma faceta pouco explorada pelos biógrafos do pensador romeno. Como compreender a Legião do Arcanjo Miguel?

Para o estudioso Claudio Mutti, só é possível entender a legião e seu braço ideológico e armado, a Guarda de Ferro, a partir de certo horizonte mental religioso, que marcava o cristianismo ortodoxo romeno, bem distinto do cristianismo ocidental. Segundo ele, o cristianismo ocidental, sobretudo o protestante, é possuidor de um conceito de salvação bastante individual. Há uma tendência individualista na experiência religiosa; cada um é responsável por sua salvação. Para o ortodoxo, porém, o espírito comunitário predomina sobre o individual; a salvação ocorre com a comunidade, é uma obra coletiva. Essa diferença se fixou em 1054, quando aconteceu a separação entre a igreja cristã do Oriente e a do Ocidente, e se acentua desde então. Tal cosmovisão religiosa encontra-se subjacente

ao espírito que animou a legião, certamente, com outros componentes históricos constitutivos do povo romeno.

Em 1919, surgiram as primeiras manifestações libertárias por parte dos estudantes. Após a Primeira Guerra Mundial, com a destruição do Império Austro-Húngaro, a Romênia ampliou seu território, incorporando alguns grupos étnicos, o que geraria certa instabilidade política. O desejo de uma Romênia livre passou a ser a palavra de ordem entre alguns grupos nacionalistas que começavam a surgir. Eles pregavam a salvação social e nacional. Um de seus líderes mais importantes, cuja popularidade cresceu na década de 1920, foi Corneliu Zelea Codreanu, que, após participar de várias facções nacionalistas, fundaria, em 1927, a Legião do Arcanjo Miguel. Em 1930 criou a Guarda de Ferro, o braço político-militar da legião, que seria o terceiro maior movimento fascista na Europa (MUTTI, 2010, p. 10).

A perseguição aos grupos nacionalistas sempre foi uma constante nas iniciativas repressivas do rei, atingindo seu ápice com a ditadura implantada por Carlos II em 1938, quando dissolveu o parlamento. Grande parte dos legionários foi presa, condenada, e alguns homens foram mortos. Muitos conseguiram fugir para países vizinhos, enquanto outros permaneceram na clandestinidade, promovendo algumas lutas armadas. Em relação ao sentido histórico da Guarda de Ferro, diz o historiador Franco Cardini:

Do nosso ponto de vista, cremos que a Guarda de Ferro foi um movimento mais religioso e militar que político, havendo que estudá-lo como tal, mais de um ponto de vista sociológico e antropológico-etnológico do que de um ponto de vista ideológico e político [...]. A Guarda de Ferro esteve tão estreitamente vinculada às tradições romenas,

*que a investigação histórica que a queira estudar
deverá ir a par com uma pesquisa histórica,
religiosa e com tudo mais que tal possa acarretar
(apud MUTTI, 2010, p. 20).*

Nae Ionesco, que se identificava com a facção nacionalista, também foi preso no final do mês de abril. Mircea Eliade foi encarcerado em 14 de julho de 1938 e, depois, levado ao prédio central de segurança, onde ficou recluso por três semanas em um escritório, com um guarda a seu lado. Seu tratamento era diferenciado, podia receber o alimento de casa, livros, manuscritos. Mesmo no cárcere, não interrompeu seus trabalhos; continuou a escrever os artigos e capítulos de livros que havia planejado. Foi intimado a assinar a Declaração de Dissociação, mas recusou-se. Por não ter militância política, não via necessidade de fazê-lo.

No verão de 1938, ser um legionário ou um simpatizante significava o risco de perder tudo: o trabalho, a liberdade e, talvez, a própria vida. Após três semanas de recusa em assinar o documento, Eliade é levado, já no final do mês de agosto, para o campo de concentração de Miercurea Ciuc, sendo ali submetido a interrogatório. Na prisão, não tinha acesso às notícias, pois não era permitida a entrada de jornais, e o pouco que se sabia era através da chegada de novos detentos ou de visitas. A leitura de livros, no entanto, não era proibida, tampouco a organização de atividades entre os presos: seminários, aulas, exposições. “Nós fomos isolados de nossas famílias e do resto do mundo, mas éramos livres para conversar, discutir, ler; e a qualidade de nossa comida assemelhava-se a qualquer locação do exército” (MUTTI, 2010, p. 67). Eliade dividiu a cela com um sacerdote, o padre Nellu Manzatti, conhecido por ser músico e ter composto vários hinos dos legionários. Nae Ionesco permanecia o mesmo.

Nae Ionesco não havia mudado: sereno, otimista, cintilante; o mesmo da universidade ou de seu escritório em Cuvântul [...]. Ele dizia que enquanto lhe fosse permitido fazê-lo, vestir-se-ia e comportar-se-ia na prisão da mesma forma que o fazia no palácio, na rua, ou na universidade. Eu não me recordo de vê-lo triste, abatido, desmotivado (MUTTI, 2010, p. 69).

No início de setembro, Eliade recebeu a primeira visita de sua companheira. Ela lhe comunicou que, segundo informaram as autoridades, seria solto mediante assinatura da declaração de não pertença ao grupo. O escritor continuou seu trabalho. Passou a fazer uso do quarto de um prisioneiro, transferido para o hospital. Depois de pouco tempo, Nina o visitou pela segunda vez. A possível contaminação dos presídios de Bucareste por uma epidemia de tuberculose a preocupava. Durante esse período, Eliade traduziu *Fighting angel*, de Pearl Buck, e escreveu seu romance *Nunta in cer* (*Casamento no céu*).

Outubro chegou gelado. A situação do presídio se tornou ainda mais precária. Com a friagem, Eliade contraiu uma tosse violenta. O general Condescu Mircea, percebendo seu estado de saúde, levou-o para ser periciado. Constatados problemas pulmonares, ele foi levado para o sanatório de Moroeni no dia 25 de outubro, onde, por ordem médica, deveria permanecer por dois meses. Conseguiu levar consigo um diário. Escrevera-o em papel higiênico para poder burlar a segurança. Após três semanas hospitalizado, foi-lhe comunicada pelo guarda policial a ordem de soltura.

Eu não podia acreditar. Eu estava livre! Eu telefonei a Nina contando a novidade, então sai

para uma caminhada pelo sanatório. Cerca de quatro meses apenas se passaram desde a última vez que havia caminhado sem preocupações, mas mais parecia uma eternidade. Só então compreendi quão miraculoso é esse ato – aparentemente tão simples – de viver, de estar vivo. Eu me prometi que nunca esqueceria o quão feliz posso ser apenas pelo fato de estar livre para sair de casa e andar na rua, que nenhuma tristeza suplantara tal felicidade. Mas claro que a euforia da liberdade não durou muito. Poucas semanas depois eu já regressava à minha rotina diária de existência (ELIADE, 1988, p. 75-76).

O amigo Nae Ionesco também havia sido encaminhado ao hospital por problemas de saúde. Deveria ali permanecer por mais tempo, mas não quis. Eliade voltou para casa; na mesa, centenas de cartas recebidas de sua pátria e do exterior, inúmeros pacotes de livros que haviam chegado. Sua prioridade, no entanto, era escrever, concluir os trabalhos iniciados²¹. Na primavera de 1939, morreu o general Condescu.

21 Algo incompreensível para Claudio Mutti foi o silêncio que se fez em relação à participação de Mircea Eliade na Legião do Arcanjo Miguel. Não vê o autor italiano razão para se omitir esse fato. Por outro lado, ele reagirá contra certas críticas feitas a Eliade com a pretensão de desqualificar sua obra em razão dessa participação. Nesse sentido, no prefácio de *Mircea Eliade e a Guarda de Ferro* (MUTTI, 2010), Jordi Garriga criticará a jornalista Alexandra Laignel-Lavastine, nascida em 1966, que publicou, em 2002, um livro intitulado *Cioran, Eliade, Ionesco. L'oubli du fascisme: trois intellectuels roumains dans la tourmente du siècle*. Para o prefaciador, “o livro é um exemplo de linchamento moral: dedica-se a ‘demonstrar’ que tanto Cioran como Eliade teriam dedicado toda a sua vida a camuflar e a propagar os seus ‘perversos’ ideais, ainda que estes aparentassem residir somente no seu passado” (MUTTI, 2010, p. 17). Mutti vai recriminar também a iniciativa do denominado Institut Dr. Niemirower de Jerusalém, que publicou um dossiê sobre Mircea Eliade, em seu boletim *Toladot* (origem, em hebraico), editado na Romênia, acusando o pensador de antisemitismo, mentiras e exageros. Críticas que se estenderão a Furio Jesi, Afonso Maria Dinola e outros (Cf. MUTTI, 2010, p. 48-54).

Com a mudança na presidência da Sociedade de Escritores, Eliade foi convidado ao cargo de secretário. A atividade não era remunerada, mas também não requeria muito trabalho. Julgou importante aceitar o convite como forma de se reintegrar à “normalidade”, livrando-se, assim, do estigma de “detido”. Ainda nesse ano, lançou *Fragmentarium* – composto de diversos ensaios, muitos dos quais já haviam sido publicados anteriormente – e o primeiro volume de *Zalmonix*, além de começar a produção do segundo volume, lançado no ano seguinte.

No inverno de 1940, reencontrou Nae Ionesco, liberado do hospital militar, onde estivera por problemas no coração. Logo em seguida, Ionesco sofreu um ataque cardíaco e faleceu no dia 15 de março.

POR TERRAS INGLESAS E PORTUGUESAS

Pouco depois da morte de Ionesco, Eliade viajou para a Inglaterra, ali chegando no dia 15 de abril de 1940. Foi nomeado adido cultural romeno e passou a viver em Londres. Seu papel era promover a cultura de sua pátria. Ainda no mês de maio, encontra-se com Mircea Vulcanesco, que viera participar de uma missão econômica. Grande foi sua alegria ao encontrar um amigo, alguém que povoava sua solidão. Porém, este teve de partir, para tristeza de Eliade: “Depois que Mircea Vulcanesco se foi eu me senti mais sozinho, embora tenha me aproximado de dois amigos, Ion Vardala e Dimitrie Danielopol” (ELIADE, 1988, p. 13). No trabalho diplomático, ele tinha tempo para suas pesquisas; estava sempre no Museu Britânico buscando material para um livro que pretendia escrever a respeito do xamanismo.

Permaneceu pouco tempo na Inglaterra, pois a guerra chegou de forma violenta. Com a invasão, em 1939, da Polônia, tomada pelos alemães em apenas um mês, a França e a maioria das nações europeias

declararam guerra aos germânicos. Em 1941, a Alemanha realizou vários bombardeios na Inglaterra, cujas cidades foram alvejadas com mais de 58 mil toneladas de bombas. No ano anterior, inúmeros barcos ingleses já haviam sido afundados pelos alemães com o uso de submarinos. Diante dos ataques em 9 de setembro à cidade de Londres, Eliade pôde perceber os horrores e a crueldade da guerra. Enquanto corria em busca de abrigo, momentos dos últimos três anos passaram rapidamente em sua mente. Sobre essa experiência, disse: “A sensação foi tão estranha que pensei: muito provavelmente não sairei deste abrigo com vida. Não sei se tinha medo ou não” (ELIADE, 1988, p. 1). Com a invasão da União Soviética pelas tropas alemãs, os ataques aos ingleses diminuíram.

Em meados de setembro de 1940, Eliade e Nina, juntamente com Danielopol e Vardala, mudaram-se para Oxford. Eliade retornava a Londres duas vezes por semana para desempenhar seu papel diplomático, dedicando o restante do tempo à leitura e à escrita, dando especial atenção a um plano de síntese da morfologia e da história das religiões. Com a guerra, a Inglaterra cortou relações diplomáticas com a Romênia. O filósofo e escritor romeno se viu obrigado a deixar o país. Foi transferido, no dia 10 de fevereiro de 1941, para Portugal, país que ainda se mantinha neutro nos conflitos, onde foi nomeado adido cultural da Embaixada da Romênia. No dia 21 de abril, ele fala de algo que lhe vinha ocorrendo: inércia, preguiça mental, falta de interesse em escrever. Seu diário estava abandonado desde o dia 19 de abril de 1940 (data de registro de suas últimas anotações), quando partira da Romênia para a Inglaterra há cerca de um ano. Nina estava em Bucareste. Ao ficar sozinho por quatro semanas, volta a escrever em seu diário. Muitos manuscritos haviam ficado em Londres e só posteriormente lhe foram enviados por seu amigo Vardala, chegando a Portugal no dia 6 de maio. Esse acontecimento lhe deu muita alegria, pois poderia dar continuidade a trabalhos já iniciados.

Em terras portuguesas, Eliade fez novas amizades, entre elas: Georges Oulmont (escritor francês), Sra. Ferro, Reinaldo dos Santos (do museu de arte moderna) e Alfredo Pimenta (tido por ele como muito sábio). Uma das alegrias vividas em março desse ano foi o encontro, na casa de seu amigo Antonio Ferro, com Ortega y Gasset, exilado em Portugal. Foi, no dizer de Eliade, uma conversa apaixonante. Desse encontro, guardou as inesquecíveis palavras do filósofo espanhol: “O filósofo tem de ter, politicamente, uma posição equívoca, tem que viver no equívoco, para que depois de sua morte os comentadores quebrem a cabeça a explicá-la” (ELIADE, 2008, p. 143). Em fevereiro de 1944, o Dr. Mariaux transmitiria a Eliade as impressões que Ortega y Gasset guardara dele com base no breve tempo de convivência que tiveram:

Mariaux disse-me que Ortega y Gasset, ao falar de mim, confessou-lhe que só um romeno poderia ser filósofo, místico e cientista ao mesmo tempo, porque nós estamos perto de Orfeu, mas de olhar virado para o Ocidente. A fórmula era: Eliade é um cientista orfeizante. Eu respondi-lhe que me considero um Cavalo de Troia no campo dos cientistas e que minha missão é de pôr fim, um dia, à “guerra de Troia” que dura há muito entre a ciência e a filosofia. Quero validar do ponto de vista científico o sentido metafísico da vida arcaica: ou seja, convencer os sociólogos, os comparatistas, os etnólogos e os folcloristas de que os seus estudos só encontram sentido se valorizarem devidamente, se entenderem como ele é o homem das culturas tradicionais. Acho que só assim as ciências etno-históricas podem sair do beco ridículo em que se encontram (ELIADE, 2008, p. 150).

Eliade chegou a Portugal com conhecimento da língua local. Concomitantemente a suas funções diplomáticas, desenvolveu apreço por autores lusitanos, tendo uma predileção especial pela obra de Camões. A leitura dos jornais portugueses fazia parte de seu ofício, apesar do mal-estar que lhe causavam. Escrevia, ainda, artigos para a imprensa nacional divulgando a cultura de seu país. Trabalhava muito e, sempre que possível, descansava na Vila de Costa Pinto, em Cascais. Também se dedicou à elaboração de um livro sobre Salazar, publicado em 1942. No prefácio, diz Eliade:

Este livro de história política é escrito por alguém que não é um especialista nem de história propriamente dita, nem de política. Nasceu de uma dúvida e foi escrito para responder a uma pergunta, que o autor não deixa de colocar já lá vão dez anos: é possível uma revolução espiritual? É realizável, do ponto de vista histórico, uma revolução levada a cabo por homens que acreditam, antes de mais nada, na primazia do espiritual? Portugal de hoje, Portugal de Salazar, é talvez o único país do mundo que tem tentado responder estas perguntas (ELIADE, 2010a, p. 33).

Em julho de 1942, o autor foi recebido na residência do chefe de governo. A audiência que deveria ser de quinze minutos acabou se estendendo por quase uma hora por desejo de Salazar. A princípio, a conversa girou em torno do interesse do primeiro-ministro português pela vida e obra do romeno. Ele ficou surpreso com as informações históricas que tinha o adido cultural. No final, discutiram política. Respondendo a Eliade, falou da importância do espírito frentista para a recuperação da Romênia. Também

afirmou que o surgimento do Estado Novo não era uma mera consequência da degradação democrática do liberalismo. Lembrou que na França, diante do fracasso do liberalismo, não havia proposta de uma nova ordem social e política; como consequência, havia o marasmo e a indiferença.

Sobre suas impressões pessoais a respeito do primeiro-ministro português, disse Eliade:

É menos rígido visto de perto. Quando ouve, fecha um pouco os olhos, e o rosto ilumina de bondade. Há algo de cândido, fresco, virginal nessa cara bem talhada e tão masculina. Os seus olhos são úmidos, sombreados, e parecem olhar-nos de muito longe; por vezes, escorregam por nós, passando além. Tem uma voz cálida e única, diferente da voz que tantas vezes ouvi no rádio. Fala bastante bem o francês, com sotaque português, procurando às vezes as palavras. Mas não parece nada incomodado pelas limitações da sua conversa em francês (ELLIADÉ, 2008, p. 63).

Eliade revela, entretanto, que escreveu o trabalho por obrigação, sem motivação. Queria apenas melhor servir sua pátria.

Poucos livros me deram tanto desgosto como este que me domina e me esgota desde que comecei Salazar e a contrarrevolução em Portugal. Primeiro, por causa do enorme esforço gasto para me informar; esforço que pouca gente vai adivinhar, porque o livro não terá notas, mas apenas uma bibliografia sumária. Depois, porque tive o tempo todo o

sentimento que gastei as minhas forças numa obra que não era minha. É verdade, acho indecente publicar em tempo de guerra um livro que não tenha qualquer relação com as contingências políticas do meu país. A história da revolução e da contrarrevolução portuguesa tem o seu interesse e, sobretudo, acho eu, para a Romênia (ELIADE, 2008, p. 54).

Escrever sem prazer lhe causava crises de neurastenia e insônia. Eliade acreditava que sua saúde só se equilibrava em momentos de criação. Nesse sentido, a obra sobre Salazar foi um livro – para lembrar Nietzsche – escrito com o próprio sangue. Tal atividade fez mal a seu corpo por um bom tempo. A obra foi concluída na madrugada do dia 30 de maio. Enfim, estava livre para retornar às leituras que lhe agradavam; entre elas, a do livro do escritor espanhol Miguel de Unamuno, sobre o qual pronuncia: “É impressionante a coragem de Unamuno de colocar a questão da imortalidade, do irracional e do desespero. Tenho a impressão de que este livro antecipa toda a filosofia existencialista contemporânea” (ELIADE, 2008, p. 93).

Ainda em 1942, o ano em que faleceu a filósofa Edith Stein, Eliade teve a oportunidade de ficar nove dias na Espanha. Passou por Madri, Toledo, Castela, Aranjuez. Em seu diário, descreveu as várias paisagens desses lugares. Em Madri visitou Eugenio d’Ors, escritor, jornalista, filósofo e crítico de arte, que conhecera no ano anterior. Foi uma conversa de duas horas sobre uma antologia que pretendiam fazer em conjunto. Em relação à d’Ors, ele escreveu:

[...] foi há muito um dos homens que mais me interessava (que me “apaixonava”) da Europa moderna. Gosto nele do universalismo, do

paradoxo, da desigualdade. Ao ler boa parte dos seus livros espanhóis, apercebi-me do seu estilo jornalístico e do seu gênio; como Papini, Huxley, Gide, Unamuno – d’Ors interessa-se, sobretudo pelos defeitos, pelo que tem de caduco, fragmentário e até factual de sua obra (ELIADE, 2008, p. 69).

No ano seguinte, mesmo em que o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry publicou nos Estados Unidos *O pequeno príncipe*, Eliade escreveu *Os romenos, latinos do Oriente*, lançado em Portugal. A guerra o abalava profundamente. Estava preocupado com o destino de seu povo. Sabia que a Romênia não teria muitas chances. Ela era vizinha de um império seis vezes maior que a Europa, e a inabilidade de seus políticos era assustadora (ELIADE, 2008, p. 128). Essa preocupação tomava um bom tempo de suas meditações, na busca de saídas para os problemas que o angustiavam.

Eu sentia que catástrofes e mudanças radicais estavam prestes a ocorrer, e me perguntava até que ponto os valores espirituais nos quais acreditava sobreviveriam. Apoiei-me em meditar sobre diversos textos místicos e metafísicos, e em contemplar trabalhos de artes [...]. Confirmei o que há muito acreditava: a melhor defesa contra o terror da história, junto à experiência religiosa, é a espiritualidade, a criação, a cultura (ELIADE, 1988, p. 102).

Nina, que viajara para a Romênia com sua filha Idalgiza, havia retornado a Portugal no ano anterior. Ela estava com problemas de saúde. Foi até sua pátria para realizar uma cirurgia de retirada

de um tumor, sem conhecimento do marido. Queria poupá-lo de mais sofrimentos. Com o agravamento de sua situação, faleceu em novembro de 1944. Foi um novo golpe para o filósofo, que ficou, a partir de então, sem a companheira que lhe dera tanto apoio em sua vida de escritor. Sobre a morte de Nina e suas consequências, expressou Eliade:

[...] Nina despediu-se de nós. Segunda-feira, 20 de novembro, às 12h30 horas. Aos onze anos e onze meses (menos cinco dias) desde o nosso noivado. Só consegui partir no momento que perdeu a consciência. Aliás, lutou sem parar. Quanto sofreu nos últimos meses, sobretudo, nos últimos dez/quinze dias, não consigo recordar sem chorar, envolto em desespero [...]. Durante muitos dias, não podia admitir que tivesse partido realmente. Não sentia nenhuma dor. Uma espécie de apatia, um sono espiritual, em que me surpreendia a recordar acontecimentos felizes dos doze anos [...]. Deus quis tirá-la de mim, para me jogar numa nova vida – da qual, agora, ainda nada sei (ELLIADÉ, 2008, p. 190).

Por muito tempo, ele sofreria a perda da companheira, como registrou em seu diário. Ainda no ano da morte de sua mulher, ele fez referência ao filósofo espanhol Xavier Zubiri, sobre quem havia recebido informações por meio de seu amigo Delfin Santo. Apesar do interesse do romeno por esse intelectual, não temos evidência de que Eliade tenha conhecido sua obra.

Eliade iniciou o ano de 1945 com algumas preocupações filosóficas. Dedicou um bom tempo à leitura de Dilthey e Heidegger.

Para ele, o autor de *Ser e tempo* inaugurou uma problemática existencial, o que lhe conferiu relevância, mas, como falava a partir do homem europeu, de seu contexto, de sua cultura, deixou uma lacuna que devia ser preenchida com o estudo de outras experiências humanas para as quais as referências europeias não servem. Em suas meditações, ele se perguntava: por que não levar em conta também a realidade do homem de outros universos culturais, sua capacidade de libertação, suas possibilidades criadoras? Em 3 de janeiro, expressou em seu diário o desejo de escrever *Cosmo e história*, um texto para provocar o homem moderno, para instigá-lo à liberdade absoluta, que se encontra em certos mitos e que está presente também nas pessoas. O que ele tinha em vista? O que o seduzia na elaboração desse trabalho? “O que me seduz, sobretudo, seria um ajuste de conta com Hegel e com o historicismo. Sinto que sou dono de uma intuição de que poderia resultar uma grande visão de conjunto” (ELIADE, 2008, p. 202).

No entender de Eliade, Heidegger se aproximava e se distanciava de Kierkegaard simultaneamente. Havia entre os dois uma preocupação pelo real, pelo concreto que os envolvia, pela finitude, enquanto, para o romeno, “o fragmento pode coincidir com o todo, ficando no finito, o homem pode abranger, no entanto, o infinito; através dos ritos e dos mitos arcaicos, o homem sabia aproveitar o mundo concreto” (ELIADE, 2008, p. 203). Seu projeto seria parar o tempo e abolir a história como forma de regenerar toda a humanidade²². Em suas palavras: “A minha missão na cultura do século XX é de redescobrir e tornar vivo o mundo pré-socrático” (ELIADE, 2008, p. 203).

Na madrugada do dia 4 de janeiro, ainda voltaria à leitura de Kierkegaard, com o qual dialogou durante quase todo aquele mês. Lembrou-se da frase: “Acreditar, a despeito da razão – é martírio”.

22 Para um melhor esclarecimento desta questão em Mircea Eliade, sugiro a leitura do livro *O sagrado e a história*, de André Eduardo Guimarães, publicado pela editora da PUCRS em 2000.

E perguntou-se: Será isso mesmo verdade? A atração pelo irracional não nos oferece nenhuma alegria ou emoção? Mesmo o ato de fé não propicia um sentimento de beatitude? A razão é um empecilho para essa experiência? E o que é feito do entusiasmo pelo absurdo que encontramos em Tertuliano? Foi isso também o que descobriu em sua fé incondicional o filósofo e místico russo Leon Chestov: uma liberdade que não se submete às leis descobertas pela razão. Esta última não deve ser abandonada, mas igualmente não se pode absolutizá-la. É postular que, para além dela, há algo dinamizador da vida e da existência, uma força e uma liberdade sem limites. Nos termos dessas observações, Eliade afirmou:

Na minha paixão pela história das religiões, pelo folclore, pela etnografia transparece, em primeiro lugar, o meu interesse por um mundo de liberdade, que o homem moderno perdeu há muito. A mesma explicação tem o meu ponto fraco (desde o Liceu) pelas ciências ocultas e magia: a liberdade que o homem adquiria através de tais técnicas. Ainda hoje não tenho certeza se as ciências ocultas são “reais”. Mas, pelo menos, o mundo delas é reconfortante: ali o homem está livre, é forte, e o espírito é criador (ELIADE, 2008, p. 204).

Foram dias sofridos para Eliade: a melancolia, o desespero, a tristeza tomavam conta de sua alma. As lembranças de Nina o faziam ganhar forças, e escrever em seu diário lhe trazia consolo. Sua maior dificuldade sempre foi sua relação com a academia, a obrigação de dar aulas, de ler textos para os alunos. Nisto ele se descobriu identificado com Wittgenstein quando leu a biografia do pensador austríaco escrita por Norman Malcolm:

O homem me apaixonou. Seu ódio à vida acadêmica, seu desprezo ao ofício de professor. E este detalhe me fez dele mais próximo: a incapacidade de Wittgenstein (como a minha) de preparar uma lição e ler aos estudantes um texto escrito (ELIADE, 1979, p. 262).

A experiência vivida anteriormente por Eliade na Fundação Carol em Bucareste, em que discursou sobre Freud e Gandhi, confiando em sua inspiração e em sua capacidade de sedução, marcaria o resto de sua vida. Tornou-se-lhe muito difícil o formalismo comumente vivido no espaço acadêmico. Em relação a suas aulas, dizia: “Não começava de modo didático, e, aliás, não preparava e nem escrevia os meus cursos. Tinha algumas notas, seguia as reações dos alunos. Hoje é a mesma coisa. Faço um plano, medito algumas horas antes da lição” (ELIADE, 1987, p. 84).

O gosto pela escrita e pela cultura retornou à sua vida em fevereiro. Parara de produzir com a morte de Nina. A nova disposição o levou ao texto que há muito pretendia elaborar: *Cosmos e história*. Mesmo com alguma dificuldade, em razão de uma “insolúvel tristeza”, ele conseguia avançar vagarosamente. O trabalho resumia sua produção anterior; pretendia dirigir esse escrito aos filósofos.

Eliade retomou também a redação de *Prolegômenos*, investigação que iniciara quando ainda se encontrava na Inglaterra e a que daria continuidade no período de exílio na França. O livro foi publicado em 1949, com o título *Tratado de história das religiões*. Ao comentar essa obra, fez um balanço das várias posições reflexivas sobre religião: lembrou a contribuição de Rudolf Otto²³, cujas pesquisas

23 Eliade conheceu a obra clássica *O sagrado*, de Rudolf Otto, por meio de Ionesco, que a havia traduzido para o romeno em 1929. Certamente ela o marcou profundamente e indicou a importância dos elementos pré-rationais na experiência religiosa (MARIOTTI, 2007, p. 26).

se voltaram para o lado irracional; recordou a escola sociológica francesa e o estudo da religião focalizando seu lado social; pensou o aspecto racional, como Wilhelm Schmidt, guardando, porém, algumas diferenças. Mostraria a estrutura da experiência religiosa: ainda que tenha seu lado irracional, ela também está marcada por coerência e pressupõe componentes lógicos. Nesse sentido, afirmou em seu *Diário português*:

Nem mesmo a mais demortada experiência, nem mesmo a mais “caótica” cerimônia é exclusivamente irracional; ela enquadra-se num conjunto de crenças e ritos que é perfeitamente consistente com uma visão racional e integral do mundo. Só que, em vez de ideias claras e silogismo, encontramos símbolos e ideogramas. O mais importante é o fato desta coerência manifestar-se até nas estruturas mais profundas da consciência humana; mesmo de onde nos recebem patogenias ou estruturas psíquicas arcaicas descobrimos arquétipos frequentemente nas mais “racionalizadas” formas religiosas de descobrirmo-las a cumprir as mesmas funções na economia espiritual (ELLADE, 2008, p. 281).

A guerra chegava ao fim. Nos últimos dias de abril, os jornais noticiaram a morte de Mussolini. Os boatos que circulavam na rua sobre a morte de Hitler foram confirmados pelo rádio. No dia 7 de maio, Eliade tomou conhecimento de que a Alemanha capitulara. Três dias depois, celebrou-se o “dia da vitória” em Lisboa. O primeiro-ministro Salazar ordenou luto pela morte de Hitler. Diante das críticas inglesas, voltou atrás, cortou relações diplomáticas com a Alemanha, fechou a embaixada daquele país em Portugal e congelou

os fundos alemães. Pouco antes do ocorrido, Eliade falaria de um sentimento estranho vivenciado por ele durante vários meses. Estava em um labirinto:

Avanço com dificuldade sem saber para onde ir, se estou me aproximando da saída ou se me perco cada vez mais. Por vezes um raio de luz: sinto-me regenerado e otimista: olho com confiança “para o futuro”. Mas logo, segue-se a recaída no marasmo e desespero (ELIADE, 2008, p. 258).

O romeno voltou a pensar no futuro de sua pátria. Sabia que duas potências saíram consolidadas com o fim da guerra: os russos e os americanos. Estes, tendo destruído cidades japonesas com o lançamento de bombas atômicas, caminhavam certamente para impedir a supremacia soviética no mundo. De qualquer forma, para o escritor, não havia como ignorar a força política dos países que circundavam sua pátria, mas esta, se quisesse evitar o risco de comprometer sua existência como nação, não poderia aderir a nenhum dos lados. A última vez que fez esse tipo de escolha, compactuando com a Alemanha, teve de suportar trágicas consequências, e os resultados foram terríveis para o povo.

Mircea Eliade estava consciente de que o retorno à pátria tornara-se impossível, dado o domínio soviético. Tinha clareza dos riscos que correria caso resolvesse voltar. Por isso, com a ajuda de amigos, decidiu solicitar exílio político na França. No dia 8 de junho, recebeu um telegrama avisando que seu visto francês estava assegurado. Deveria, no entanto, permanecer ainda um mês em solo português. Em 22 de agosto, chegou o documento. Soube da notícia através de um telefonema do consulado. Giza, filha de Nina, “[...] fica fora de si e dá pulo como criança. A alegria era tão grande, que já não sabia por onde lhe pegar. *Incipit vita nova*” (ELIADE, 2007, p. 287).

DOS CAMINHOS DO EXÍLIO

O MOMENTO DA FRANÇA: A LIBERDADE SONHADA

Na manhã do dia 16 de setembro de 1945, Eliade e Giza chegam a Paris. Ali já os esperava Cioran, que havia alugado dois apartamentos em um dos hotéis da cidade. A expectativa era de que aquele ambiente fosse mais favorável que o de Portugal no que tangeria tanto à vivência deles como à continuidade das atividades investigativas de Eliade. Por um bom tempo, não leu jornais, pois sabia que através dos amigos antigos e novos poderia informar-se sobre o que estava acontecendo. Uma de suas atividades era resenhar os livros que achava importantes. Atualizar-se com a filosofia e a literatura presentes na nação que o acolheu era mais importante que a leitura de periódicos. Também era uma das preocupações do recém-chegado pensador se ambientar ao novo idioma para poder escrever de forma adequada ao público francês (ELIADE, 1979, p. 7), o que demonstra uma sensibilidade própria e singular. Enquanto as coisas se ajeitavam, procurava conversar e se orientar com os amigos Cioran, Eugène Ionesco, Hélène Vacaresco, Stéphane Lupasco e Georges Dumézil. Aproveitou parte do tempo para ler Charles du Bos e visitar alguns lugares célebres de Paris. O convívio com a comunidade de imigrantes romenos lhe fazia muito bem.

No início de outubro, aproveitou para visitar alguns novos amigos, assim como para reler *L'eau et les rêves*, de Bachelard, do qual se tornaria amigo posteriormente. Para o pensador francês, os símbolos têm uma história psicológica. Na visão de Eliade, no entanto, o símbolo

[...] é revestido de uma dupla função “essencial” e “cognitiva”. Um símbolo reúne, enlaça setores diversos do real (o símbolo aquático, por exemplo), revela a solidariedade estrutural entre as águas, a

lua, o devir, a vegetação, a feminilidade, as origens, o nascimento, a morte, o renascimento, etc. [...] Por outro lado os símbolos são sempre “abertos”, quer dizer, suscetíveis de desvelar significações “transcendentes”, que não estão “dadas” (que não são evidentes) para a experiência imediata [...]. Um símbolo se faz autônomo desde o momento em que se constitui como tal, sua polivalência nos ajuda a descobrir, entre diferentes modos de ser, homologações que escapam à simples “imaginação da matéria” (ELLIADÉ, 1979, p. 9).

Ainda nesse mês, Georges Dumézil o convidou para dar aula na École des Hautes Études sobre os temas de sua preferência. O romeno se alegrou ao perceber que aquilo que havia produzido também era apreciado por pensadores não pátrios; porém não queria se perder em erudição acadêmica, em uma cultura universitária sem sentido. Nesse período trabalhou os três primeiros capítulos de seu *Tratado de história das religiões*²⁴: “Aproximações: estrutura e morfologia do sagrado”, “O Céu: deuses uranianos, ritos e símbolos celestes” e “O Sol e os cultos solares”. No final do ano, teve a oportunidade de se encontrar com Paul Louis Couchoud (homem por ele muito admirado), que lhe solicitava colaboração para a coleção *Mitos e Religiões*.

Em março de 1946, ano em que Hermann Hesse ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, Eliade conheceu pessoalmente Paul Masson-Oursel, o mesmo escritor que em 1936 havia criticado seu livro sobre ioga. Era um senhor simpático, uma pessoa de curiosidade ávida e insaciável, enciclopedista, apaixonado por sínteses. O

24 Esta obra foi publicada no Brasil pela editora Martins Fontes em 1993.

encontro fora solicitado pelo próprio Paul. Ele pedia ajuda de Eliade para escrever um léxico sobre a misticidade. Este, por sua vez, viu tal convite como uma oportunidade de divulgar suas investigações inovadoras, nem sempre entendidas pelos amigos, mesmo por aqueles que o conheciam mais profundamente, como era o caso de Cioran, que não conseguia compreender – talvez ocupado com os aspectos personalista e existencialista, vinculados aos diversos santos e místicos – o interesse do pensador romeno pelo aspecto “objetivo” da religião. Perguntava-se, pois, Eliade sobre a proposta de Paul Masson-Oursel: não seria aquela uma oportunidade de recuperar alguma coisa perdida do homem moderno, aquela dimensão cosmológica do arcaico? Procurando explicitar o ponto sobre o qual fundamentava sua fala, ele ressaltou:

Até o renascimento (e desde então somente nas camadas populares), o homem se sentia integrado no Cosmo, que assumia e expressava em imagens macroantropicas. As diferentes modalidades existenciais eram então vividas em um nível cósmico; para um moderno, semelhantes experiências podem parecer “alienadas”, “objetivas”, porém para os homens das sociedades tradicionais existia uma porosidade perfeita entre todos os níveis cósmicos; a experiência de uma noite estrelada, por exemplo, equivalia à experiência íntima e pessoal de um contemporâneo. Quando se projetava e se homologava um tudo, o homem do pré-renascimento não se tratava, não se alienava no homem heideggeriano. Não tem nada de “impessoal” (no sentido existencialista do termo) na experiência antropocósmica do homem

das sociedades arcaicas e tradicionais. Daí minha paixão por decifrar seus símbolos, precisar suas modalidades: encontro neles todas as nostalgias e os impulsos do homem moderno, diminuído e “interiorizado” (ELIADE, 1979, p. 23).

Em 1947, quando André Gide recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, o pensador romeno encontrou Gus Bernard, que lhe falou sobre os textos cosmogônicos egípcios, objeto de sua tese. Segundo Eliade, após pensar que dominava a estrutura religiosa de certos povos africanos, apercebeu-se de seus equívocos. Marcel Griaule – que havia estado por muito tempo na África, organizando inúmeras expedições, e que, seis meses antes de abandonar esse continente, mantivera, com um ancião, horas de conversa, das quais extraiu um grande aprendizado – demonstrou a Eliade todo o engano das interpretações que até aquele momento o romeno fazia dessa cultura. Para Griaule, especialista das tradições africanas, o velho revelou

[...] o sentido do logos platônico. Seu simbolismo é tão formidável, tão vivo, que só o estudo vivo de semelhante tradição arcaica para compreender o restante das religiões mortas. Não pensava ter tão rapidamente a confirmação, através do mais ilustre dos africanos franceses, de minha “teoria” sobre o simbolismo primitivo (ELIADE, 1979, p. 33).

Ainda no transcorrer desse ano, conversando com Paul Masson-Oursel, Eliade veio a saber que a segunda mulher de Dasgupta havia apresentado uma tese de doutorado na Sorbonne. Foi ela quem cuidou do antigo professor durante um período em que ele esteve adoentado. Antes de morrer, Dasgupta, que era viúvo,

casou-se com a solidária mulher. Eliade, embora tenha manifestado o desejo de conhecê-la, provavelmente nunca a encontrou.

A ideia de uma investigação sobre o homem como ser simbólico lhe fez pensar na possibilidade de escrever um livro. Nele revelaria um pouco de suas preocupações com o homem moderno. Acreditava que:

À medida que o homem da sociedade moderna volta a encontrar a si mesmo no símbolo arcaico antropocósmico, encontra uma nova dimensão da existência. Encontra, como consequência, um novo modo de ser autêntico e maior que o protege contra o niilismo historicista, sem expulsá-lo da “história”. Poderia ser que a história revelasse ao homem o seu verdadeiro sentido: epifania de uma condição humana “gloriosa” (ELLADE, 1979, p. 78).

Nessa época, vai pela primeira vez realizar uma palestra para o grupo Eranos²⁵, na Suíça. Lá conhece Olga Fröebel-Kapteyn e Carl Gustav Jung, dos quais se tornou grande amigo. Também travou

25 *Eranos* é uma palavra grega que significa “banquete sagrado”. Ela serviu, por sugestão de Rudolf Otto, para nomear um grupo que, a partir de 1933, costumava se encontrar à beira do lago Maggiore, em Ascona – uma região muito bonita da Suíça –, para discutir espiritualidade. O grupo foi formado por iniciativa de Olga Fröebel-Kapteyn, militante feminista que nasceu em Londres e estudou história da arte em Zurique. Olga casou-se com um maestro, que morreu de forma trágica em uma queda de avião. Em 1920 ela se mudou para Ascona e ali passou a estudar filosofia hindu e teosofia. Acolhia em sua casa – conhecida como casa Gabriela – os amigos, convidados para encontros que se realizavam em uma sala de conferências que ela mesma construiu em 1928, ao lado da residência principal. Durante uma semana, especialistas das mais diversas áreas se reuniam para o intercâmbio de experiências e de pensamento. Cada pessoa tinha duas horas para apresentar sua contribuição. Entre as eminências que participavam desses encontros podemos citar: Rudolf Otto, Heinrich Zimmer, Mircea Eliade, Karl Kerényi, Carl Gustav Jung, Erich Neumann, Herbert Read, Max Knoll, Joseph Campbell e muitos outros. O grupo sobreviveu por mais de setenta anos.

contato com outras autoridades: Gershom Scholem, da Universidade de Jerusalém, o professor Paul Radin, Karl Kerényi, Henry Corbin, Joachim Wach, Louis Massignon, Jean Filliozat, etc. Retornaria anualmente aos encontros daquela comunidade de interesses comuns até o ano do falecimento de Olga. Na ocasião, ele falou de improviso sobre mitos cosmogônicos e cura mágica.

No retorno à França, continuou trabalhando de forma ininterrupta em um livro sobre o xamanismo. Encontrava-se em dificuldade financeira, tendo de pegar empréstimos para suprir suas necessidades. A busca pela sobrevivência impulsionou sua produção intelectual. As coisas começavam a melhorar quando, no final de dezembro, recebeu uma carta comunicando-lhe que a Bollingen Foundation de Nova Iorque aprovara uma bolsa de estudos, a ser-lhe destinada, no valor de duzentos dólares por mês durante três anos.

A década seguinte foi de muitos acontecimentos importantes na vida do exilado romeno. O ano de 1950 se iniciou com o casamento do pensador com a romena Christinel Cottesco, no dia 9 de janeiro. Situemos o fato. Em 1947 vivia em Paris um imigrante romeno, ex-correspondente do jornal *Universul*, Mihai Nicolescu, que fazia uma tese de doutorado sobre Jean Giraudoux. O referido pesquisador foi convidado por Giza, em uma tarde de outono, para participar de um café em sua casa. Na visita ele foi acompanhado de uma amiga, Sibylle Cottesco, que vivia na França desde os seis anos de idade e era professora de latim. Na oportunidade, ela convidou Eliade para festejar a passagem do ano em seu apartamento, juntamente com outros amigos. Em decorrência de problemas de saúde, ele não pôde comparecer, mas, posteriormente, fez-lhe uma visita e conheceu Christinel, irmã da anfitriã. Diferentemente de Sibylle, uma mulher escura com cabelos negros, cacheados, caindo sobre os ombros, Christinel era loira e de olhos azuis. A primeira imagem ficou gravada na mente de Mircea Eliade: “[...] ela ri como uma criança,

e ainda assim possui uma feminilidade perturbante, mostrando os dentes, inclinando a cabeça ligeiramente” (ELIADE, 1988, p. 129). A bela mulher havia chegado da Itália, onde passara um ano com sua irmã Lisette e seu cunhado Ionel Perlea.

Christinel já tinha lido *Maitreyi* e conhecia outras novelas de sucesso de Eliade. Tivera contato com seu trabalho por intermédio de um amigo pintor, Nina Batali, com quem o escritor tinha se encontrado pessoalmente em 1938. Quando o romeno lhe perguntou como ela o imaginava antes de tê-lo visto, sua nova amiga sentiu-se constrangida e não respondeu, apenas deu uma risada; ele também riu, mesmo sem saber bem a razão. Antes do encontro, Christinel achava que, por ser um autor estabelecido e bastante conhecido, Eliade seria já de certa idade. No entanto, naquela época, ele tinha apenas quarenta anos. No almoço, muito provavelmente estivesse presente Maria Sendrea, ou Mamy, a mãe das três, a qual, embora avó, ainda era muito bonita e sedutora; ela pareceu a Eliade uma princesa do passado. Sua futura sogra morreria aos noventa anos, em 1976. Certa vez, ressaltou o autor que ela tinha sido uma mãe para ele.

Na Páscoa, Ionel convidou familiares e alguns amigos para se encontrarem em um restaurante romeno que acabava de ser inaugurado. Christinel entrou na atmosfera da festa, muito conversou e cantou, o que deixou Eliade fascinado. Aos poucos percebia que o encantamento transformava-se em paixão. Ele trabalhava, todos os dias, até as três horas; no resto da tarde, estava livre para caminhar com Christinel. Eles se viam quase diariamente. A experiência do escritor era a de um adolescente apaixonado, sentia-se totalmente renovado. Ela gostava de ouvir os fragmentos de vida de Eliade, tudo o que ele dizia lhe parecia interessante. Confessou-lhe que já havia se casado duas vezes e que estava separada. Certa vez, durante um jantar na casa dela, Eliade pegou uma pera, lavou-a, partiu-a ao meio

e lhe deu uma parte. Uma amiga, vendo a cena, mencionou uma tradição segundo a qual um homem que desse a metade de uma pera para uma mulher estava destinado a compartilhar com ela o resto da vida. Ele sentiu que deveria dar uma resposta; disse então que sempre admirava e respeitava as culturas e tradições populares.

Nas últimas semanas do ano, estiveram juntos o tempo todo, caminhando pelas ruas, parando em todos os lugares, experimentando os longos beijos. Não tinham como esconder os sentimentos que nutriam um pelo outro. Até Mamy já devia ter percebido há tempos. Eles ficaram noivos no final de 1948. Pouco mais de um ano depois se casaram. Em *Fragments de un diario*, ele registrou:

Nosso casamento hoje; testemunhos, N. I. Heresco; padrinho, Sibylle e Emile Cioran. Depois, Ruma Mignar 4. Entre os convidados, os esposos Dumézil e Puech. Stig Wikander, também. O serviço religioso celebrou no salão (a igreja romena estava fechada) (ELIADE, 1979, p. 74).

Após o enlace matrimonial, muito trabalho, eventos e viagens os aguardavam. Em janeiro, Eliade participa das conferências do Collège Philosophique, entre os dias 13 e 20. Falou sobre os temas: A Estrutura do Mito e O Mito no Mundo Moderno. Logo após esse evento, no dia 23, teve a oportunidade de conversar longamente com Pierre Teilhard de Chardin, que lhe presenteia com alguns textos não publicados, reservados apenas aos amigos. Em março, fez uma conferência em Roma a pedido de Raffaele Pettazzoni e Giuseppe Tucci. No retorno descobriu que sua secretária, por engano, queimara muitas das cartas que haviam chegado, assim como manuscritos de artigos a serem publicados. Ele próprio havia causado o mal-entendido. A falta de espaço em sua mesa o fizera improvisar o

cesto de lixo como depósito, algo não comunicado à assistente. Em maio, retornou à Itália para participar, em Veneza, durante três dias, da Assembleia Constitutiva da Sociedade Europeia de Cultura. A última vez em que tinha estado nessa cidade fora no verão de 1937. Pôde, desta vez, conhecer Ungaretti, Louis Guilloux, Benda, Mario Praz, Lescure, Abade Morel, Jean Amrouche, Jean Wahl e Evel Gasparini, deste recebendo elogios pelo seu *Tratado*.

Em março de 1950, ficou vários dias na Itália participando do Congresso de História da Religião. No segundo semestre, viajou a Ascona para o encontro do grupo Eranos. Ficou admirado com a multidão que se dirigira para lá. Reencontrou-se com Dasgupta. O mestre demonstrou orgulho pelo discípulo, já considerado uma celebridade (ELIADE, 1979, p. 99). A conferência de Eliade teve como tema O Tempo e a Eternidade. Conversou muito com a Sra. Fröebel, que lhe informou da morte de van der Leeuw. Por uns dias, sem vontade de se expressar em outro idioma, comunicava-se apenas em sânscrito. Quase sem roupa, instalou-se em seus aposentos como um eremita hindu. Jung acompanhou a experiência com muito interesse. Christinel, sua esposa, mostrou-se muito assustada; o marido praticamente não comia nem dormia. No período, Eliade escreveu quase um caderno em sânscrito, que Abegg e Tucci tentaram decifrar. Sobre esse estágio de sua vida, perguntava-se o romeno:

[...] o fato de não sentir a menor fadiga me faz refletir. Em qualquer outra circunstância, depois de dezoito ou vinte horas de insônia, haveria começado a sentir alguma reação. Eu estou muito lúcido, como se tivesse tomado uma pastilha de per-vitin. Pergunto-me se a força de reflexão sobre os processos iogues de abolição do tempo não teria “animado” uma imagem

*que havia provocado esta euforia e esta “saída”
fora do tempo não experimentada até agora
(ELLADE, 1979, p. 100).*

No retorno de Ascona, além dos trabalhos já agendados, procurou revisar os textos lá apresentados para publicação. Seu livro *Maitreyi*, editado na França com o título *La nuit bengali*, tinha passado despercebido pela imprensa. O *Le Monde*, que ia fazer uma apresentação da obra, recuou; as justificativas para o fato não o convenceram. Estava convicto de que a embaixada romena ou um colega do exílio haviam levantado alguma calúnia contra a obra perante a direção do jornal. Ainda nesse ano, no mês de setembro, participa do Congresso Internacional de História das Religiões em Amsterdã.

Em 1951, fez várias viagens: Roma, Nápoles, Siracusa, Ascona, etc. Com tantas atividades, o ano passou muito rápido. Em 17 de novembro, recebeu a notícia da morte de seu pai, em uma carta enviada por sua irmã Corina. Ele falecera em 30 de outubro, após três meses de muito sofrimento. Também comunicava o falecimento, uma semana antes, de seu tio Mitache. As informações o remeteram cada vez mais ao passado; não conseguia se desvencilhar das lembranças de sua pátria, de tudo o que ali havia deixado. Como ele mesmo relata em seu diário:

*Nos dias que se seguiram, eu vivi em outro mundo,
um mundo há muito esquecido, consolado apenas
pelo sofrimento. Eu sentia que havia perdido uma
outra parte – a maior parte – de meu passado.
Sozinho, caminhava pelas ruas no entorno do
Sacré-Coeur, lembrando cenas da infância,
adolescência, e início de juventude. Nos últimos
anos, eu tinha conseguido controlar a saudade
de minha terra; ela só se fazia presente quando*

dormia, em certos sonhos. Agora me sufocava novamente (ELIADE, 1988, p. 157).

O novo ano começou com uma mudança de moradia. Havia encontrado uma casa sem vizinhos e sossegada; era um antigo armazém, que, pela falta de iluminação natural, obrigava que as luzes artificiais sempre estivessem acesas. No local ele permanecia solitário quase o tempo todo.

Em fevereiro foi informado por seu amigo Brutus da morte de Anton Galopentzia, que há muito tempo se encontrava preso. Era um homem extremamente lúcido, com um invejável domínio de si mesmo, mas muito triste. Chegara a confessar a Cioran que, se não fosse casado, ele se suicidaria; seu sonho era ter uma casa nas montanhas. Foi o primeiro a falar de Jaspers para Eliade, por volta de 1937. Também disse algo que o historiador da religião jamais esqueceu: “Terá momentos cada vez mais duros e frios. Para nós, os romenos, temos um único problema: como Invernar, como voltar para nós mesmos, e deixar passar o inverno?” (ELIADE, 1979, p. 110).

Em maio, Eliade se dirige à Itália para mais um encontro no Instituto Oriental de Tucci. As ideias de sua conferência, com o tema *Linguagens Secretas e Técnicas Místicas*, foram desenvolvidas em seu livro *Nostalgie du paradis*. Aproveita a oportunidade para rever Papini. Havia-lhe comunicado sua ida à Itália, recebendo como resposta a afirmação de que nunca o havia esquecido e de que, por onde andava, o velho mestre sempre carregava o *Tratado*. Ainda dizia Papini que ele era o Frazer de sua geração e que o aguardava para uma visita. Tinham se encontrado pela última vez em 1927 (ELIADE, 1979, p. 113) e não mais voltaram a se ver, ainda que Eliade tenha retornado várias vezes à Itália.

Chamou-me a atenção um artigo escrito por Eliade em 1953, a pedido de Virgil Ierunca, no qual estabeleceu uma relação entre sua obra filosófica, científica e literária, para ser publicado no *Caete de*

Dor. No texto intitulado *Fragment autobiografic*, impresso em julho, tido por alguns estudiosos do autor como um artigo importante para compreender seu pensamento, o pensador romeno comentaria sobre a importância das duas atividades de sua vida, cujas motivações surgiram desde sua infância e juventude: a ciência e a literatura. São os dois caminhos que percorreu ao longo da vida. Diria ele:

“Compreendi que não podia renunciar nem a uma nem a outra das minhas atividades. Ambas eram igualmente necessárias, em primeiro lugar pelo seu equilíbrio e integridade espiritual. Não obstante os riscos, devia continuar com as duas”
(*ELIADE, 1995, p. 219*).

O resto da década de 1950 foi de muitas viagens – Zurique, Basileia, Ascona, Roma, Veneza, Chicago –, sempre para participar de encontros. Os convites para congressos, entrevistas, elaboração de artigos eram muitos. Não podendo aceitar todos, Eliade inventava desculpas variadas. Em um dos encontros em Ascona, ele realizou uma grande entrevista com Jung, na qual o pensador alemão falou de seu pensamento e de sua relação com Freud, assim como de certas experiências religiosas que teve a oportunidade de viver.

ESTADOS UNIDOS: O RECONHECIMENTO ACADÊMICO

Em abril de 1955, Eliade foi convidado pelo renomado professor Joachim Wach para ministrar um curso na Universidade de Chicago no ano seguinte. Tal convite e reconhecimento, em um momento de dificuldades econômicas, alegraram profundamente o romeno; o lucro obtido com suas obras não era suficiente, em termos, para cobrir todos os seus gastos. Ele viajou então aos Estados Unidos,

onde foi recepcionado por um historiador da religião, o japonês Joseph Kitagawa, para proferir as conhecidas Haskell Lectures. Antes dele já haviam feito as conferências Rudolf Otto, Friedrich Heiler e Louis Massignon, conhecidos por seus trabalhos vinculados ao diálogo inter-religioso, sobretudo na aproximação de católicos e muçulmanos, além de outros importantes pensadores. A universidade lhe ofereceu, pelo trabalho a ser realizado, um pequeno apartamento e remuneração mensal de mil dólares (MARIOTTI, 2007, p. 175). Nos meses de outubro e novembro, ele proferiu seis conferências, denominadas Patterns of Initiation, publicadas dois anos depois com o título *Birth and rebirth*. Em 1959, essas conferências foram traduzidas e publicadas na França, com o título *Naissances mystiques* (ELIADE, 1987, p. 81). Em 1957 entrou na universidade como professor visitante; logo em seguida, por insistência do decano Jerald Brauer²⁶, tornou-se professor titular e chefe do Departamento de História das Religiões, no lugar do professor Joachim Wach, que acabara de falecer. No final da década de 1970, três cadeiras de história da religião existiam nos Estados Unidos, todas elas assumidas por alunos formados pela Universidade de Chicago. O que motivou Eliade a aceitar o convite?

Não foi apenas o interesse pelo trabalho que me reteve, foi a atmosfera da universidade, a sua enorme liberdade, a sua tolerância. Não fui o único a encontrar esta atmosfera admirável, quase paradisíaca! Georges Dumézil, que foi convidado, Paul Ricoeur, que é agora nosso colega, possuem o mesmo sentimento. Esta imensa

26 Entre 1955 e 1970, quando então era reitor na Universidade de Chicago, Jerald Brauer, conhecido por seus estudos de história do cristianismo na América, levou para a universidade importantes pesquisadores: Paul Tillich, Paul Ricoeur, Martin Marty, Mircea Eliade e outros renomados intelectuais.

liberdade de ensino, de opinião, e do diálogo com os estudantes, que temos todo o tempo para conhecer, nos seminários, em suas casas ou nas nossas... Sentimos que não estávamos a perder nosso tempo (ELIADE, 1987, p. 81).

O sucesso de seu trabalho ocorreu, em parte, em função de uma mudança na mentalidade dos norte-americanos. Descobriram que, para poder estabelecer diálogo com outros povos, não deveriam ater-se apenas aos conteúdos de economia ou mesmo de sociologia; era preciso considerar as religiões e sobre elas realizar estudos e pesquisas. Até aquele momento, era proibido o ensino religioso nas escolas públicas; confundiam-se estudos religiosos com ensino de teologia ou história das igrejas. A mudança de atitude perante a área possibilitou a abertura de caminhos que propiciaram o estudo científico da religião.

A vida no novo continente se tornou para ele cada vez mais prazerosa; identificava-se não só com Chicago, mas também com outras cidades norte-americanas, como São Francisco, Boston, Nova Iorque, Washington. Imensa alegria sentiu o romeno com o reconhecimento, por parte dos estudiosos, de seu livro *Techniques du yoga*, publicado pela editora Gallimard na primavera de 1948. Inúmeras foram as resenhas realizadas afirmando a qualidade de seu trabalho. Entre as avaliações positivas, encontravam-se a de Gaston Bachelard e a de Henri-Charles Puech. Louis Renou lhe escreveu: “Na massa da literatura insípida ou falsa relativa à Yoga, tem sido você o primeiro que conseguiu um livro exato, bem documentado, vigorosamente pensado” (ELIADE, 1987, p. 61). Em seguida recebe uma elogiosa carta de seu velho mestre, Raffaele Pettazzoni: “Por fim nos deu um *Traité d’histoire des religions*, concebido de um ponto de vista religioso! É uma obra de primeira ordem, cuja importância

se deve considerar desde agora” (ELIADE, 1987, p. 63). Para Eliade, o respeito e o apreço por parte daquele com quem trocava correspondências desde 1926 eram fundamentais. No referido ano, ganhara de Pettazzoni o livro *Deus*, que leu sublinhando quase todas as linhas. Em 1959, receberia com satisfação a notícia da boa aceitação de seu livro *Mito do eterno retorno*²⁷. Esses acontecimentos foram estímulos eficazes na superação dos problemas próprios daquele que, iniciando a vida em uma pátria nova, teve de trabalhar muito e apresentar qualidade naquilo que fazia.

Mesmo em solo norte-americano, Eliade continuava preocupado com a cultura europeia e com os problemas do século XX.

O fenômeno capital do século XX não foi e nem será a revolução do proletariado, como postulavam os marxistas há oitenta ou setenta anos, mas sim a descoberta do homem não europeu e seu universo espiritual. [...] a visão de Marx, o messianismo do proletariado, a luta final entre o bem e o mal, etc. têm suas raízes e encontra sua explicação na teologia judaico-cristã; que está por sua vez no horizonte histórico mediterrâneo. Seria interessante ver o que significavam para Marx as civilizações exóticas e tradicionais primitivas.

27 No prefácio do referido livro, encontramos a seguinte observação de Eliade, que julgamos pertinente: “O manuscrito que comecei a produzir em 1945 foi intitulado *Cosmo e história*. Mais tarde, decidi modificar o título para *Arquétipo e repetição*. Mas finalmente, por sugestão da editora francesa, transformei *Arquétipo e repetição* em subtítulo, sendo o livro publicado em 1949 como *O mito do eterno retorno (Le mythe de l'éternel retour)*. Algumas vezes, isto tem dado motivo a mal-entendido. Entre outras coisas, a arcaica ideologia da repetição ritual, que era o sujeito central de meu estudo, nem sempre implica o 'mito do eterno retorno'. Além disso, esse título poderia levar o leitor a supor que o livro estivesse preocupado, antes de mais nada, com o celebrado mito grego, ou com sua moderna reinterpretação por parte de Nietzsche, o que não é, de forma alguma, o caso” (ELIADE, 1992b, p. 11).

Porque hoje começamos a dar conta da nobreza e da autonomia espiritual destas civilizações [...]. O diálogo com elas me parece muito mais importante para o futuro da espiritualidade europeia que a renovação espiritual que poderia levar à emancipação radical do proletariado (ELIADE, 1979, p. 116).

Essas convicções foram reforçadas ainda mais após uma conversa sobre ioga e filosofia hindu com o Dr. Medard Boss, um amigo de Heidegger que sempre estava em sua companhia. No diálogo, que ocorreu durante uma viagem de trem, Eliade analisou a atualidade de seu pensamento e de seus estudos de história das religiões e do folclore, e Boss, ainda que nunca tivesse lido qualquer coisa sobre o pensamento hindu, corroborou a proximidade das concepções de Heidegger com essa filosofia. Em seu diário, Eliade pontuou: “Que instinto tive, sendo estudante, ao dirigir-me para o universo espiritual ‘exótico’ e ‘popular’ e distanciar-me do estudo da filosofia ocidental. Instinto é uma maneira de falar. Era o que me interessava e me ‘apaixonava’” (ELIADE, 1979, p. 134). Certamente, daí partiam suas pesquisas sobre a religião na Índia, as quais mantinham relação com os interesses que ele teve no passado pelo Renascimento. Por isso ele podia afirmar em seu diário de 1957, após dois anos sem escrever nada: “O orientalismo não era mais que uma nova versão do Renascimento, o descobrimento de novas fontes e a volta a fontes abandonadas e esquecidas” (ELIADE, 1979, p. 158).

Em uma carta, o filósofo e historiador da filosofia Étienne Gilson afirma a Eliade: “Estou seguro de que será citado alguma vez pelos historiadores da filosofia por ter aberto perspectivas ignoradas, antes de você, sobre a pré-história da metafísica do tempo de Platão, Plotino e Santo Agostinho” (ELIADE, 1979, p. 135). O

romeno tivera contato com o pensador francês, por volta de 1925, por meio de um livro sobre filosofia medieval e confessa que, em certos momentos, precisou interromper a leitura da carta em razão da emoção que sentiu ao verificar a identificação existente entre eles. Também manifestou a alegria de ter conhecido o filósofo espanhol Julián Marías, em setembro de 1953, na cidade de Genebra, do qual lhe havia falado alguns anos antes Ortega y Gasset. Sobre este último, Julián havia escrito um livro.

No ano de 1959, no segundo semestre, Eliade se encontra novamente com Jung. Não havia mudado muito, os cabelos estavam mais brancos, perdera dois dentes e começara a caminhar com auxílio de um bastão; sem a disposição que sempre tivera, pouco tempo de conversa já o cansava, a poucos atendia durante o dia, havia deixado o trabalho terapêutico, não lia os pensadores contemporâneos, mas continuava ainda apaixonado pela patrística. Conversaram mais de uma hora à sombra de uma árvore na cidade de Küsnacht. Ainda nesse ano, na casa do amigo John Nef, conheceu Sir Julian Huxley, pai de Aldous Huxley – pensador pelo qual Eliade nutria certa admiração – e a quem pediu informação sobre os interesses do filho pela mística. Julian respondeu que Aldous sempre fora um místico; esse comportamento aparece já em seus primeiros escritos. Também ficou sabendo que o pensador, ainda jovem, com dezessete anos, esteve cego por certo período e que, em vez de se deprimir, aprendeu o alfabeto dos cegos e se pôs a ler com afinco, sendo tão forte seu apetite pela leitura que a realizava mesmo quando o frio severo o obrigava a recolher-se debaixo das cobertas.

No diário de Eliade, encontramos não apenas os acontecimentos do dia a dia, mas também suas preocupações e projetos. No início de dezembro de 1959, ele apontou, por exemplo, a necessidade de refazer *Fenomenologia do espírito*, para que fosse levada em conta a

contribuição da psicanálise²⁸ e da etnologia, reconstruindo a história da religião para uma melhor compreensão do comportamento arcaico. Também não deixou de reconhecer a contribuição de Marx e Freud. Segundo ele, o primeiro foi capaz de, por seu pensamento crítico, analisar e desmascarar o inconsciente social; o segundo decifrou o inconsciente pessoal²⁹. Para Eliade, os estudiosos da história da religião deveriam fazer algo muito similar ao que fizeram os pensadores citados. A disciplina teria a função precípua de:

*[...] identificar a presença do transcendente na experiência humana, isolar na massa enorme do “inconsciente” o que é trans-consciente. Por esta razão me parece tão apaixonante e tão decisivo o estudo do simbolismo. Um símbolo pode revelar tanto o que ocorre nas profundidades (a psicanálise) como o que está nas alturas. Necessitaria muitas páginas para esclarecer tudo isto [...]. Disse umas palavras sobre isto em *Mythes, rêves et mystères*, porém não expliquei em nenhuma parte a função analítica da História das Religiões, a maneira em que nos ajuda a desmascarar a presença do transcendente e o supra-histórico na vida de todos os dias (ELIADE, 1979, p. 203).*

28 Embora reconhecesse a importância da psicanálise e as novas possibilidades que ela levanta, Eliade não deixou de apontar seus limites. Em seu diário disse: “A psicanálise justifica sua importância porque nos obriga a olhar e aceitar a *realidade*. Porém, que realidade? Uma realidade condicionada pela ideologia materialista e cientificista da psicanálise, ou seja, um produto histórico: vemos uma coisa em que acreditaram certos sábios e pensadores do século XIX. Se a psicanálise aceitasse um dia uma *realidade total*, não condicionada por sua própria ideologia, uma nova etapa poderia abrir-se na história do espírito ocidental” (ELIADE, 1979, p. 305).

29 Em várias oportunidades, Eliade falou sobre Freud, começando pelos encontros realizados na Romênia promovidos pelo grupo Critério, do qual fazia parte. Também em 1978, dedicou em seus seminários um bom tempo para as discussões sobre o psicanalista, assim como sobre Jung e van der Leeuw (ELIADE, 1981, p. 359).

Ainda nesse mês, ele voltou a pensar em Marx, em sua objeção ao cristianismo. Acreditava ser impossível demolir o cristianismo a partir de suas contradições, com base na crítica filosófica e histórica. As raízes culturais são profundas e não serão abaladas com questionamentos, por mais pertinência e justeza que eles possam ter. Não se deve deixar de levar em conta que a doutrina cristã “[...] existe e subsiste pelos mitos³⁰, símbolos, as nostalgias que respondem a uma necessidade profunda do homem ocidental” (ELIADE, 1979, p. 204). São essas raízes profundas que levarão o cristianismo a sobreviver às críticas por centenas de anos.

O início da década de 1960 trouxe lembranças de sua terra natal. O exílio não é apenas uma experiência existencial de perdas e dor; o sonho com a pátria jamais some, assim como não desaparece o desejo do retorno³¹. O pensador romeno comentou, no entanto, que o exílio por ele experimentado não diferia muito daquele que vive, de certa forma, cada ser humano:

Cada exilado é um Ulisses a caminho de Ítaca. Toda existência real reproduz a Odisseia. O caminho até Ítaca, até o Centro. O que descubro de repente é que a qualquer exilado se oferece a oportunidade de converter-se em um novo Ulisses (justamente porque foi condenado pelos deuses, quer dizer, pelas potências que decidem os destinos históricos e terrenos). Porém, para dar-se conta disto, o

30 Para uma melhor compreensão do mito, é importante a leitura da obra de Mircea Eliade *Mito e realidade*. Originalmente o livro foi publicado nos Estados Unidos em 1963, com o nome *Myth and reality*.

31 No entender de Mariotti (2007, p. 182), “o exílio foi para Mircea a mais grande e duradoura prova iniciática, uma viagem para o Centro, o lugar simbólico onde se encontra o sagrado por excelência”.

exilado deve ser capaz de decifrar o sentido oculto de sua vagabundagem, e compreendê-lo como uma grande série de provas iniciáticas (queridas pelos deuses) e como outros tantos obstáculos no caminho que o leva a cãs (até o Centro). Isto quer dizer: ver signos, sentidos ocultos, símbolos nos sofrimentos, depressões, esgotamentos de todos os dias. Vê-los e lê-los, inclusive se não estão aí; se os vê, se pode construir uma estrutura, e ler uma mensagem no transcorrer amorfo das coisas e no fluxo monótono dos fatos históricos (ELLIADÉ, 1979, p. 204).

Em 1960, Eliade foi informado da morte de seu grande e admirado mestre Raffaele Pettazzoni, ocorrida no dia 8 de dezembro do ano anterior. A perda o fez relembrar vivências com o velho mestre italiano, como em Tóquio em 1958, quando Pettazzoni ficou enfermo e precisou passar vários dias internado, ou o encontro em Quioto, marcado pelo entusiasmo com o Japão, ainda que tenha sido curta a permanência no país, pois o calor os assustou, obrigando-os a retornar da viagem.

A ida ao país asiático ocorreu em função de um encontro em Sendai, no qual Eliade falaria sobre a metodologia da pesquisa em história da religião. Aproveitando o tempo disponível, conheceu algumas cidades e lugares turísticos do Japão. Deslumbrou-se com as ilhas e rochas talhadas pelo vento e pela água de Matsushima; do hotel contemplava aquela beleza natural. Em seu apartamento, foi visitado por Karl Löwith, o que o induziu a algumas reflexões: como poderia aquele intelectual ter um conhecimento tão grande dos filósofos europeus e tão pouco conhecimento do budismo? Como compreender tanto interesse pela lógica elaborada fora e uma total ignorância da lógica de Nagarjuna, de Vasubandhu, de Dignaga, de Dharmakirti?

Karl Löwith, na visão de Eliade, renunciava à contemplação das grandes riquezas culturais a serem exploradas por ali e ocupava-se de tradições mais distantes, deixando as experiências que ocorriam em seu redor unicamente nas mãos de historiadores e orientalistas estrangeiros. Outros contatos com pensadores estabelecidos em países orientais lhe confirmaram o desinteresse deles pela cultura e pelos valores do povo indiano (ELIADE, 1979, p. 170).

Procurando explorar as possibilidades significativas da viagem, foi visitar, em Shiogama, Suzuki, uma mulher xamã cega, de 56 anos, à qual fez companhia por um bom tempo. No passado, as pessoas que nasciam cegas no norte do Japão eram mortas entre os seus cinco e dez anos de idade; o costume foi abolido quando uma autoridade oficial, em um determinado dia, chamou uma mulher cega e pediu que lhe descrevesse o jardim. Ela não apenas o fez, mas também disse que, embaixo de uma árvore ali existente, encontrava-se uma lanterna de pedra, o que foi confirmado. A partir desse dia, as mortes cessaram, e os cegos passaram a ser respeitados. Na casa de Suzuki, presenciou um ritual que lhe serviu de base para comentários posteriores que faria a Ichiro Hori, professor da Universidade de Sendai, que o acompanhou em seus passeios. (Posteriormente esse professor traduziria os livros de Eliade para o japonês.) No Japão, percebia uma espiritualidade com características muito distintas das verificadas no cristianismo. Em sua teologia, o

[...] universo está constantemente santificado por uma infinidade de epifanias instantâneas. Os deuses não se instalam em nenhuma parte do mundo. O espírito desce em qualquer momento e em qualquer lugar, porém não fica, não se deixa aprisionar pela duração temporal. A epifania é, por excelência, fulgurante. Toda presença divina é provisória. Assim poderá, talvez, compreender

a paixão dos japoneses pela arte de organizar as flores, e através destes Universos em miniaturas que são os jardins (ELIADE, 1979, p. 174).

As viagens se seguiram, tanto para passeios como para congressos. Poderíamos destacar sua participação, ainda em 1960, no Congresso Internacional da História das Religiões, em Estocolmo, Suécia, onde ficou alguns dias, tendo visitado também Uppsala. Em seguida viajou para Oslo e Bergen, na Noruega. Um dos lugares que mais apreciou foi a conhecida igreja de Borgund, construída em 1150, em honra a Santo André. Toda feita de madeira, ela conseguiu sobreviver por séculos sem sofrer grandes danos ou reparações. Essa obra-prima, uma das realizações nórdicas mais fantásticas, expressa justamente o momento em que a Noruega, no entender de Mircea Eliade, começava a assimilar os valores cristãos (ELIADE, 1989b, p. 18).

A dor lhe invadiu a alma com a morte de seu amigo Jung, em 6 de junho de 1961. Vaun Gilmore, seu colega, fez-lhe a leitura de uma carta enviada por Aniela Jaffé, pessoa próxima ao ex-discípulo de Freud e estudiosa de sua obra, sobre os últimos meses de vida de Jung. Problemas de fígado e vesícula o haviam debilitado. Quase não comia, estava muito magro, já não conseguia sequer ditar as cartas, mas permanentemente perguntava se havia algo para fazer. Durante sua enfermidade, trabalhou por um bom tempo em torno de um artigo que queria concluir. Ficou dois dias sem falar por causa de uma crise e, quando retornou a si, não conseguia nada dizer sem misturar os vários idiomas que dominava. Ainda que fosse animado pelos médicos, que lhe garantiam recuperação, já não tinha motivação para viver.

“Um dia antes de morrer sonhou que havia encontrado em cima de uma montanha uma pedra. No dia seguinte pela manhã estava feliz.

Era, dizia ele, o signo exemplar de que sua vida havia alcançado seu final. Tinha encontrado o lapis philosophorum” (ELIADE, 1979, p. 236).

Alguns dias depois, Eliade teria oportunidade de conversar sobre Jung com seu amigo Roland Cahen³². Este confidenciou que planejava publicar as correspondências trocadas entre Jung e Freud. Eram 350 cartas, com suas respectivas respostas. O total de páginas era superior a 750. Jung não autorizou que fossem publicadas até que transcorressem 25 anos de sua morte. As primeiras cartas revelavam elogios feitos por Freud a seu discípulo; as últimas eram cartas sofridas, expressavam os desacordos entre eles. Segundo Eliade (1979, p. 238), na visão de Cahen, durante as viagens que Freud fazia com Jung aos Estados Unidos, falavam um com o outro sobre seus sonhos e os interpretavam; o desgosto de Freud com a presença de uma segunda pessoa na interpretação de seus sonhos foi uma das possíveis causas da ruptura entre os dois. Ainda assim, Jung continuou julgando-se o único discípulo de Freud, aquele que continuou sua obra após a morte do mestre em 1939, na cidade de Londres.

No final do ano, Mircea Eliade vai a Paris. Seu amigo Emil Cioran lhe pediu que fizesse uma visita ao filósofo Gabriel Marcel. O pensador francês lhe fez um resumo da conferência que realizava, intitulada *Le Sacré à l'Âge Technique*. Eliade teceria então considerações sobre a sobrevivência dos símbolos na época moderna, observando que tal se dava de forma camuflada e degradada; segundo ele, apesar das racionalizações do homem diurno, o homem noturno nunca morre (ELIADE, 1979, p. 240). Além de Gabriel Marcel, Eliade havia, conforme anotou em um de seus diários, dedicado um grande tempo ao estudo dos filósofos

32 Psiquiatra francês de origem semita que foi discípulo de Jung, a quem conheceu em 1936, e divulgador de suas ideias na França. Em 1954 favoreceria o contato entre Lacan e Jung, quando este estava com 79 anos. Jacques Lacan buscava com o ex-discípulo de Freud informações para uma pesquisa que estava realizando.

franceses Merleau-Ponty, Jean Wahl, Sartre e Ricoeur. Contudo, não conseguiu tirar proveito dessas leituras. Considerava que alguns desses filósofos se perdiam em descrições intermináveis do concreto (os fenomenólogos), outros escreviam sobre filosofia como se escrevessem um artigo político ou uma novela. Para Eliade, não há controle da inspiração; nesse sentido, recriminava Sartre. Também diria que os escritores estavam imitando os filósofos, apaixonados pelo abstrato, pela precisão conceitual, com desprezo às narrações.

Ainda fazia referência às leituras feitas do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer³³, um pensador que assumiu o mundo moderno. Dietrich acreditava que, tendo conquistado a maioria, o homem já não precisa da tutela de Deus; a secularização era um fato a ser aceito. Defendia um cristianismo secularizado, sem Deus. Daí seu esforço em encontrar um significado religioso na ordem do natural e do profano. Nesse sentido, aproximava-se da reflexão realizada por Mircea Eliade em *O sagrado e o profano*³⁴, no qual o autor diz que a vida religiosa do homem moderno se restringe à esfera do inconsciente. “Só o inconsciente é, todavia ‘religioso’” (ELIADE, 1979, p. 250). O romeno estendeu suas críticas a Rudolf Bultmann³⁵, afirmando que esse pensador pretendia, com sua demitologização, banir do universo religioso os mitos e classificando sua linguagem como ultrapassada e

33 Algumas de suas obras já foram publicadas no Brasil pela editora Sinodal.

34 Sobre os objetivos pretendidos com o livro ele comentou, confrontando-o com a obra *O sagrado*, de Rudolf Otto: “Passados quarenta anos, as análises de R. Otto guardam ainda seu valor; o leitor tirará proveito da leitura e da meditação delas. Mas nas páginas que seguem situamo-nos numa outra perspectiva. Propomo-nos apresentar o fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade, e não apenas no que ele comporta de irracional. Não é a relação entre os elementos não racional e racional da religião que nos interessa, mas sim o sagrado na sua totalidade. Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. As páginas que o leitor vai abordar têm por objetivo ilustrar e precisar essa oposição entre o sagrado e o profano” (ELIADE, 2010b, p. 16-17)

35 Algumas obras de Rudolf Bultmann foram recentemente traduzidas e publicadas no Brasil pela editora Sinodal.

inadequada para exprimir as experiências religiosas do homem. Para Eliade, Bultmann fazia uso de uma linguagem própria do Renascimento com a virada cientificista, ao passo que a experiência religiosa poderia ser explicitada com uma constelação simbólica atualizada, distante de uma linguagem arcaica inapropriada para o homem moderno. Em 1956, Eliade participou de um debate com Bultmann, em Marburgo. Apesar de todo o esforço para mostrar ao pensador alemão o quanto era desnecessário serem expurgados o universo imaginário e seu valor em comunicar a transcendência, a liberdade absoluta, etc., não conseguiu convencer o amigo (ELIADE, 1979, p. 301).

A leitura do opúsculo de Kierkegaard, *The point of view for my work as an author*, possibilitou-lhe explicitar seu posicionamento ante os pensadores modernos e o próprio filósofo dinamarquês. Kierkegaard dizia que o cristianismo de sua pátria não era cristão; havia perdido a vida presente na religião original. Era o que, de certa forma, ocorria no cristianismo em geral e que fora muito bem percebido pelos pensadores alemães supracitados. Para Eliade, o que era pertinente não era sublinhar este desvio, a evidência de que o homem moderno não é mais religioso. Ele constatou que o

[...] homem moderno, radicalmente secularizado, crê-se ateu, arreligioso ou pelo menos indiferente. Porém se equivoca. Não conseguiu ainda abolir o homo religiosus, que se encontra nele: não suprimiu (se alguma vez o fez) mais que o christianus. Isto quer dizer que continua sendo "pagão", sem sabê-lo. Significa também outra coisa: uma sociedade arreligiosa não existe, todavia (creio, da minha parte, que não pode existir), e se existisse, pereceria ao cabo de algumas gerações, de tédio, neurastenia, ou por suicídio coletivo (ELIADE, 1979, p. 254).

Um dos pensadores que encarnava esse espírito da modernidade era seu amigo Tom Altizer, que se tornaria conhecido por um livro publicado em conjunto com outros autores sobre a morte de Deus. Com ele Eliade manteve um diálogo pessoal³⁶. Uma das objeções de Altizer ao trabalho de Eliade era o fato de o intelectual romeno não dialogar com aqueles pensadores que para ele representavam a consciência moderna, ou seja, Freud, Nietzsche e Marx. Para Eliade, esses ilustres filósofos ocidentais, admirados por seu amigo, abordaram a crise da modernidade a partir de um horizonte provinciano e ocidental, enquanto ele pretendia uma abertura para outras possibilidades, com outros universos culturais, alguns já inexistentes; objetivava uma compreensão do mundo ocidental com base na contribuição externa, em outras formas de ser e existir. Manifestou em seu diário:

Meditar e filosofar sobre as mitologias e as religiões “primitivas”, como Nietzsche e Rohde filosofam sobre as crenças e as criações gregas, é o secreto sentido de meu livro. No fundo, antes de vir, a cultura ocidental deve descobrir e proclamar todos os modos de ser do homem. Meu dever é demonstrar a grandeza, às vezes ingênua, às vezes monstruosa, dos modos de ser arcaico (ELIADE, 1979, p. 263).

Advogou, então, que não podemos nos deter na tradição mitológica grega, mas devemos expandir nossa perspectiva para

36 Um diálogo nos horizontes de um caminho e de uma posição que assim expressou: “É exatamente minha posição a respeito dos escritores, sábios ou filósofos que admirei, que me ensinaram algo, que me estimularam. Não os discuto. Assimilo o que necessito, e sigo meu caminho” (ELIADE, 1979, p. 331).

muitas outras culturas que se encontram disponíveis para serem estudadas, exploradas, como exemplo, as mitologias xamanistas siberianas, polinésias, ameríndias.

Para Eliade, havia por parte de muitos pensadores dificuldade na compreensão das convicções de Altizer e seus amigos, William Hamilton, Paul van Buren e Gabriel Vahanian, defensores da morte de Deus. A questão da “morte de Deus”, segundo Eliade, é algo bastante presente na história das religiões; acreditava que o termo se referia a certa concepção que se poderia ter de Deus. Nesse sentido são compreensíveis as posições de Giordano Bruno e do próprio Nietzsche. Contudo, não há como desconhecer a importância de Altizer e seus amigos entre os jovens teólogos (ELIADE, 1979, p. 293). Eliade chegou a ser chamado a pronunciar-se sobre a proposta do grupo, cujos membros se colocavam como os profetas dos novos tempos. Em menos de três meses, ficaram conhecidos, foram convidados para conferências, entrevistas, compareceram em programas de televisão, percorreram em pouco tempo inúmeras cidades. Havia uma paixão, por parte dos jovens, pela teologia radical; embora ainda mantivessem o interesse pelo cristianismo, já não aceitavam os velhos dogmas. Com a encarnação de Jesus, Deus Pai se esvaziou, fez-se imanente: corpo e história. Tudo se passa *na* e *com* a história; esse é o novo caminho do cristianismo. Jesus não havia ressuscitado ou subido ao céu, pois, se assim fosse, ele abriria caminho para o Deus transcendente extra-histórico. Na verdade, Eliade não se importava com a negação ou com a afirmação de Deus com base em argumentos ontológicos. A discussão a favor ou contra a existência de Deus lhe parecia ingênua e infantil. Assim dizia ele:

Não creio que tenhamos direito, pelo momento, a argumentar filosoficamente. O “problema” como está deve ficar em suspenso. Teremos que nos

contentar com as certezas pessoais, com as “ápostas” baseadas em sonhos, adivinhações, êxtases, emoções estéticas. Isto é também um modo de conhecimento, porém sem “argumentos”, de qualquer natureza que seja: lógicos, cosmológicos, ontológicos etc. (ELLIADÉ, 1979, p. 304).

O pensador romeno recebeu, no dia 13 maio de 1966, o livro de Tom Altizer, *The gospel of christian atheism*. Leu-o aos poucos, sem muita motivação. A publicação não o atraía. As razões?

Não sei por quê, mas o livro não me atrai. Talvez porque esteja escrito para provocar, indignar e conquistar. Não tem mais que algumas ideias que Tom recolhe, repete e comenta durante dezenas e dezenas de páginas. O cristianismo radical não é uma “religião” como as demais, porque não olha para trás, não olha os acontecimentos primordiais, para reutilizá-los ritualmente [...]. A morte de Deus significa para Tom o cristianismo radical; só um cristianismo pode conhecer esta experiência aterradora, somente ele é, portanto, verdadeiramente moderno (ELLIADÉ, 1979, p. 314).

Anteriormente lera uma biografia de Croce escrita por Fausto Nicolini³⁷. Embora qualificasse a elaboração como medíocre, pôde obter algumas informações sobre o pensador italiano. Croce era o tipo de pessoa que toda manhã traçava seu plano de trabalho para o dia e,

37 Historiador, escritor e crítico literário italiano. Eliade conheceu Benedetto Croce em 1903 e identificou-se com seu pensamento.

antes de dormir, avaliava o que tinha feito. Isso chamou atenção do escritor romeno, que atentava para sua capacidade de concentração. Croce escrevia sem nenhum livro sobre a mesa. Quando precisava de alguma citação, recorria à estante, retirava o livro, extraía o que queria e, logo em seguida, devolvia o volume ao lugar de onde o havia tirado. Eliade aproveitou, nesse período em que pesquisava sobre Croce, para rever as correspondências deste dirigidas a Karl Vossler, linguista alemão que folheara há quase dez anos. Uma das cartas discorria sobre Heidegger; Vossler comenta que a influência do filósofo era muito mais forte na Espanha – onde contava com o apreço de Xavier Zubiri³⁸ a seu pensamento – do que na Alemanha (ELIADE, 1979, p. 295).

Um fato do ano anterior que não se pode esquecer, ocorrido no mês de outubro, foi a morte de Paul Tillich. O teólogo interessava-se pelo trabalho de Eliade, e os dois amigos já haviam conversado sobre isso:

Paul Tillich está muito interessado pelo que digo do deus otiosus entre os primitivos, sobretudo pela repetição do mesmo fenômeno do distanciamento e passividade nas religiões do antigo Oriente e inclusive na Grécia (a castração de Urano – a expressão mais plástica da inação e da inatualidade). Perguntamo-nos ambos se não se tinha verificado o mesmo processo no judaísmo. Javé se faz cada vez mais transcendente no

38 Xavier Zubiri não desconhecia a obra de Mircea Eliade. Em *El problema filosófico de la historia de las religiones* faz comentários elogiosos a um dos livros do romeno. Ao falar do sagrado, dirá que a “história da religião tem tido sua expressão mais esplêndida em um livro absolutamente de primeira ordem e único em sua espécie, de Mircea Eliade: *O tratado de história das religiões*” (ZUBIRI, 1993, p. 22).

judaísmo tardio. Os intermediários ocupam um lugar. Os poderes de Javé aparecem hipostasiados: sua Sabedoria, sua Glória, o seu Espírito, seu Verbo. Na imagem do Messias, o Filho do Homem, encontramos com o Poder intermediário por excelência. Tillich vai mais longe: para ele, a teologia representa uma forma deísta da retirada de Deus do mundo. Quanto à teologia protestante americana dos últimos cinquenta anos, Tillich a considera como unitária em Cristo. Deus fica reduzido às duas pessoas da Trindade. Os elementos demoníacos de Javé desaparecem. Deus se converte na Lei moral (ELIADE, 1979, p. 281).

Informado da precariedade da saúde de Tillich, Eliade esteve com ele pouco antes de sua morte. Mesmo debilitado, Tillich apresentou uma conferência no Breasted Hall. Eliade o apresentou ao público que lotava o auditório. Sua exposição teve como tema O Significado da História das Religiões para o Teólogo Sistemático.

Depois da conferência, foram juntos à casa de um amigo, onde também estava presente Tom Altizer, com quem Tillich conversou longa e fervorosamente à beira do fogão. Naquela noite, no entanto, Tillich teve um ataque cardíaco e foi levado ao hospital. Eliade sentiu-se culpado, pois foi ele que insistiu em sua participação em Breasted Hall. Em 23 de outubro, o teólogo teve um novo ataque, e os médicos já não acreditavam em sua recuperação. Christinel, esposa de Eliade, foi ao hospital ajudar Hannah, mulher de Tillich. Logo retornou com a notícia de seu falecimento; relatou também a emoção do médico que cuidava dele: “[...] estava tão emocionado que mal podia falar. Paul sabia, dizia o médico, que ia morrer, porém estava sereno, tranquilo” (ELIADE, 1979, p. 306).

Assim partia, aos 79 anos, mais um amigo, que, conforme o relato do romeno, chamava-lhe a atenção por sua “[...] extraordinária faculdade de ‘refazer-se’ pela presença ativa e criadora de interlocutores inteligentes. Este homem vive do calor humano, da simpatia e do diálogo” (ELIADE, 1979, p. 306).

Ao sofrimento da perda do amigo juntavam-se outras angústias, referentes aos acontecimentos que se passavam em sua terra natal em decorrência da repressão soviética. Tomou conhecimento da experiência de seu compatriota Nicolas Cârja, que havia sido sequestrado no centro de Bucareste em 1947, julgado secretamente por um tribunal soviético e condenado a vários anos de trabalho forçado. O responsável pelo cárcere foi o coronel Belinki, conhecido por oferecer às pessoas cigarros presos no cano de seu revólver. Ficou sabendo, também pelas narrações de Cârja, que um determinado capitão, Karagolnicov, da polícia soviética, colocava os presos de frente para a parede, com as mãos amarradas para trás, e os matava com um tiro na nuca. Para encobrir o ruído dos disparos, executava-os sob o barulho de uma motocicleta. Karagolnicov andava sempre atormentado e com as roupas manchadas de sangue. Para Eliade, era a banalidade do mal, tal como dizia a filósofa Hannah Arendt (ELIADE, 1979, p. 309).

Conheceu, através do amigo Brutus Coste, a experiência do pastor Richard Wurmbrand, que acabava de chegar da Romênia após ter sido resgatado pelos luteranos. Richard esteve preso por dez anos nos cárceres romenos, sobrevivendo por milagre, após ter contraído tuberculose. As notícias do que ocorria nas prisões de seu país eram as mais repugnantes possíveis. Entre elas, a de um sacerdote ortodoxo que, durante a Páscoa, foi colocado em um recipiente cheio de excrementos até a cintura; com uma mão, era obrigado a segurar uma bandeja cheia de excrementos e, com a outra, uma tigela com urina. Ele foi forçado a fazer suas orações

nessa situação diante dos demais condenados e dar-lhes comunhão em uma das bandejas. Apesar de todo o sofrimento, as pessoas continuavam firmes em sua fé e resistiam, chegando mesmo a converter alguns dos seguranças. Soube que um dos torturadores de Wurmbrand caiu em desgraça, foi preso e torturado, e, quando estava quase morrendo, pediu perdão ao pastor, que, já bastante fraco, arrastou-se até o soldado russo, abraçou-o e o perdoou. Eliade, embora distante de sua pátria, procurava informar-se de tudo o que lá se passava.

Em junho de 1966, Eliade recebeu o título de Doutor Honoris Causa na Yale University. Para ele, um importante reconhecimento do trabalho realizado até então. Em seu diário, registrou o carinho com que foi recebido, além das palavras finais do primeiro-ministro da solenidade, Kingman Brewster Jr:

Você pertence ao universo. Em sua primeira juventude viajou desde a Europa até a sabedoria interior do Este, e tendo explorado a essência da espiritualidade hindu, trabalhou para tornar mais inteligível o Este para o Oeste. Venerando os grandes mistérios expressos nos mitos e nos símbolos, contribuiu para encontrar uma linguagem humana para a verdade eterna. Yale lhe confere o grau de doutor em humanidades (ELLIADÉ, 1979, p. 316).

Certamente sentiu-se orgulhoso pelo prêmio, mas o acompanhou sua inseparável melancolia, que se manifestava quando ele menos esperava. Christinel estava ao seu lado, dando força e apoio. Também nesse ano, Eliade foi eleito membro da The American Academy of Art and Sciences.

Esses momentos eram importantes em sua atividade reflexiva hermenêutica, que, de certa forma, posicionava-se contrária a uma investigação científica reducionista. Para o romeno, a experiência humana devia ser decifrada, diferentemente da prática científica positivista existente. Postulava que a hermenêutica era essencial, desde que fosse aplicada a partir das fontes primordiais. Como ele mesmo apontou:

Ainda que quiséssemos, não poderíamos renunciar à hermenêutica, porque somos o resultado de um trabalho hermenêutico milenar. No fundo, somos resultado das interpretações da vida, da morte, da consciência, da criatividade, etc., elaboradas desde os pré-socráticos, e inclusive, antes (desde o descobrimento da agricultura e da metalurgia, por exemplo [...]) (ELIADE, 1979, p. 317).

Diante dessa postura, tornara-se importante um trabalho criterioso de investigação das fontes, dos documentos, de recomeçar sempre quando necessário. Era uma característica de Eliade ser sempre incansável em seu trabalho; refazia tudo quando assim precisava. Ele procurava seguir aquele posicionamento que deveria ser o do filósofo no entender do pai da fenomenologia. Em seu diário, anotou Eliade:

Husserl disse: “o filósofo se encontra em um estado de perpétuo recomeçar. A filosofia não pode considerar-se nunca como definitivamente estabelecida em nenhuma das verdades que se aproxima; é uma experiência continuamente renovada em próprio começo” (ELIADE, 1979, p. 324).

Para Eliade, os filósofos ficavam nas teorias abstratas, sem um trabalho documental que pudesse contribuir para uma compreensão adequada dos mistérios da experiência mítica. Daí a dificuldade que tinha e que sempre expunha aos filósofos: como explicar os mitos cosmogônicos e não gregos, marcados por uma ontologia primitiva de uma metafísica rudimentar, reveladora de um mundo que se coloca como modelo? Enfim, uma ontofania, que também é uma cosmogonia: “[...] ‘o Ser que leva ao ser’. O nascimento, a criação do Mundo é, antes de tudo, aparição do Ser, ontofania” (ELIADE, 1979, p. 319). Por isso é preciso ampliar o universo reflexivo religioso, pois, como ainda assinalou nosso autor:

A criatividade religiosa do Ocidente cristão não deve buscar-se unicamente na teologia ou na história da igreja, mas também nas correntes subterrâneas, “ocultas”, na mitologia das sociedades secretas, na alquimia do renascimento, nas geografias místicas da Idade Média e do Barroco. O pré-romantismo e o romantismo exaltam a função do sonho e do imaginário. Neste mesmo momento tem lugar o descobrimento das “Noites” e do “orgânico”, e tantas outras experiências que, se não são todas novas, são vividas até o final, são interpretadas, valorizadas e, sobretudo, transformadas em ideias mestras (ELIADE, 1979, p. 335).

Trata-se da busca do homem pela compreensão da totalidade. Eliade acreditava, identificado com Goethe e Jung, que o ideal perseguido pela humanidade não é o da perfeição, mas o da totalidade. A primeira pressupõe a segunda.

No final da década de 1960, os Estados Unidos conheceram um período de muitos protestos e contestações. Eliade acompanhou os acontecimentos com bastante interesse. De forma prudente, procurou manter diálogo com os alunos nesse contexto em que a juventude colocava em xeque os valores herdados de seus antepassados. Em muitas das iniciativas, ele via a presença do místico, da experiência do transcendental. Passou a admirar a figura de Alan Watts, que procurava difundir entre a juventude americana uma nova espiritualidade com base na tradição Zen. Também se aproximou do poeta Allen Ginsberg. Este, com suas longas barbas, assemelhava-se a um asceta. Conversariam sobre o uso ritual de drogas, o tantrismo, a Índia e Swami Shivananda, o mestre que Eliade conhecera em 1930. O poeta manifestaria seu descontentamento com a sociedade industrial norte-americana e o descaso com os jovens, que almejavam uma sociedade não consumista. Eliade via em Allen Ginsberg um sinal de esperança na difusão de uma espiritualidade que poderia representar revitalização da sociedade ocidental (MARIOTTI, 2007, p. 190).

No início da década de 1970, Mircea Eliade recebeu em Chicago o título de Doutor Honoris Causa of Humane Letters pela Loyola University. Anteriormente havia recebido o título de Doutor Honoris Causa em Filosofia das Religiões pela Universidade de La Plata e Doutor Honoris Causa of Sacred Theology pelo Ripon College. Foi inclusive nomeado correspondente pela Academia Britânica.

Em termos de produção científica, um trabalho, iniciado em 1972, dedicado à história das crenças e ideias religiosas foi o que mais consumiu seu tempo nos anos de 1970. Com tal iniciativa, o autor pretendia, de forma simples e acessível, traçar um quadro geral da história da religião desde a fase mais primitiva do homem até os momentos atuais. Queria que essa fosse sua última obra de teor acadêmico; uma elaboração que, no seu entender, começou muito tarde e só foi concluída por pura obstinação.

Eu começo a redigir o primeiro capítulo do História das crenças: "Comportamento religioso dos paleolíticos". Além deste capítulo, restam-me ainda dois a escrever, um sobre a religião no Neolítico, e outro sobre a religião no Megalítico. Todo o resto do manuscrito está corrigido e datilografado a máquina. Eu imagino que o primeiro tomo de História poderá estar pronto daqui a um ano ou dois (ELLIADÉ, 1981, p. 91).

Durante esse período, ele enfrentou diversos problemas de saúde. O primeiro tomo de *Histoire des croyances et des idées religieuses, L'âge de pierre aux mystères d'Eliseus*³⁹, foi publicado na França em abril de 1976, trinta anos depois do seu reconhecido trabalho *Traité d'histoire des religions*. Em junho de 1978, ele terminou o segundo tomo, lançado em setembro durante um coquetel oferecido pela livraria Payot, responsável pela publicação. Fizeram-se presentes no lançamento Georges Dumézil, Marcel Detienne, Paul Ricoeur, além de jornalistas, alunos, escritores e simpatizantes (ELLIADÉ, 1981, p. 389). Esse projeto se tornaria uma das obras mais importantes da história da religião. Como a capacidade de Eliade de trabalhar em vários projetos distintos simultaneamente era formidável, enquanto o elaborava, produziu textos para apresentar nos vários congressos para os quais era convidado, redigiu seus diários, sua autobiografia, apresentação de livros, etc. Ainda em 1972, foi publicado em Paris o livro *Le Yoga. Immortalité et liberté*⁴⁰ pela editora Payot.

Ao final da década de 1970, começou a ter dificuldade em escrever. Uma artrite, que o acompanhava desde sua juventude,

39 Os vários tomos da obra foram publicados no Brasil pela editora Zahar.

40 O referido livro foi publicado no Brasil em 1977 pela editora Palas Athena na cidade de São Paulo com o título *Yoga: imortalidade e liberdade*.

além de outros problemas de saúde que se foram acumulando, foi minando sua resistência e capacidade de grafar. A cabeça sonhava em realizar inúmeros projetos, mas o corpo não o ajudava. Assim foi restringindo suas atividades àquilo que lhe era essencial, diante dos inúmeros convites recebidos para participar de encontros, organizar livros, enciclopédias, etc. Sua expectativa era de que pudesse ainda escrever um livro intitulado *Homo religiosus*, no qual pretendia fazer uma síntese de seu pensamento. Mesmo com a ajuda, apoio e estímulo de sua mulher, não conseguiu elaborar o pretendido trabalho.

Eliade foi incansável na busca de novos interlocutores com os quais pudesse dialogar: sábios, intelectuais. Sempre absorvendo aquilo que lhe parecia mais importante tanto para sua reflexão científica como para sua produção literária. Em uma das passagens de seu diário ressaltou, em relação aos gênios do conhecimento científico:

Somente os gênios e os grandes inovadores são capazes de nos revelar o mecanismo do pensamento científico. Eu tenho meditado bastante sobre o que Einstein declarou um dia a Heisenberg em uma de suas conversas: “É a teoria que decide aquilo que nós devemos observar”. Ou ainda como me disse o matemático Bellman em Santa-Bárbara: “Eu não conheço nada mais prático do que uma boa teoria” (ELIADE, 1981, p. 44).

Em relação a Einstein, lembraria a observação que este fizera: os axiomas da física teórica não devem ser retirados da experiência; eles são frutos da imaginação do cientista. Talvez seja oportuno lembrarmos aqui de Rubem Alves, pensador mineiro, que estaria de pleno acordo com essa afirmação. Ressaltou o pensador brasileiro que um cientista

sem imaginação é como um pássaro sem asas. Eliade se reportou também a Jacob Bronowski. Segundo este pensador, os processos através dos quais chegamos a novos axiomas não ocorrem de forma mecânica. Não resta dúvida de que é uma atividade livre do espírito, que prescinde da lógica, um ato essencial da imaginação científica e literária (ELIADE, 1981, p. 67). Em outra passagem de seu diário, Eliade falou da relação entre religião e criação literária nos seguintes termos:

Talvez eu não tenha insistido o suficiente sobre a afinidade entre fenômeno religioso e atividade literária. Da mesma forma que todo fenômeno religioso é uma hierofania (no sentido que ele revela o sagrado nos objetos e nos atos profanos), da mesma maneira, na criação literária se elevam ou mostram as significações universais e exemplares que portam os homens e os acontecimentos mais cotidianos (ELIADE, 1981, p. 341).

Ao falar de atividade criadora, Eliade também destacaria que a experiência de sofrimento de Nietzsche abriu o caminho da criatividade desse filósofo alemão. As dores que sentia, suas enxaquecas, vertigens, em vez de paralisar suas faculdades criadoras, dinamizaram-nas, como ele mesmo reconheceu. Nietzsche não apenas aceitou sua doença, mas lhe deu um novo sentido, assumiu-a como parte de seu destino. Seu padecimento lhe possibilitava alcançar alturas que, não fossem esses sofrimentos, seriam inacessíveis. “Na verdade Nietzsche conseguiu transformar a adversidade em êxtase e a transformou em uma ferramenta que irá ampliar os seus poderes criativos” (ELIADE, 1981, p. 127).

Não poderíamos deixar de registrar o encontro de Eliade com o importante filósofo, ensaísta e poeta romeno Constantin Noica

em junho de 1972. Ambos tinham sido alunos de Nae Ionesco e participado do grupo Critério em Bucareste, não se viam há mais de trinta anos. Pareceu a Eliade um homem muito confiante e otimista; a década que passou na prisão não lhe tirou o gosto pela vida⁴¹. Confessou ao amigo que esses foram os seus anos mais felizes. “[...] sobretudo aqueles que ele passou sozinho em uma cela, sem livros, sem uma folha de papel, sem mesmo um pedaço de lápis.” E completou o antigo colega: “É na prisão que descobri que os homens são melhores, mais corajosos, mais ‘autênticos’” (ELIADE, 1981, p. 71). Para Mircea Eliade, sua grande revelação foi moral, como a de muitos romenos. Lembrou-se então do que dissera Cioran ao ouvir as histórias e testemunhos daqueles que passaram pela prisão, campos de extermínios do famoso canal Danúbio-Mar Negro: “Eu tenho orgulho de ser romeno”. Eliade valorizava em Noica sua fé na virtualidade criadora romena verificada naquele contexto. Como poderia uma cultura, uma filosofia original, surgir e se desenvolver naquele ambiente repressor e controlador?

Em suas reflexões, Eliade voltou a lembrar de Jung e sua teoria da *puer aeternus*; interpretação que considerava unicamente psicológica. Cada adulto possuiria em si uma eterna criança, estando em permanente vir a ser, sem nunca, porém, chegar à maturidade, precisando sempre de cuidado e educação. Embora acreditasse que ele tenha certa razão, Eliade achava que não se podia esquecer tudo aquilo que se encontra para além das considerações psicológicas.

41 Noica ficou preso de 1949 a 1958. Neste ano, ele divulgou o livro *História e utopia*, de Emil Cioran, que se encontrava na França e, por essa razão, foi condenado a 25 anos de trabalho forçado, além de ter seus bens confiscados. Com uma anistia geral promovida pelas autoridades romenas, foi libertado em 1964. A partir do ano seguinte, tornou-se um importante pesquisador da Academia Romena de Lógica. Trabalhou com Sorin Vieru e Andrei Plesu Liiceanu. Aposentou-se em 1975, depois foi para Paltinis, próximo a Sibiu, onde permaneceu por doze anos até sua morte. Em 1990, passou a pertencer postumamente à Academia Romena.

Para o romeno, a mitologia do *puer aeternus* deve ser completada por uma ontologia que ainda estava sendo feita, por uma maneira muito própria de ser no mundo e que, de certa forma, faria apelo ao jogo, à espontaneidade, à necessidade de criatividade pura e gratuita (ELIADE, 1981, p. 120). Um fato que mereceu a atenção de Eliade foi o convite recebido para falar na Sociedade de Psicanálise de Filadélfia. Embora reconhecesse o valor e a importância de Freud, por mais de trinta anos havia combatido certas posições do pai da psicanálise em relação à religião. Disse em novembro de 1972 que:

[...] a genialidade de Freud foi provar que aquilo que nos parecia evidente, a saber, que toda a fantasmagoria dos sonhos que até ele considerava puramente gratuita, era de fato uma linguagem criptografada. Um dia poderá ser alcançado o deciframento deste outro código que representa os documentos pré-históricos. É uma pena que os cientistas em sua timidez não utilizem o material etnográfico [...]. Quando se poderá então reler entre eles os universos de múltiplas significações que nos revelam a pré-história, a etnografia e o folclore, a história da religião será a única capaz de se conduzir sobre uma história universal do espírito humano (ELIADE, 1981, p. 90).

Percebia, contudo, o convite como expressão de mudanças no interior da psicanálise, sobretudo de superação de certo dogmatismo e certa intransigência. As conferências se haviam iniciado há mais de vinte anos, com Ana Freud. Eliade foi muito bem recebido pela comunidade psicanalítica e por seu presidente, Dr. Eckart. O auditório cheio comportava aproximadamente quinhentas pessoas,

que o ouviam atentamente e o questionavam. Ele, por sua vez, respondia às perguntas da forma mais inteligente possível. Depois da conferência, foi recepcionado por aproximadamente cem pessoas.

A década de 1970 também foi marcada por perdas dolorosas. Sua mãe, que vivia em Bucareste, faleceu em 1976 com noventa anos. O telegrama comunicando sua morte foi recebido no dia 18 de outubro. Eliade não a via desde julho de 1942. Joana Stoenesco, apesar da idade, tinha boa saúde, mas foi encontrada morta em sua cama. De acordo com o filho, partiu docemente, sem sofrer, tal como o pai. Eliade recordou-se da primeira conversa telefônica que teve com a mãe em 1967, em Paris. Foi o mesmo ano em que as autoridades permitiram que seu nome pudesse ser citado na imprensa romena, após 23 anos de anonimato em sua terra natal. O antiquário Radu Steresco foi o primeiro a divulgá-lo através da imprensa, dando a conhecer aos romenos a existência do filho exilado. Sua mãe, em cartas e comunicações, nunca lhe pediu que retornasse. Ela e Corina, irmã de Eliade, sabiam dos perigos e do terror causado pela polícia política. Embora tenha morrido sem vê-lo, na percepção do filho certamente ela se consolava com o fato de ele não se ter entregado ou submetido às autoridades ditatoriais de seu país, ainda que de sua pátria nunca se tenha esquecido.

Pouco antes do falecimento de sua mãe, tomara conhecimento da morte do pensador romano Julius Evola⁴², em 11 de junho de 1974, um amigo que conhecera em 1937 na casa de Nae Ionesco. Na época, conversaram sobre política, as chances da Legião do Arcanjo Miguel nas eleições que se aproximavam, o efeito da prisão sobre os indivíduos e as virtudes contemplativas.

Depois desse encontro, veio a guerra, e Eliade passou anos sem vê-lo. Durante uma passagem por Roma, recebeu uma carta

42 Giulio Cesare Andrea Evola (1898-1974) foi filósofo, escritor, poeta e pintor. Embora conservador e nacionalista, não teve participação no fascismo italiano. Na verdade, era um crítico de Mussolini. Foi o inspirador de algumas correntes esotéricas.

de Evola, na qual este dizia estar paralisado pelo resto de seus dias. Nessa mesma correspondência, ele falava da felicidade que teria em receber sua visita, que veio a ocorrer somente em 1949. Naquele dia, o pai de Julius e a enfermeira receberam Eliade, conduzindo-o até o autor do conhecido livro *A metafísica do sexo*, o qual naquele momento nada era além de um projeto. Conversaram por mais de uma hora e voltaram a se ver apenas uma vez, em 1952 ou 1953, mas mantinham correspondências regulares (ELIADE, 1981, p. 194).

Eliade também perdeu seu amigo britânico Norman Perrin, pelo qual nutria profunda admiração. Professor em uma universidade norte-americana, mostrando-se competente teólogo do Novo Testamento, Norman lutava muito corajosamente contra uma doença. O pensador romeno soube da morte, ocorrida em janeiro de 1977, através de seu amigo Joe Kitagawa, no momento em que participava de um encontro em Montreal (ELIADE, 1981, p. 310). Alguns meses depois, foi notificado da morte de Vaun Gilmore, um dos representantes da Foundation Bollingen, o qual havia conhecido em Ascona, por volta de 1950, em um dos encontros da conferência Eranos⁴³.

Pouco tempo antes, Eliade havia recebido notícias do terremoto Vrancea⁴⁴, que, no dia 4 de março de 1977, vitimou um grande número de romenos. Conversando com Cioran, foi informado que, em apenas dois minutos, a Romênia perdeu o que tinha de mais

43 No ano seguinte, foi a vez do amigo Henry Corbin. Eliade ficou sabendo de sua morte por meio de um breve telegrama de Cioran. Foi uma perda sofrida, como se sua vida e a de Christinel tivessem desmoronado. Como relatou, “Henry não era apenas um amigo, ele era antes de tudo uma testemunha” (ELIADE, 1981, p. 391). Ou seja, testemunha da vida dos dois. Por vários dias, Eliade não conseguia esquecer-se do amigo, que partiu com 75 anos. A morte chegou quando este já tinha realizado quase tudo daquilo a que se propusera; se tivesse vivido um pouco mais, certamente teria realizado o pouco que faltava.

44 Esse terremoto, de magnitude 7,2, causou a morte de 1.578 pessoas. Somente em Bucareste, foram aproximadamente 1.424. Os feridos chegaram a 11.300 pessoas; 35 mil edifícios foram danificados, e os danos todos foram calculados em mais de um bilhão de dólares.

moderno: sua indústria. Apenas no dia seguinte, Eliade conseguiu contatar sua irmã Corina, que lhe comunicou que estava bem; sua casa não havia sido atingida e todos os amigos estavam vivos.

Eliade esforçava-se para retirar a irmã da Romênia, mas ela tinha dificuldade de obter o passaporte. Em maio de 1979, ao falar com Corina, foi informado de que o passaporte ainda não fora emitido; um dos contatos de Eliade em solo romeno, no entanto, prometeu-lhe ajudar a resolver o problema (ELIADE, 1981, p. 15). No mês seguinte, sua irmã conseguiu deixar a terra natal e chegou no dia 22 de junho em Orly. Christinel e Ioan Culianu⁴⁵ foram recebê-la.

Em certa ocasião, após participar do casamento de famílias amigas, Eliade se dirigiu à casa de Dumézil, onde se encontrou com Claude Lévi-Strauss, mas não conversaram muito. Depois, voltando a casa de táxi, descobriu que, por engano, havia pegado o casaco do antropólogo, que se encontrava sobre uma cadeira.

Em junho de 1979, Eliade recebeu em sua casa a visita enfurecida do professor Cicerone Poghirc⁴⁶. As autoridades romenas se negavam a permitir que a mulher e os filhos deste viajassem para a Itália. O professor informou-lhe também sobre a campanha de desqualificação que era feita na Itália contra Eliade por parte

45 Ioan Petru Culianu, importante historiador da religião, ensaísta, contista, poliglota, foi professor da Universidade de Chicago de 1988 até 1991, quando foi assassinado em um dos banheiros do *campus* Universitário com um tiro na cabeça. O fato causou muita polêmica, mas os responsáveis não foram identificados e nem as razões desveladas. Ele era um crítico do governo romeno.

46 Cicerone Poghirc (1928-2009) foi um intelectual reconhecido mundialmente. Viajou por inúmeros países e fez parte de várias associações científicas. Tinha profundo conhecimento do Oriente e das línguas clássicas. Embora viajasse muito, sempre retornava à sua terra natal. Assim sendo, era injustificada a determinação das autoridades de manterem sua mulher e filhos na Romênia em retaliação à sua decisão de assumir aulas na Itália, onde (especificamente na cidade de Pádova) Eliade lecionara três anos antes. Poghirc já tinha contribuído muito com seu país, tendo inclusive ocupado cargos importantes no universo científico. Resolveu não mais retornar à sua terra. Posteriormente, em 2000, foi condecorado, pelo presidente romeno Emil Constantinescu, pelos serviços prestados à ciência e à pátria.

do mitólogo e germanista Furio Jesi, com o objetivo de tirá-lo da concorrência ao Prêmio Nobel 1979-1980⁴⁷, ao qual fora indicado. A defesa do romeno seria feita por, entre outros, Roberto Scagno, estudioso das ideias de Eliade e autor de ensaios e livros sobre o tema, que procurou rebater as críticas e as interpretações de Jesi. Eliade ficou sabendo, por meio de uma carta de seu amigo Culianu, que Jesi havia dedicado um capítulo do livro *Cultura di destra* a caluniá-lo e criticá-lo, acusando-o de antissemita, fascista, guarda de ferro. Ele surpreende-se com a atitude de Jesi, pois este se havia oferecido para fazer a apresentação e a tradução de sua obra *História das ideias e crenças religiosas*. Porém, após as críticas sofridas, não havia mais como trabalharem juntos. O autor não via sentido em ceder espaço em seu livro para uma pessoa que o havia desqualificado e acusado de nazista: “Não vou permitir ser insultado no prefácio do meu próprio livro” (ELIADE, 1981, p. 17).

Eliade continuava suas atividades: trabalhava com a história da religião, projeto ainda longe de ser concluído, e, paralelamente, escrevia textos autobiográficos, que seriam organizados em livros. Alguns desses textos inclusive já haviam sido lançados. Tampouco descuidava de suas leituras literárias e prosseguiu com o envio de cartas aos inúmeros amigos espalhados por vários países. As dificuldades, porém, ampliavam-se: os dedos o impediam de escrever, a catarata impossibilitava a leitura. Em função dos problemas de saúde e de outros assuntos de ordem política, resolveu deixar, em 1980, a presidência da Sociedade Internacional para a História das Religiões, que havia assumido dois anos antes a pedido de Zu Werbłowsky. Ainda assim, os convites não paravam de chegar. Charles Smith, vice-presidente da Macmillan Publishing Company, visitou-o e

47 O Prêmio Nobel foi conferido ao poeta grego Odysseus Elytis e ao escritor Czesław Miłosz. O nome de Mircea Eliade foi proposto também em 1984, por Paul Goma, mas não foi escolhido.

pediu que assumisse a direção geral de uma nova *Enciclopédia da Religião*, composta por dezesseis volumes. Eliade, embora preferisse ser editor geral, escolhendo a metodologia e os convidados para participarem da elaboração dos artigos, acabou aceitando o convite.

No dia 23 de maio de 1979, recebeu a visita de Sorin Popa, filho de Victor Ion Popa⁴⁸. Sorin, com quem Eliade já se havia encontrado anteriormente na França, trouxe-lhe presentes e mostrou fotografias dos filhos, assim como considerações escritas por seu pai sobre o romeno. Nessa época, pesava sobre Sorin uma condenação de 25 anos de trabalhos forçados, em razão de um plano organizado contra o regime político existente. Ainda assim, ele escrevia cartas a Eliade e lhe enviava os seus mais importantes livros publicados. Os responsáveis pela segurança, em grande parte doutores, engenheiros, universitários, tinham conhecimento dessas correspondências; em função disso, resolveram liberar seu passaporte para que ele pudesse partir. Foi-lhe, contudo, solicitado que procurasse saber sob que condições Eliade aceitaria voltar à terra natal e que então o persuadisse a retornar. Apesar do interesse das autoridades romenas de o receberem, Eliade morreu sem rever a Romênia.

Embora dedicasse um bom tempo à investigação científica, Eliade cultivava não apenas a leitura dos autores literários, mas também a elaboração de um novo romance. Após vários meses de desgastante labor, conseguiu concluir, em 12 de janeiro de 1980, sua novela *Le temps d'un centenaire*, publicada em Bucareste em 1991. Nesse livro, o autor misturou ficção e conhecimentos científicos. A obra narra a experiência de uma pessoa que, após ser atingida por um raio, tornou-se capaz de recordar tudo o que havia ocorrido em sua vida presente e em outras vidas passadas. Ao começar a ler um

48 Victor Ion Popa (1895-1946) foi um importante professor e escritor que muito contribuiu para o teatro romeno, com inúmeras obras. Também é autor de muitas canções populares.

livro, era capaz de visualizar tudo o que se passava ao seu redor. O personagem se encontrava para além do tempo e do espaço; um homem cuja experiência e percepção escapavam à história. Eliade buscava, com base em seus conhecimentos míticos e religiosos, evidenciar o mistério da própria existência. Este foi seu último trabalho literário, ainda não traduzido no Brasil.

Nesse período, aproveitou para enviar à Corina, que havia retornado para a Romênia, alguns de seus livros de que ela não dispunha. Assim ela poderia dispor de toda a obra publicada do irmão. Sentia sua saúde se deteriorar aos poucos. Escrever passou a ser uma tortura. Devendo economizar letras, fazia uso de sinais para expressar suas ideias, os quais, com o tempo, tornaram-se indecifráveis até para ele. Começou, então, um tratamento com injeções, sugeridas por seu médico. O mal-estar causado pelos medicamentos era intenso; sentia vertigem e fraqueza, mas tentava acumular energias para continuar seu trabalho. Em meio a essa situação, recebeu uma proposta de Henry Fraize: a gravação de um filme sobre a história da religião. Eliade faria o papel de narrador. Simultaneamente à sua fala surgiriam na tela imagens de povos nos mais diversos lugares. Com tristeza, ele recusou o projeto, embora o julgasse pertinente; não se via em condições de falar diante das câmaras (ELIADE, 1990, p. 41). Persistiu nas atividades assumidas vinculadas à *Enciclopédia* sobre as religiões por teimosia. Um de seus mais brilhantes alunos, Bruce Lincoln, repreendeu-o por assumir tal projeto na situação em que se encontrava. Embora concordando com o aluno, ele acreditava que o sacrifício seria recompensado; assim, passou a se reunir com os escritores convidados a fim de desenvolverem os vários temas que ele havia estabelecido.

Precisando ir a Paris, conversou com Cella Delavrancea; era um encontro com o passado, pois há mais de quarenta anos não a via. Juntos estiveram no funeral de Nae Ionesco. Cella, com 94 anos,

continuava a tocar piano, uma paixão antiga que lhe consumia até cinco horas diárias. Em setembro de 1981, dirigiu-se a Roma. Um dos amigos que o visitou foi Gherardo Gnoli, diretor do Instituto Oriental, substituindo Giuseppe Tucci, que estava acamado. O visitante foi convidado a participar da *Enciclopédia*, com a incumbência de escrever um artigo sobre as religiões iranianas. Eliade se encontrou também com Tucci, segundo ele, um cientista, sábio criador de uma escola de pensamento, um dos maiores conhecedores do Oriente na Itália. Veio à memória a primeira vez que o havia visto ainda na Índia, em 1929, na casa de Dasgupta⁴⁹. Tucci era um profundo admirador do intelectual indiano. O italiano passou um tempo na Universidade fundada por Tagore, ali aprendendo budismo, bengalês e tibetano e ensinando italiano e chinês. Ao se despedir do amigo com um beijo, Eliade encarou o momento como uma despedida antecipada, acreditava que não voltaria a reencontrá-lo. Tucci faleceu em 1984, dois anos antes de Mircea Eliade.

Ainda na Itália, Eliade visitou o Museu Etrusco da Vila Júlia; sobre as anotações feitas na ocasião, tinha dúvida se seriam algum dia decifradas. Ali ficou uma boa parte da tarde. A visita a museus era uma das coisas que Eliade mais apreciava; fazia parte de seu trabalho. A caminhada por Roma, passando pela Praça Navona e pela Via della Scrofa, onde por nove semanas morou na primavera de 1927, trouxe-lhe memórias melancólicas. Em seu retorno da Itália, o romeno passou alguns dias deprimido, vindo-lhe a imagem do amigo italiano enfermo. O mesmo colega que um dia havia percorrido

49 A casa de Dasgupta recebia muitas visitas, sobretudo estrangeiros. Lembra Devi: “Todos os eruditos que visitavam Shantiniketan, vinham também visitar papai, que os recebia. Eram buscadores de verdade. Valorosamente eu me unia aos seus doutos debates. Vivíamos em uma atmosfera de erudição como em uma névoa onipresente, uma jovem como eu apenas era capaz de ver um pouco além, sem dúvida me encantava aquela mistificação de olhar o mundo através de pensamentos inacessíveis, inalcançáveis” (DEVI, 2000, p. 17).

todo o Himalaia se encontrava naquele momento em uma situação excessivamente precária e miserável (ELIADE, 1990, p. 54).

Os problemas de saúde de Eliade se agravavam. O tratamento, os comprimidos, as terapias físicas não o ajudavam muito. A fadiga o impedia de continuar os trabalhos, realizados com grande sacrifício. Quando escrevia, fazia pausas a cada cinco minutos para descansar a mão. Em meio a tais problemas, Christinel foi diagnosticada com um câncer maligno. No dia 18 de abril de 1982, ela submeteu-se a uma cirurgia no Hospital Billing. O amor e o carinho dos amigos ajudaram Eliade a superar esse momento difícil; de todos os lugares recebia apoio. A cirurgia fora bem sucedida; sua esposa teve uma recuperação rápida e logo retornou à vida normal. Ele prosseguiu com os escritos autobiográficos, o livro sobre história das religiões e o acompanhamento da *Enciclopédia*. Resolveu ainda escrever mais uma novela, intitulada *Exílio*, concluída no dia 1º de agosto com novo nome: *Na sombra das margaridas*. O texto não agradou a Christinel, e as seis páginas que incluiu na obra provavelmente buscaram responder às observações da mulher.

Em setembro recebeu uma carta vinda de Roma, enviada por Ruggiero Ruggieri, informando-lhe que tinha sido escolhido para receber o Prêmio Mediterrâneo, no valor de dois milhões de liras, na condição de que o premiado pudesse estar presente na cerimônia de entrega em Palermo nos dias 20 e 21 de outubro. Em função de compromissos assumidos na data marcada, Eliade recusou o convite. Antes de findar o ano, sentia-se muito cansado e desanimado. A catarata progredia; precisava ler com a face encostada no livro. Apesar das dificuldades, ele não pensava na morte. Assim disse: “Na minha idade isto não é mais problema” (ELIADE, 1981, p. 81).

Em 1983, uma preocupação se apresentou ao debilitado homem: era preciso se desfazer dos inúmeros livros que abarrotavam sua casa. Deveria nesse ano doar pelo menos três mil volumes. Já havia

distribuído um número razoável para alunos e amigos, mas não fora suficiente, e o acervo precisava diminuir, a fim de abrir espaço para os novos livros, teses, trabalhos sobre ele, suas cartas. Seria simples se pudesse doar tudo para a Academia Romena de Letras. Também o preocupava a possibilidade de não concluir o terceiro tomo de *História das ideias e crenças religiosas*. Lembrou-se de um ataque cardíaco que teve em março de 1971. Temia que pudesse ter outro e não concluir o trabalho com que tanto sonhou. Começou nesse ínterim a se despedir da universidade que o acolheu. Em 17 de março, pela noite, terminou a última sessão do seminário que realizava com Paul Ricoeur, intitulado O Místico. Foi muito aplaudido. Era sua última turma na Universidade de Chicago. Não sentiu nenhuma melancolia, mas alegria pelo que ali realizou. Diria ele: “Em lugar nenhum na Europa eu teria tido a liberdade de ensinar o que quis e como quis. Tento imaginar se minhas ideias teriam se tornado populares, assim como se tornaram, desde que cheguei aos Estados Unidos” (ELIADE, 1981, p. 70).

Além do seminário, Eliade realizou, no dia 6 de abril de 1983, uma palestra, na Faculdade dos Estudantes, prometida aos alunos. A última vez que a eles se dirigira fora há cinco anos. Retornava para a despedida. Pensava em falar algo novo, que pudesse marcá-los, mas teve a sensação de que não o fez, pois tinha dificuldade de concentração. Posteriormente ainda falou na abertura de uma miniconferência sobre metodologia na história da religião, realizada nos dias 9 e 10 de maio. Sua palestra intitulava-se: *Homo Faber e Homo Religious: um Experimento em Método*⁵⁰. Essa foi sua última palestra

50 Essa conferência havia sido pensada para celebrar sua aposentadoria, porém, Eliade avisou bem antes que não havia necessidade de fazer uma festa, pois ele ainda permaneceria ali por mais dois anos, trabalhando em sua autobiografia e na elaboração da *Enciclopédia*. Sua proposta foi aceita pelo diretor do Departamento, Chris Gamwell. Nada foi então celebrado, mas a presença de alunos e amigos queridos foi para Mircea Eliade uma “celebração sem lágrima” (ELIADE, 1981, p. 74).

pública. Ainda que pudesse participar de discussões e seminários, não pretendia mais realizar exposições públicas em nenhum lugar. Esteve presente em todas as conferências e discussões do evento. Ouviu Michel Meslin, Ugo Bianchi e outros. Também assistiu à palestra de Paul Ricoeur, cujo tema – Mircea Eliade, Mestre, Colega e Amigo – o emocionou muitíssimo. Na última noite, ele convidou para seu apartamento alguns amigos: Wendy, Larry Sullivan, Kees Bolle, Mac Ricketts e Sorin.

Poucos dias depois, no transcorrer de 1984, Christinel começou a sentir dores insuportáveis. Uma vez no médico, descobriram que ela estava com hérnia de disco e que obrigatoriamente precisava passar por uma cirurgia. As dores nas mãos de Eliade também se intensificaram. Ele chegou a questionar a relevância de continuar a escrever naquelas condições. Convidou Adriana Berger a ajudar na organização de sua biblioteca. Os livros continuaram sendo presenteados a vários amigos. Escreveu, inclusive, ao embaixador da Romênia nos Estados Unidos oferecendo parte de seu acervo para a biblioteca da Academia Romena. Com a dispersão de seus livros, aumentou sua depressão. Sentia que sua biblioteca e sua vida se desfaziam.

Christinel foi submetida à cirurgia no dia 28 de novembro e prontamente retornou ao lar. Consolo para o marido, que passara a sentir dores no joelho esquerdo decorrentes da artrite; nem suas cartas conseguia escrever. Às vezes se perguntava se de fato tinha sido uma boa coisa ter chamado Adriana para organizar sua biblioteca. A todo instante, tinha de procurá-la para certas informações, coisa que lhe tirava a tranquilidade, deixando-o melancólico e depressivo. A falta da escrita o levou ao passado. Entristeceu-o a constatação de que perdera um de seus diários em 1929, quando ainda se encontrava na Índia. Nele estavam registradas as experiências vividas naquele país quando ele tinha apenas 21 ou 22 anos.

Bruce Lincoln, seu amigo, passou para recolher vários livros que Eliade havia lhe reservado; outros tantos foram encaminhados posteriormente à sua residência. Para o pensador romeno, era “[...] uma satisfação rara ficar sabendo que estes livros que eram tão queridos por mim, ficarão de agora em diante na biblioteca de Bruce Lincoln, um dos mais brilhantes e criativos estudantes que já tive” (ELIADE, 1990, p. 84).

Apesar de seus problemas de saúde, Eliade continuou a participar de alguns encontros e homenagens e a receber os amigos em sua casa. No dia 29 de abril, em que pesem as dificuldades, foi à universidade e conseguiu, antes de retornar para casa, ouvir parte da fala de Raimon Panikkar. Recebeu dos amigos traduções de suas obras publicadas em diversos países assim como artigos sobre seu pensamento, cujas observações e críticas nem sempre eram favoráveis. Um representante da embaixada romena o visitou para recolher publicações que seriam destinadas à Academia Romena. Os livros seriam levados de navio até sua pátria distante. Seu amigo Gh. Folescu também recebeu várias fotocópias e livros de autoria do pensador romeno com o fim de preservá-los. Eliade ficou sabendo, através de amigos, das dificuldades de publicar em seu país; as autoridades romenas proibiram livros literários ou de história que ultrapassassem duzentas páginas impressas (ELIADE, 1990, p. 87).

Eliade viajou para Nova Iorque, onde se encontraria com alguns amigos que se dedicavam à confecção da *Enciclopédia*. Trabalhou bastante na correção e revisão dos textos. Sentiu-se feliz em pensar que o projeto, quando finalizado, ficaria perto daquilo que ele havia idealizado. Em seguida foi a Paris, onde sempre reencontrava muitos compatriotas, pois havia ali uma colônia de romenos. Muitos haviam sido acolhidos pela França com a mudança de regime em seu país. Em terras francesas, encontrou-se com Giza, Dinu, Ileana Cusa, François Cochet, Eugene, Rodica, Marie-France e Monica

Virgil. Somente à noite conseguia escrever alguma coisa. Mas logo percebeu que, para continuar sua autobiografia, seria preciso ditá-la para alguém; talvez este fosse o caminho mais adequado. Depois de sua estadia em Paris, foi à Itália, onde o recebeu Vittorio Vettori, importante intelectual italiano, que não apenas o hospedou em sua casa, mas lhe proporcionou um passeio por algumas cidades e lugares importantes e turísticos da Itália. Indo a Roma, encontrou-se com Ruggiero Ruggieri, Mario Bussagli, Ferrari e o diretor da editora Jaca, Sante Bagnoli.

Após rápida viagem à Itália, retornou à França. Deveria permanecer ali por um bom tempo, escrevendo, lendo, dando entrevistas e revendo os amigos. Ficou sabendo, por Christinel, da morte de seu amigo Jean Gouillard, que conhecera no fim da década de 1940. Gouillard era uma pessoa muito próxima dele assim como dos exilados romenos que viviam na França. Por muito tempo, Eliade fez a revisão de seus manuscritos. Não podia, pois, deixar de dar-lhe o último adeus, o que teve tempo de fazer durante a encomendação do corpo do amigo na igreja.

Ficou sabendo, por meio de carta de Vettori, que fora premiado na Itália por seu livro *Nozze in cielo* e que, em outubro, deveria se dirigir a Elba para participar da solenidade de premiação. O prêmio foi uma surpresa para ele, pois tinha consciência de que seu trabalho literário não era reconhecido; também nos Estados Unidos praticamente se ignorava sua obra não científica, talvez com exceção de *Bosque proibido*. Aproveitou o tempo para fazer o prefácio do livro de Ioan Culianu, *Expériences de l'extase*; o amigo era pouco conhecido na França, e as considerações de Eliade foram determinantes para Jean-Luc Pidou-Payot publicar a obra. Por uns dias, descansou na casa de Culianu, em Groningen, longe das entrevistas, gravações e reuniões.

Em Paris, encontrou-se com amigos que o colocaram a par das novidades da Romênia. Também falaria com o poeta iugoslavo Petru

Cirdu, que lhe entregou a versão do livro *Yoga* traduzida e publicada na Iugoslávia. Retomou os trabalhos com os textos da *Enciclopédia*. Nem sempre concordava com os autores, mas zelava sobretudo pelo rigor e fundamentação necessária, pois ele próprio não tinha condições para investigar nem conhecimento da religião em certas regiões, como na China, por exemplo (ELIADE, 1990, p. 99). Após uns dias em Paris, dirigiu-se à Itália para receber o já citado prêmio na ilha de Elba, situada no Mar Mediterrâneo, na região da Toscana, onde foi recepcionado por Vettori. Teve então a oportunidade de passar por Pisa, ficando fascinado pela beleza do lugar; lamentou não tê-la visitado antes.

Na ilha de Elba, Eliade concedeu várias entrevistas, pois, embora fosse cansativo atender a toda aquela programação, não queria decepcionar os organizadores do evento. A cerimônia foi transferida da Praça de Marinho para uma igreja, devido a fortes chuvas. Estavam presentes sete dos doze membros da academia, algumas outras autoridades e aproximadamente cem convidados. O que mais alegrou Eliade foi um concerto de flauta. O ambiente de pouca luz da igreja e aquela melodia que emanava das flautas fizeram o romeno experimentar uma sensação muito agradável, uma força nova que lhe invadia a alma. No dia seguinte, 1º de outubro, foi ao porto de Piombino, para poder sair da ilha e viajar até Roma. Lá ficou quatro dias e encontrou alguns amigos: Mario Bussagli, Ferrari, Nicola e Puffut. Com a mudança de tempo, acabou contraindo uma gripe que o obrigou a diminuir o ritmo de trabalho. Retornou a Paris, onde ficou praticamente o resto do mês.

Ali, recebeu várias visitas e foi a casas de amigos. Participou de uma festa na casa de Barba-Negra, em que estavam presentes cerca de trinta ou quarenta convidados, entre amigos romenos, colegas franceses e pessoas dedicadas ao cinema. Narrou em seu diário a vergonha que sentiu pelo cansaço manifestado:

Desta vez o meu cansaço me fez vergonha, eu tenho que ficar sentado o tempo todo em uma cadeira ou sofá e aqueles que se aproximam de mim e conversam não são sempre os que eu preferiria. De vez em quando eu me levanto, me apoio em minha bengala e vou em direção a certo grupo. Às vezes levo alguém (Antoine Faivre, Paul Goma, etc.) pelo braço e o arrasto comigo. Voltamos para casa não muito tarde, mas estava exausto (ELLIADÉ, 1990, p. 108).

No início de novembro, ele retornaria a Chicago ao receber a notícia de que Joe Kitagawa estivera internado e fora submetido a uma cirurgia da qual saíra muito fraco. Decidiu visitar o amigo, cuja fraqueza quase impedia de falar. Logo em seguida, foi ao médico, que diagnosticou tendinite, recomendando-lhe, por isso, o máximo de repouso. Poucos dias depois, fez amizade com Gengales Chatterjee, em um escritório próximo do seu. Descobriu que o novo amigo havia morado na mesma rua em que ele residira em Calcutá, em Bhowanipore. Gengales lhe disse que era parente distante de Tagore.

Na noite de 10 de novembro, ele participaria, na Palmer House, de um encontro da Academia Americana de Religião, que comemorava seu septuagésimo quinto aniversário. Havia aproximadamente seiscentas pessoas. As palestras foram longas e seguidas por uma apresentação musical em homenagem ao pensador romeno. Era a primeira vez, em seus 75 anos de existência, que a academia homenageava um sábio religioso. Eliade, ainda que bastante cansado, improvisou uma fala de vinte minutos, recebendo muitos aplausos.

Apesar de toda a dificuldade, continuou a trabalhar em seus projetos. Mas, no final do mês, tendo partido para Palm Beach,

a 120 quilômetros de Miami, sentiu muito cansaço e dores. Ele escreveu: “Gostaria de saber se devo anotar essas misérias físicas, mas talvez elas me terão uso mais tarde. Não importa que as misérias fisiológicas me envolvam, eu devo aprender a conviver com elas” (ELIADE, 1990, p. 115).

O ano de 1985 se aproximava, e Eliade aceitou um convite para passar a virada de ano na casa de sua amiga Lydia. Lá fez novas amizades. Uma das pessoas que lhe chamou a atenção foi Donald Blackwood, indivíduo muito educado que, tendo sido ator por muito tempo, vivia com seu companheiro em um apartamento luxuoso. Após um breve descanso, Eliade retornou a Chicago para realizar exames médicos e continuar os trabalhos da *Enciclopédia*. Embora bastante fadigado, conservava-se o coração, conforme informação de seu médico, em funcionamento normal. O cansaço provavelmente era ocasionado pelo tratamento que fazia para combater a artrite. O declínio da memória era perceptível.

Novamente viajou para Palm Beach, onde permaneceu uma semana. Por meio de amigos, conheceu o Dr. Satrauss, a cujos tratamentos terapêuticos resolveu submeter-se, animado pela notícia de que a muitos havia curado. Sentiu melhora, também notada a princípio por sua mulher. Retornou à sua cidade no dia 8 de janeiro. O *campus* da Universidade de Chicago estava todo branco, coberto de neve. No dia seguinte, faria 35 anos de casado com Christinel; comemoraram este dia sozinhos. Recebeu uma carta de Dumézil comunicando que a mulher deste havia passado por uma transfusão de sangue em decorrência da diminuição rápida do número de células vermelhas. Eliade, em uma autocrítica, avaliou que se encontrava em seu período de maior improdutividade, em virtude, certamente, da deterioração da saúde, traduzida principalmente na dificuldade de respirar ao subir a escadaria de casa.

Em abril de 1985, foi à Universidade de Washington, onde participou de um encontro sobre história das religiões. Na chegada, estabeleceu contato com algumas autoridades acadêmicas. Durante o evento, recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Humanidades. Após os discursos dos convidados, fez sua palestra, com duração de quase uma hora, imaginando que provavelmente seria a última de sua vida. Foi bastante aplaudido. Muito cansado, tentou sentar-se, mas o assédio das pessoas que vinham parabenizá-lo e lhe fazer perguntas não lhe permitiu descansar. “Por todos os lados elogios, é uma vergonha que eu não me deixe envolver em discussões” (ELIADE, 1990, p. 126). Na recepção que lhe fizeram, encontrou com Razi, um amigo que não via há aproximadamente quinze ou vinte anos. Encerrada a solenidade, foi à casa deste, onde já tinha estado em 1957.

No dia seguinte, visitou um museu, guiado por Arthur Smith, amigo que leu todos os seus trabalhos literários. Também visitou seu colega John Ulric Nef, que estava adoentado. Este havia fraturado o braço numa queda durante um banho e fora acometido por uma infecção hospitalar após uma cirurgia. Por um bom tempo, conversou com John sobre sua própria obra e outros assuntos.

Retornou ao encontro na Universidade para os debates e as perguntas. Alguns discípulos manifestaram preocupação com a continuidade da obra após sua morte. A seu ver, este seria seu último aparecimento em público para discursar. Entre seus amigos, estavam presentes Charlotte, Nathan Scott, Chuck Long, Norman Girardot, Mac Ricketts, Charles White e outros (ELIADE, 1990, p. 127). Depois desse evento, seguiu para Nova Iorque, onde se reuniu com amigos que estavam empenhados na *Enciclopédia*. Ela deveria sair em dezembro, e preocupava-o o fato de ainda não ter escrito uma introdução para a publicação. Dedicava-se a realizar anotações em seu diário. Trabalhava de quatro a cinco horas por dia. A sensação que tinha

era de que não teria tempo de terminar esse projeto. Como desenvolveu vários trabalhos ao mesmo tempo – biografia, enciclopédia da religião, história das religiões, etc. –, achava que não tinha tido progresso em suas atividades. Sentiu não estar realizando coisa alguma, e a possibilidade de não concluir suas idealizações o aterrorizava.

Em meio aos trabalhos, uma surpresa: recebeu uma carta de Pericle Martinescu, a quem ele não via há mais de cinquenta anos; junto viera um livro autobiográfico, que continha uma entrevista com Mircea Handoca. Eliade leu o livro na mesma noite. Sobre a obra ele escreveu: “[...] evoca nossa juventude entre os anos de 1932-1939, com uma memória sensacional. Eu não esqueceria aquela era tremenda, mas não pensei mais sobre isto por muito tempo” (ELIADE, 1981, p. 129).

Alguns dias antes, seu amigo, o professor Chris Gamwell, telefonara para fazer-lhe uma visita. No encontro, comunicou uma notícia que deveria ficar em segredo: a curadoria e o senado da Universidade de Chicago decidiram por unanimidade criar a cadeira Mircea Eliade para a História da Religião. Era a primeira vez que isto ocorria ali: um professor emérito ser honrado dessa forma. Tal fato deixou Eliade e sua esposa muito felizes. Ele continuou seus trabalhos, em uma luta desesperada contra o tempo. Ao se questionar sobre o que realmente faltava concluir, chegou a três coisas que considerava as mais importantes: dois capítulos de *Oceania e hinduísmo* e o capítulo final de *História IV*, com cerca de cem páginas; três artigos de quarenta a cinquenta folhas e a introdução para a *Enciclopédia*; e, por último, o segundo volume de sua autobiografia (ELIADE, 1990, p. 130).

Recebeu, no dia 21 de maio, uma carta oficial da presidente da Universidade (ELIADE, 1990, p. 131), que lhe comunicou formalmente aquilo que seu amigo Chris Gamwell lhe havia revelado anteriormente. Assim dizia a carta:

Querido senhor Eliade:

Eu tenho o privilégio de lhe informar que a curadoria da Universidade tem formalmente estabelecida uma nova cadeira em sua honra para ser designada como “Professorado Mircea Eliade na história das religiões”. Nós todos estamos encantados com esta ação. Ela foi tomada em reconhecimento de sua contribuição excepcional ao mundo da sabedoria e da distinção que sua pessoa tem trazido para esta Universidade.

Com os melhores sentimentos

Cordialmente

Hanna Gray.

Posteriormente, em uma recepção em sua honra, na qual falaram Larry Sullivan, Frank Reynolds, Bob Grant, Wendy Doniger, ele descobriria que a cadeira fora criada por insistência de um benfeitor anônimo, que fizera uma doação milionária à Universidade de Chicago e que gostaria que seu nome fosse mantido em sigilo (ELIADE, 1990, p. 133).

Além de escrever, Eliade continuou o desmonte de sua biblioteca. Livros e manuscritos foram encaminhados para amigos. A fragmentação continuava a deprimi-lo; certamente seria mais fácil deixar um testamento designando as várias pessoas que ficariam com seus espólios, mas, como ele mesmo relatou, isso seria até mais doloroso. Tudo seria diferente se tivesse um herdeiro, mas não tivera filhos nem tinha parentes próximos que pudessem receber seu patrimônio. Percebeu que levaria muito tempo para concluir sua iniciativa de distribuição para lugares mais distantes, dada a dificuldade de transporte do material.

No início de junho de 1985, ele concluiu o artigo sobre xamanismo a ser publicado na *Enciclopédia*. Também preparava o texto *Fragments d'un journal*. As dores o perseguiram cada vez mais, a artrite e o reumatismo dificultavam seu trabalho; continuava obcecado, no entanto, em prosseguir. Preocupava-se sempre com a quantidade de páginas produzidas: “hoje consegui escrever x folhas”, “só foi possível escrever x folhas”, e assim por diante. Era como se tivesse necessidade de prestar contas de suas atividades. Seria interessante uma análise dessa manifestação pessoal, com o objetivo de decifrar as razões inconscientes de tal atitude.

Eliade resolveu passar alguns dias em Paris a fim de descansar e rever amigos e, no dia 21 de junho, foi recebido por Ierunca e Dinu Noica. Sentiu Dinu bastante depressivo; percebeu o pessimismo do amigo em relação ao futuro da Romênia. Dinu se convencera que a cultura de seu povo encontrava-se em processo de destruição em função de ingerência política externa. Durante sua estadia em Paris, Eliade participou de uma sessão do círculo *Dasypeltis*. O encontro, do qual participaram aproximadamente vinte pessoas, ocorreu no Café de Flore. Embora o monsenhor Chris Vidal, coordenador do grupo, tenha lhe solicitado uma fala sobre sua formação intelectual, Eliade preferiu discursar sobre outro assunto que lhe interessava, sobretudo sua presença em Chicago. Sua expectativa era de que ocorresse um bate-papo com os participantes. Depois de uma hora, alegou que estava cansado e encerrou o colóquio. Não entendeu bem as razões do nome do grupo. Sabia que *Dasypeltis* era uma cobra sul-africana, mas que relação ela teria com o unicórnio que aparecia no convite para o encontro? (ELIADE, 1990, p. 136).

Em seu diário, registrou que há mais de 25 anos não lia jornais para não envenenar a vida. As informações sobre os acontecimentos diários, ele as buscava em resumos feitos por sua mulher sobre assuntos veiculados nos canais de televisão. No dia 13 de julho,

Alexandre Rossetti⁵¹ o visitou. Não se viam há anos. Segundo Eliade, no ano anterior, Alexandre quase morreu de frio em Bucareste; com aproximadamente noventa anos, passara cerca de três meses no hospital. Rosseti buscou atualizar Eliade sobre a Romênia. Fez uma avaliação da situação da terra natal de ambos e falou dos filósofos e historiadores lá surgidos após a partida de Eliade.

Em agosto, enquanto ainda estava em Paris, veio-lhe a sensação de improdutividade. Havia muita coisa a realizar, mas a falta de ânimo sempre o fazia deixar tudo para depois. O tempo passava, no entanto. Ele gostaria, pelo menos, de concluir a *Autobiografia* e o prefácio à *Enciclopédia*. No final de agosto, recebeu a visita de seu primo Ginu com a esposa, Sabina. Fazia mais de cinquenta anos que não o via. Levou muito tempo para que Ginu conseguisse o passaporte solicitado às autoridades romenas, que só o concederam porque ele era, nesse momento, aposentado. Era filho da tia de quem Eliade mais gostava: Lina. Ela morreu ainda muito nova em decorrência de uma tuberculose. As outras tias, Viorica, Vita e Mariora, faleceram em decorrência da mesma doença. Corina, irmã de Eliade, sempre lhe falava da admiração de Ginu, que já havia lido quase todos os livros do primo ilustre disponíveis na Romênia.

Também recebeu a visita de Mircea Handoca, com quem há quinze anos não se encontrava. Naquela oportunidade, o amigo buscava documentos para os estudos, e Eliade não fora muito gentil, quase não falou, mas posteriormente lhe emprestaria dinheiro para que pudesse tirar cópias dos documentos de que precisava. Com essa nova visita, o pensador romeno lembrou-se de alguns documentos que havia deixado no sótão da casa de uma amiga. Era preciso recuperá-los, mas como fazer? Em meio a seu sofrimento, alegrou-

51 Foi linguista, editor, professor e membro da Academia Romena desde 1948. Sua obra literária é imensa. Nasceu em 20 de outubro de 1895 em Bucareste e faleceu em 1990 na mesma cidade.

se, porque, após vários anos, seus artigos e livros começavam a ser novamente publicados. Entre eles se encontravam os da adolescência; tais escritos não agradavam muito sua mulher, mas os amigos Noica e Handoca tentaram convencê-la da importância de editá-los. Poderiam ser úteis como estímulo aos jovens.

“Eles demonstram como um colegiano daqueles anos após a guerra (1921-1925), sem livros, bibliotecas, sem estímulos dos professores, trabalhou sem se desencorajar e teve o sucesso de se tornar estudioso e sábio do presente” (ELIADE, 1990, p. 141).

Em final de agosto, Eliade voltou a escrever sobre o aumento de suas deficiências. Não lembrava nomes de livros, de pessoas amigas que se aproximavam. Sua fadiga física era o que mais o entristecia; não conseguia andar por mais de trinta minutos (ELIADE, 1982, p. 142). A amiga Edith Silbermann telefonou-lhe solicitando que fizesse uma apresentação na televisão alemã, mas ele recusou, alegando falta de condições. Já havia se negado a participar de vários programas franceses. Era uma coisa incompreensível para seus amigos, mas ele não se sentia à vontade para se apresentar diante das câmaras; devia economizar energias, não podia dispersar as poucas forças de que dispunha com esse tipo de atividade. Com muito esforço, conseguiu ler dois artigos que Ioan Culianu escreveu sobre ele. Por meio da defesa que o amigo fez, percebeu as críticas que eram dirigidas à sua obra. Sentia-se culpado por nunca ter respondido a seus adversários. Pensou em escrever uma monografia respondendo às objeções a ele feitas, evidenciando os erros de interpretação por parte de seus críticos, mas sabia da dificuldade que teria; seus projetos a serem concluídos eram prioritários.

A convite de seu editor italiano fez a última viagem à Itália. Sante Bagnoli havia lhe prometido um passeio por Orvieto e Spoleto. Em

Roma, Eliade e a mulher voltaram ao passado. Lembraram-se de Mamy e Sibylle. Ela chorou relembando os momentos que passou com a mãe, a irmã e os amigos. Eliade estava ali na cidade de que muito gostava, mas não desejava ver os poucos amigos que ainda lhe restavam. Roma não era mais aquela de sua juventude. Quase nada mais lhe interessava.

Com a chegada de Bagnoli, começaram o passeio prometido e foram até Orvieto. Visitaram a catedral, as pinturas de Carlos Signorelli. Sentado na praça, Eliade apreciou o movimento dos meninos saindo da escola. Ficou impressionado com o pôr do sol, algo extraordinariamente belo. As ruas da cidade, com sua estrutura medieval, não deixaram de ser ressaltadas em seu diário (ELIADE, 1981, p. 145). No dia seguinte, seguiu para Spoleto, onde visitou vários lugares destinados a encontros e palestras. Retornou a Roma. Na capital italiana, esperava-o Mussapi, ao qual daria uma entrevista centrada no “papel da poesia”, que deveria ser publicada em anais. À noite, encontrou-se com Toto, Nicola e Nina. No dia 2 de outubro de 1985, caminhou pelas ruas de Roma. A viagem estava no final, e ali também seu diário, sete meses antes de sua morte.

Pouco antes de findar o ano, em 18 de dezembro, seu escritório pegou fogo, causado muito provavelmente por fagulhas nas cinzas de seu cachimbo, jogadas na lixeira de papel antes de deixar o local de trabalho. Sobre esse episódio, escreveu ele em um pequeno papel encontrado sobre a mesa por entre suas cartas.

Ontem à tarde, por volta das dez horas, ouvi bater na porta de trás da casa. Era o nosso vizinho do andar térreo. Disse-me: seu escritório queima. Telefonei aos bombeiros. Já estão trabalhando há cinco minutos. “Talvez seria bom que você fosse ver o que aconteceu”. Eu me vesti o mais rápido possível e o segui. Escutei que os bombeiros quebravam os vidros da janela do

meu escritório. Fazia um frio terrível, a água que escorria sobre as escadas de Meadville congelava antes de chegar à calçada. Não me deixaram entrar (ELIADE, 1995, p. 195-196).

O fogo destruiu muitos livros e parte de suas últimas correspondências. Conseguiram sair ilesos os manuscritos e o terceiro e último volume de seu diário. Para os que acompanhavam a caminhada do mestre, não havia como deixar de relacionar a destruição de parte de seu acervo com o término da longa carreira do pesquisador e historiador da religião. O fogo era o prenúncio do fim de uma longa aventura, ou mesmo da própria vida. O amigo Ioan Petru Culianu ainda chegou a viajar até Chicago para ajudá-lo a reorganizar o que sobrara do incêndio. Tal perda representou um sofrimento imenso para Eliade, por uma única razão, como nos assevera Wendy Doniger (1990): havia várias cópias de livros com anotações feitas pelo autor, nas quais corrigia os erros e ampliava e clareava as ideias expostas. Ele havia por vários anos atualizado o material que escrevera em seus livros com objetivo de mantê-los atuais e possibilitar aos estudiosos de seu pensamento levar em consideração suas observações. Com o fogo, tudo foi destruído, muito tempo de trabalho foi perdido. Novos livros poderiam ser repostos em sua biblioteca, mas as observações feitas naqueles que ali se encontravam não.

[...] o fogo colocou um fim na história dos livros, impediu sua história de progredir, para-os no momento de suas publicações. Não na vida e tampouco na literatura, o tempo poderia ser recuperado. Isso foi uma amargura inesperada de uma morte mais destruidora que a esperada morte do corpo (DONIGER, 1990, p. 153).

Alguns meses depois, em abril, quando lia *Exercício de admiração*, de seu amigo Cioran, sentiu subitamente um mal-estar. No hospital, descobriu-se que ele havia tido um derrame cerebral; uma hemorragia havia lesado uma parte de seu cérebro. Culianu, em seu artigo *Os últimos momentos de Mircea Eliade*, descreve-o deitado em sua cama no hospital:

Com a mão de Christinel na sua mão esquerda, Mircea Eliade lhe sorri, depois me sorri, com aquele calor que é só seu. Entende-nos perfeitamente bem, mas não pode falar: a hemorragia lesou a parte esquerda do cérebro, não se sabe quão gravemente. A parte direita do corpo está, talvez temporariamente, paralisada (CULIANU, 1995, p. 199).

Alguns amigos – Ricoeur, Wendy Doniger, Sanda Loga, David Tracy, Kitagawa e outros – acompanharam-no ao lado de seu leito pelos oito dias que ainda lhe restariam de vida. Pôde seguir atentamente os gestos de amor e solidariedade dos amigos em silêncio. Christinel sempre esteve próxima, mantendo-se firme a seu lado e encorajando-o a reagir. Só quando estava fora do quarto se permitia chorar.

Todas as esperanças de uma possível recuperação de Mircea Eliade se desfizeram quando chegou a notícia de que os médicos haviam detectado um câncer generalizado, contra o qual nada se podia fazer. O pensador romeno entrou em coma; uma vigília permanente foi mantida até que seu coração parasse de pulsar, no dia 22 de abril de 1986, às 9h44min. Culianu expressa sua tristeza pela perda do amigo nos seguintes termos:

Certamente o mundo nunca mais será o mesmo sem Mircea Eliade. Mas eu entendi, depois de

uma noite de desespero, que, naqueles cinco dias de vigília, Mircea Eliade tinha realizado um milagre. Seus amigos e seus discípulos haviam se encontrado em sua cabeceira, solidários com Christinel, e tinham reforçado reciprocamente os seus vínculos. No mahāparinirvāna, o momento da reunião antes da grande passagem, está presente uma grande sabedoria. E me recordei novamente dos meus vinte e quatro ou vinte e cinco anos, quando pensava decifrar no sorriso de Mircea Eliade o conhecimento dos mistérios do universo (CULIANU, 1995, p. 202).

No dia seguinte à sua morte, seu corpo foi cremado na parte da tarde no Oak Woods Cemetery. Na celebração, além da leitura de trechos dos livros do Eclesiástico e do Apocalipse de São João, foi lido por David Tracy um excerto do livro *O mito do eterno retorno*. Cultos e celebrações também foram feitos em todas as igrejas ortodoxas americanas. Culianu encerra sua narração dos últimos dias de Mircea Eliade, com as seguintes observações: “no fundo – continuo a dizer a mim mesmo há anos –, se este mundo é uma camuflagem⁵², como Mircea Eliade me disse tantas vezes, então estou feliz de ter experimentado do mesmo mistério do qual ele experimentou” (CULIANU, 1995, p. 203).

Chegara ao fim a vida de um homem que, de forma original, conseguiu integrar a literatura à ciência e à filosofia, mediante inúmeras obras, seguindo o impulso que já se prefigurava desde sua infância, na tentativa de realizar um objetivo explicitado muito tempo

52 Sugiro, para melhor compreensão, a leitura do livro *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno*, escrito por Cleide Cristina Scarlattelli Rohden e publicado pela editora da PUCRS em 1998.

depois por ele: “poderei, dizer, de maneira sumária, que todos estes trabalhos buscavam decifrar o mesmo mistério central de ruptura provocada pela aparição do Tempo e da ‘queda na história’ que se segue necessariamente” (ELIADE, 1995, p. 223). Daí a tentativa de resgate por parte do escritor de uma unidade primordial, que escava ao tempo e à história, assim como a liberdade humana sobre a terra, segundo ele, por poucos conhecida. Como disse seu amigo Eugène Ionesco em um texto homenageando o mestre:

Fala-se muito nesse momento do retorno do sagrado; Eliade é talvez o profeta, o autor, o precursor dessa renovação. O século XXI, disse Malraux, será religioso ou não será: será. Graças também a Eliade, a seus ensinamentos.

Mircea Eliade nos faz compreender que as diversas revelações das religiões implicam a Única, essencial Revelação. Quero dizer que, ao ler sua obra, a História das religiões, entre outras, percebe-se que as religiões são tradições plurais de uma única verdade (IONESCO, 1995, p. 207).

Assim encerra este livro o percurso desse pensador que trabalhou e viveu em função de sua obra, de forma apaixonada, acreditando que ela traria alguma coisa de essencial para os homens do nosso tempo.

CONCLUSÃO

Chego ao final desta empreitada guiado pela modesta pretensão que assinalei inicialmente: realizar um estudo propedêutico sobre a vida de Mircea Eliade, como caminho necessário para uma melhor compreensão de sua obra. Acredito que uma descrição do contexto histórico é um componente importante para a inteligibilidade das intenções do autor naquilo que escreve e defende. Pressuponho que o solo donde fala o autor é complementar às pretensões de seu trabalho, à lógica de sua construção conceitual. O trabalho aqui desenvolvido é, portanto, um esforço para desvelar a contribuição do pensador romeno.

A melancolia e a tristeza, que, de algum modo, seguiu nosso autor por toda vida, assim como sua miopia, não foram obstáculo para que ele pudesse abrir caminhos novos no estudo da religião e construir uma obra reconhecida por todos. O menino de sensibilidade aguçada e imaginação fecunda não demorou muito para sentir o prazer da leitura, a alegria do escrever e a experiência única de ver seus artigos impressos circulando em sua escola e em sua cidade. Foram pontos de partida importantes para tudo aquilo que iria realizar. Acrescente-se ainda certo fervor místico que sempre o impulsionou e uma preocupação com os destinos não só de sua pátria como também de toda humanidade. A preocupação com o homem, a realização plena de suas possibilidades em uma sociedade secular e racionalista sempre estiveram no centro de suas atenções.

De alguma forma, foi essa preocupação que o motivou, ainda jovem, a se aventurar por terras distantes e desconhecidas na busca de revelar algo tanto sobre si como sobre os demais homens. De forma obsessiva, procurou relatar tudo que lhe parecia significativo, muitas vezes com extrema dificuldade. Basta ver os trabalhos realizados nas últimas décadas de vida, quando já não conseguia produzir tanto por causa da artrite e a memória começava a falhar. Mesmo nessa situação, descobriu meios e apoios que lhe mantiveram em um processo permanente de criação. Não podia deixar de dizer o que tinha a falar.

Na escrita, seguiu sempre os impulsos da infância e da juventude. Percorreu dois caminhos simbólicos bem distintos: o da literatura e o da ciência. Não se trata de coisa tão fácil. Geralmente os homens proeminentes seguem um único caminho. Poucos, como Eliade, Gaston Bachelard e outros, conseguiram ser partícipes desses dois universos distintos. Para o pensador romeno, todavia, caminhar por essas duas estradas era vital; era nelas que encontrava o equilíbrio espiritual necessário para manter sua existência sempre viva e dinâmica.

Por outro lado, não podemos deixar de ressaltar que o autor trabalhou em diálogo permanente com a tradição científica e filosófica. Eliade sempre foi firme em sua crítica à sociedade moderna. E firme também em seus propósitos, na busca de revestir de caracteres simbólicos sua intuição fundamental: evidenciar o subterrâneo do homem, aquilo que ele tem de mais arcaico. Compromisso que encontramos relatado em seus diários e escritos autobiográficos, assim como em sua obra científica, em que se posicionava diante das contribuições de Freud, Nietzsche, Marx, Einstein, Kierkegaard, Jung, Paul Ricoeur, Paul Tillich, Max Müller, Lévi-Strauss, Bachelard, etc.

Os limites desta obra, que tem servido de guia no exercício de minha docência, são evidentes. Contudo, mesmo com todas as limitações, acredito que este trabalho poderá ser útil a professores e leitores interessados no pensamento de Mircea Eliade. Minha expectativa é de que este livro suscite novos interesses investigativos, que possam ampliar e aprofundar esta iniciativa. É uma necessidade que se faz presente em função da importância que assume o pensador romeno no estudo das religiões em nosso país, sobretudo com a criação de inúmeros cursos em ciência da religião. Que desta simples e pequena vereda possa surgir uma estrada nova bem pavimentada, pois sabemos que existe a possibilidade de ir além.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Douglas. **Mircea Eliade y el fenómeno religioso**. Madri: Cristiandad, 1985.

ALTIZER, Thomas, J.J. **Mircea Eliade y la dialectica de lo sagrado**. Madri: Marova, 1972.

CULIANU, Ioan Petru. Gli ultimi giorni di Mircea Eliade: Mahāparinirvāna. In: ELIADE, Mircea. **Le messi del solstizio: Memorie 2. 1937-1960**. Milano: Jaca Book, 1995. Apêndice I, p. 207-208.

_____. **Mircea Eliade**. Roma: Settimo Sigilo, 2008.

DEVI, Maitreyi. **Mircea: una historia de amor**. Barcelona: Kairós, 2000.

DONIGER, Wendy. Epilogue. In: ELIADE, M. **Journal IV: 1979-1985**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. p. 149-155.

ELIADE, Mircea. **A provação do labirinto**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

_____. **Autobiography: 1937-1960. Exile's Odyssey**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988. v. 2.

_____. **Bosque proibido**. Lisboa: Ulisseia, 1963.

_____. **Contribution à la philosophie de la Renaissance / Itinéraire italien**. Paris: Gallimard, 1992a.

_____. **Diario íntimo de la India**. Valencia: Pre-Textos, 1998.

- _____. **Diário português.** Lisboa: Guerra e Paz, 2008.
- _____. **Fragmentos de un diario.** Madri: Espasa-Calpes, 1979.
- _____. **Fragments d'un journal II: 1970-1978.** Paris: Gallimard, 1981.
- _____. **Journal II: 1957-1969.** Chicago: The University of Chicago Press, 1989a.
- _____. **Journal III: 1970-1978.** Chicago: The University of Chicago Press, 1989b.
- _____. **Journal IV: 1979-1985.** Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- _____. **La India.** Barcelona: Herder, 2000a.
- _____. **Le messi del solstizio: Memorie 2, 1937-1960.** Milano: Jaca Book, 1995.
- _____. **Maitreyi: la noche bengalí.** Barcelona: Kairós, 2000b.
- _____. **Memória I: 1907-1937. Las promesas del equinoccio.** Madri: Taurus, 1982.
- _____. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **O mito do eterno retorno.** São Paulo: Mercuryo, 1992b.
- _____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. **Os romenos, latinos do Oriente**. Braga: Nova Vega, 2007.

_____. **Salazar e a revolução em Portugal**. Lisboa: Esfera do Caos, 2010a.

_____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GARCÍA, García Carlos. Sambô: la melancolía de Eliade. In: LLINARES, Joan B. (Ed.). **Mircea Eliade, el profesor y el escritor: consideraciones en el centenario de su nacimiento, 1907-2007**. Valencia: Pre-Textos, 2007, p. 51-65. (Colección Filosofías).

GUIMARÃES, André Eduardo. **O sagrado e a história: fenômeno religioso e valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Teologia, 21).

IONESCO, Eugène. Il precursore del rinnovamento. In: ELIADE, Mircea. **Le messi del solstizio: Memorie 2, 1937-1960**. Milano: Jaca Book, 1995. p. 207-208.

LACOCQUE, Pierre Emmanuel. Mircea Eliade remembered. **McGill Journal of Education**, Montréal, v. 22, n. 2, p. 117-130, 1987.

MARCO, Michael; RODHAIN, Florence; RODHAIN, Angélique. **Volunteerism as a tool for entrepreneurship and education through a socio-economical activity in the context of the International Township Project of Auroville**. Trabalho apresentado em Tenth Biennial Conference on Entrepreneurship, India, Feb. 2013. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00926166/document>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MARINO, Adrian. **Littérature roumaine, littératures occidentales: reencontre.** Bucarest: Științifică și enciclopedică, 1982.

MARIOTTI, Alessandro. **Mircea Eliade: vita e pensiero di un maestro d'iniziazioni.** Roma: Castelvechi, 2007.

MUTTI, Claudio. **Mircea Eliade e a guarda de ferro.** Portugal: Antagonista Sociedade Editora, 2010.

ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli. **A camuflagem do sagrado e o mundo moderno.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SPINETO, Natale. **Mircea Eliade storico delle religioni.** Brescia: Morcelliana, 2006.

ZUBIRI, Xavier. **El problema filosófico de la historia de las religiones.** Maria: Alianza, 1993.

CRONOLOGIA

1907 – Em 9 de março, nasce em Bucareste Mircea Eliade, filho do militar Gheorghe Eliade, capitão do exército, e Joana Stoenesco. Após seu nascimento, a família se muda para Râmnicu.

1912 – Seus familiares se transferem para Cernavodă, onde Eliade inicia os estudos primários, na rua Mântuleasa. Apesar da miopia, constatada pelo seu primeiro professor, descobre o prazer da leitura.

1917-1925 – Faz os estudos secundários no Liceu Spiru Haret. O gosto pela ciência começa a aparecer motivado pelas aulas de Nicolas Moisesco. Logo, sua habilidade com a escrita chama a atenção dos professores. Nessa época, também estuda piano, um desejo de seu pai.

1921 – No liceu em que estuda, vê pela primeira vez um artigo seu – “Como descobri a pedra filosofal” – ser publicado, no jornal *Diário de Ciências Populares*, editado pela própria escola. Desde esse momento, passa a colaborar em várias revistas com pequenos artigos científicos e comentários sobre acontecimentos de sua vida. Começa a escrever diários.

1923-1924 – Começa a se interessar por Giovanni Papini, Vittorio Macchioro, Max Müller, James Frazer. Para melhor compreendê-los, dedica-se ao estudo do italiano e do inglês. Nesse momento, escreve *O romance do adolescente míope*, que ficou muito conhecido. Na verdade, era uma forma de falar de si mesmo. Comemora em casa seu centésimo artigo.

1925 – Em outubro consegue uma vaga na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bucareste. Faz grande amizade com o professor Nae Ionesco. Em uma viagem de lazer, enfrenta uma tempestade no mar e quase morre.

1926 – No início do ano, cria a *Revista Universitária* e edita apenas três edições. Critica o famoso escritor Nicolae Iorga, fato não muito bem recebido pelos leitores. Passa a ser colaborador no diário *Cuvântul*, no qual ficará muitos anos, tratando de assuntos diversos: filosofia, história, religião, acontecimentos pessoais, etc. Lê Bacon, Malebranche, Kant. De Jules Payot, lê *A educação da vontade*, que o marcará profundamente.

1927 – Para Eliade, é um ano inesquecível, com muitas viagens e acontecimentos. Viaja para a Itália na condição de ex-aluno do Instituto Spiru Haret. Lá, encontra-se com Papini, Ernesto Buonaiuti, Alfredo Panzini, Giovanni Gentile e Vittorio Macchioro. De junho a outubro, visita a Áustria e a Suíça. O jovem universitário, nesse momento, já não se interessa por física, química, mas sim pela mística e religião oriental. Também está motivado em pesquisar sobre os pensadores renascentistas. Faz sua primeira conferência em público, a convite da Fundação Carol I, com o tema Romantismo e Religião.

1928 – Escreve um novo livro, *Gaudeamus*. Vai para Roma colher material com objetivo de escrever seu trabalho final de licenciatura sobre a filosofia de Marsílio Ficino e Giordano Bruno. Toma conhecimento do livro do pensador indiano Surendranath Dasgupta, *A history of Indian philosophy*. Resolve, então, escrever para o autor manifestando seu interesse em trabalhar com ele em Calcutá. Também pede ajuda financeira para um marajá indiano com a pretensão de realizar estudos na Índia. Em junho, retorna para a Romênia. No dia 10 de novembro, depois de receber o apoio solicitado, viaja para a Índia, passando pelo Egito, Ceilão, Madrasta e chegando a Calcutá, onde fica hospedado em uma pensão anglo-indiana, na Ripon Street, número 82, indicada pelo novo mestre, Dasgupta.

1929 – É um ano de muitos estudos e viagens pela Índia. Inicia com determinação o estudo do sânscrito. Depois de março, conhece Benares, Allahabad, Agra, Jaipur, Darjeeling e Siquim. Consegue ainda concluir seu romance, *Isabel e as águas do Diabo*. Aperfeiçoa sua conversação em sânscrito com um pândita. Conhece, na casa de Dasgupta, Giuseppe Tucci, com quem terá uma longa amizade. Inesquecível é a visita que faz a Rabindranath Tagore em Shantiniketan, no mês de setembro.

1930 – A convite de seu professor, passa a morar e trabalhar na casa do mestre, no número 120, da Bakulgan Street, Bhowanipore. Ali, é bastante cobrado nos estudos e consegue definir o tema de sua tese de doutorado: a história comparada das técnicas do ioga. Publica artigos sobre a filosofia e a religião na Índia em revistas da Romênia e da Itália. Por causa de um envolvimento sentimental com a filha de seu professor, é obrigado a deixar a casa deste e retornar para a pensão da qual saíra. No mês de outubro, dirige-se para Rishikesh. Ali, instala-se em um *kutiar*, para praticar ioga sob a direção de Swami Shivananda, onde ficará por aproximadamente seis meses. Começa a escrever sua tese de doutorado. Publica *Isabel e as águas do diabo*.

1931 – Em abril, retorna para Calcutá, onde passa a trabalhar intensamente na elaboração de sua tese. Um dos lugares preferidos de estudo é a biblioteca da Asiatic Society of Bengal. Faz ali amizades com algumas pessoas que lhe serão importantes. Pensa ficar em terras indianas por mais tempo, mas recebe um comunicado de seu pai para retornar a fim de realizar o serviço militar obrigatório em sua pátria. O retorno ocorre no mês de dezembro.

1932 – Presta o serviço militar no 1º Regimento de Artilharia Aérea. O fato de ter se apresentado depois do prazo lhe rendeu um

juízo militar, em que foi absolvido. Traduz para o romeno o que havia escrito de sua tese na Índia. Publica *Soliloqui (Solilóquios)*, em Bucareste.

1933 – Termina o romance *Maitreyi*, apresentando-o em um concurso, do qual foi vencedor. No mesmo ano, em junho, defende a tese de doutorado sobre ioga, que será publicada em 1936 na França e posteriormente em outros países. Com a obtenção do título, passa a dar aula como assistente de Nae Ionesco. Seu primeiro curso é sobre “o problema do mal na filosofia indiana”. Fala sobre Tagore na Fundação Carol I, como atividade do grupo Critério, recém-criado. *Cuvântul* é fechado pelo governo. Nae Ionesco é preso por crítica ao governo.

1934 – Ao iniciar o ano, o autor casa-se, contrariando a vontade da família, com a secretária Nina Mares, que era separada e tinha uma filha. Escreve muito nesse período, pois tem necessidade de se manter economicamente. Publica dois romances: *Intoarcerea din rai (Retorno do paraíso)* e *Lumina ce se stinge (A luz que se apaga)*. Edita uma compilação de artigos com o título *Oceanografia* e publica o livro *Índia*, resultado de textos que escreveu para um programa de rádio.

1935 – Inicia o trabalho docente, como assistente de Nae Ionesco, além de publicar *Alchimia asiatica* e *Şantier (Depósito)*; este último trata-se de um romance baseado em seus diários. Dirige-se para a Alemanha com o intuito de recolher material para uma pesquisa sobre cosmologia e alquimia babilônica. Publica *Os hooligans*, em Bucareste.

1936 – Vem a público a obra *Yoga, essai sur les origines de la mystique indienne*. Durante os meses de julho e agosto, visita Inglaterra (Oxford) e Alemanha (Berlim). Publica *Senhorita Christina*, livro que gerou bastante polêmica na Romênia.

1937 – Oferece curso sobre o Simbolismo Religioso. Publica o resultado das pesquisas que estava fazendo em um livro intitulado *Cosmologie si alchimie babiloniana*. Tem a oportunidade de viajar até a Itália e a Suíça. Edita *Sarpele (A serpente)* em Bucareste.

1938 – Além de lecionar a História do Budismo, prepara uma nova revista, que sai no ano seguinte com o título *Zalmoxis, revue des études religieuses*, com a participação de vários amigos. Antes de findar o ano, publica seu romance, *Nunta in cer (Casamento no céu)*. O rei Carlos II implanta uma ditadura na Romênia. Mircea Eliade é preso.

1939 – Começa a trabalhar no segundo volume de *Zalmoxis*, que será publicado no ano seguinte. Publica uma coleção de ensaios intitulada *Fragmentarium*.

1940 – Morre seu mestre, Nae Ionesco. Vai trabalhar na Inglaterra como adido cultural da Romênia. Londres é bombardeada pela Alemanha. Publica *Secretul Doctorului Honigberger (O segredo do Doutor Honigberger)*, na Romênia.

1941 – Em janeiro, é nomeado adido cultural junto à delegação real da Romênia em Portugal, para onde viaja no mês seguinte. Em Lisboa, encontra-se com o filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Encontro inesquecível para nosso autor.

1942 – Faz inúmeras leituras, entre elas, a do escritor espanhol Miguel de Unamuno. É recebido pelo primeiro-ministro português Oliveira Salazar, sobre o qual havia acabado de escrever um livro, *Salazar e a contrarrevolução*, o que, segundo o autor, causou-lhe muito desprazer. Publica em Bucareste *Mitul Reintegrării (O mito da reintegração)*.

1943 – Publica em Lisboa seu livro *Os romenos, latinos do Oriente*; e em Bucareste, *Insula lui Euthanasius (A ilha de Euthanasius)* e *Comentarii la legenda Mesterului (Comentário sobre a lenda do mestre Manolo)*.

1944 – Em novembro falece a esposa Nina, vitimada por um câncer. No mês seguinte, dirige-se para Cascais, onde dá continuidade à sua obra *Prolegômenos à história da religião*, iniciada no início da década e concluída em 1949, e publicada com o título *Tratado de história das religiões*.

1945 – Lê *Ser e Tempo* de Heidegger. Em 16 de setembro, viaja para a França, onde pedira asilo político, não querendo mais retornar à sua pátria em função das mudanças políticas ocorridas. Cioran havia cuidado da hospedagem na capital francesa. Ministra um curso a convite de Georges Dumézil na École des Hautes Études. No final do ano, é escolhido membro da Sociedade Asiática. Relê *L'eau et les rêves* de Gaston Bachelard. Uma colega comunica-lhe por carta que os livros que ele havia deixado em sua casa em 1941 haviam desaparecido. Eram aproximadamente quinhentos volumes.

1946 – Em março conhece Paul Masson-Oursel, filósofo e orientalista francês. Em junho vai à defesa de doutorado de Jean Filliozat. Fizeram parte da banca Gaston Bachelard, Émile Benveniste, Jules Bloch e Masson-Oursel. O título da tese defendida era *La doctrine de la médecine indienne*. Em junho, conversa com um aluno de Heidegger que acabara de chegar de Freiburg, trazendo-lhe muitas notícias de seu professor. Em agosto pensa na possibilidade de nunca mais voltar à sua terra natal. No final do ano, conhece Robert Desoille.

1947 – Durante a primavera, oferece um curso com o tema O Mito do Eterno Retorno, na École des Hautes Études.

1948 – A editora francesa Gallimard publica o livro *Techniques de Yoga*. Participa do Congresso Internacional dos Orientalistas em Paris. No exílio, colabora para a fundação da revista dos escritores romenos.

1949 – Publica *Tratado de história das religiões* e *O mito do eterno retorno*.

1950 – O ano se inicia com seu casamento com a romena Christinel Cottesco, com a qual viaja na primavera para a Itália. Faz conferência em Roma a convite de Raffaele Pettazzoni e Giuseppe Tucci. Ainda no mesmo ano, em agosto, é convidado a falar para o grupo Eranos em Ascona, na Suíça, onde se encontra com Carl Gustav Jung, Gerard van der Leeuw, entre outros. No mês seguinte, vai a Amsterdã, onde participa do Congresso Internacional de História das Religiões. Encontra-se com o padre Teilhard de Chardin. Publica *Noite bengali* na França.

1951 – Em novembro, fica sabendo da morte de seu pai através de uma carta enviada pela irmã Corina. Na mesma carta, ela comunica o falecimento do tio Mitache.

1952 – Um amigo o adverte da morte de Anton Galopentzia, a primeira pessoa a lhe falar de Karl Jaspers, muitos anos antes. Viaja até a Itália para participar de um encontro do Instituto Oriental. Aproveita a oportunidade e visita Papini.

1953 – Escreve *Fragment autobiografic*, a pedido de Virgil Ierunca, no qual fala sobre os caminhos por ele seguidos: o literário, o científico e o filosófico. Conhece o pensador espanhol Julián Marías em Genebra.

1954 – Primeira edição de *Le Yoga. Immortalité et liberté.*

1955 – Eliade é convidado pelo renomado professor Joachim Wach a ministrar um curso na Universidade de Chicago no ano seguinte. Publica *Bosque proibido.*

1956 – Viaja aos Estados Unidos para alguns cursos e passa a dar aula na Universidade de Chicago. Sofre com a morte de seu amigo Gustav Jung, que ocorre no mês de junho. Participa de debate com o renomado teólogo alemão Rudolf Karl Bultmann. Publica *O sagrado e o profano e Meia noite em Serampore.*

1957 – Eliade passa a ser professor da Universidade de Chicago ocupando a cátedra do Departamento de História das Religiões e o de professor no Committee of Social Thought. Publica *Mitos, sonhos e mistérios.*

1958 – Inicia o ano lecionando na Universidade de Chicago. Viaja em junho para a França e depois tem a oportunidade, nos meses de agosto e setembro, de conhecer um pouco do Japão, após participar do Congresso de História das Religiões realizado em Tóquio. Encontra nesse congresso seu amigo e mestre Raffaele Pettazzoni.

1959 – Continua o magistério e a orientação de teses e vai passar o verão na Europa. Conhece Sir Julian Huxley, pai de Aldous Huxley, autor pelo qual tinha profunda admiração. Publica *Nascimento místico, ensaios sobre alguns tipos de iniciação.*

1960 – Participa do Congresso de História das Religiões em Marburgo, no mês de setembro. Em dezembro morre seu amigo Raffaele Pettazzoni.

1961 – Com Ernst Jünger cria a revista *Antaios*. Encontra-se com o filósofo francês Gabriel Marcel.

1962 – Publica em Paris *Méphisophélès et l'androgyme de Patanjali et le Yoga*.

1963 – É publicado na Filadélfia o livro *Mircea Eliade and the dialectic of the sacred*, de Thomas J. Altizer. De Eliade, é editado *Aspectos do mito* em Paris e *Nuvele (Novelas)* em Madri.

1964 – Recebe o título de Sewell L. Avery Distinguished Service Professor da Universidade de Chicago.

1965 – Viaja para o México, onde oferece um curso sobre as religiões indianas no Colégio do México. Morre no mês de outubro seu amigo Paul Tillich, fato que muito o entristeceu.

1966 – Eliade passa a fazer parte da Academia Americana de Arte e Ciências. No mês de maio, recebe de seu amigo Tom Altizer o livro *The gospel of christian atheism*. Em junho recebe o título de Doutor Honoris Causa na Yale University. Naturaliza-se americano.

1967 – Conversa pela primeira vez com sua mãe pelo telefone. Publica *From primitives to zen: a thematic sourcebook on the history of religion* em Nova Iorque.

1968 – Publica *Rua Mântuleasa*.

1969 – É publicado seu livro *Mitos e símbolos*. No mês de maio, viaja para a Argentina, onde realiza uma conferência na Universidade La Plaza. Publica também *The quest: history and meaning in religion*, pela Universidade de Chicago. Publica também *La Tigançi si alte povestiri*.

1970 – Recebe o título Doutor Honoris Causa of Humane Letters da Loyola University (Chicago).

1971 – Em junho recebe o título de Doutor Honoris Causa, pelo Boston College. Publica em Paris *La nostalgie des origines. Méthodologie et histoire des religions*.

1972 – Na cidade da Filadélfia, recebe o título, no mês de maio, de Doutor Honoris Causa of Law. Recebe também o título de Doutor Honoris Causa of Humane Letters do Oberlin College. Publica *Religions australiennes*, traduzido do inglês.

1973 – Viaja para a Finlândia. Publica *Fragments d'un journal*, traduzido do romeno.

1974 – Termina o primeiro volume do livro *História das ideias religiosas*.

1975 – Em 16 de agosto, recebe o título de Doutor Honoris Causa pela University of Lancaster.

1976 – Falecimento de sua mãe em Bucareste. As autoridades romenas permitem que seu nome seja mencionado. Publica na França o primeiro volume da obra *História das crenças e das ideias religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*. Toma conhecimento da morte de seu amigo, o pensador italiano Julius Evola, em 1974. Publica *Occultism, witchcraft and cultural fashion. Essays in comparative religions* em Chicago.

1977 – No dia 4 de março, ocorre o terremoto de Vrancea, provocando grande destruição na Romênia. Esse fato deixou-o preocupado com a situação de seus familiares, que, contudo, nada sofreram. Publica *Le*

vieil homme et l'officier, traduzido do romeno e *In curte la Dionis* (*Na corte de Dionisio*) em Paris.

1978 – É publicado nos Estados Unidos o primeiro volume de sua história das ideias religiosas – *From the Stone Age to the Eleusinian mysteries* –, pela Universidade de Chicago. Publica *Occultisme, sorcellerie et mode culturelle*, em Paris.

1979 – Mircea Eliade recebe a visita e presentes de seu amigo Sorin Popa, que havia sido solto da prisão romena. Este comunica a Eliade a decisão das autoridades romenas de liberá-lo para retornar à sua terra natal, com todo apoio do governo. É traduzido para o francês *Andronic et le serpent*.

1980 – Termina a novela *Le temps d'un centenaire*, que será publicada em Bucareste em 1991. Envia alguns de seus livros à irmã Corina, para que ela possa completar sua biblioteca. Realiza novo tratamento médico que o deixa com muita vertigem e fraqueza. É traduzido para o francês *Les promesses de l'équinoxe*.

1981 – Viaja para Roma. Recebe a visita de Gherardo Gnoli, diretor do Instituto Oriental, substituto de Giuseppe Tucci, que estava adoentado. Faz visita ao amigo enfermo. Publica *Fragments d'un journal (1970-1978)* e *Uniformes de général*, traduzidos do romeno.

1982 – Sua esposa é submetida a uma cirurgia para a retirada de um tumor maligno. Recebe a notícia de que na Itália lhe seria concedido o Prêmio Mediterrâneo no valor de dois milhões de liras. Eliade recusa, pois não poderia estar presente na data marcada em função de outros compromissos. É publicado em Chicago o segundo volume de sua história da religião: *From Gautama Buddha to the triumph of Christianity*. Publica *Les dix-neuf roses*, traduzido do romeno.

1983 – Realiza seminário com Paul Ricoeur sobre mística. Faz a última palestra em público. Em função da saúde, manifesta medo de não completar o terceiro tomo de sua história das ideias religiosas.

1984 – Com problemas de coluna, sua companheira, Christinel, submete-se a cirurgia. Faz viagem para Itália e França. Passa a distribuir os livros de sua biblioteca particular entre amigos e instituições científicas. É premiado pelo seu livro *Nozze in Cielo*. Publica *Les trois grâces*, traduzido do romeno.

1985 – Faz viagens para França e Itália. Recebe o título de Doutor Honoris Causa em Humanidades na cidade de Washington. Acompanha os trabalhos da *Enciclopédia da religião* (publicada em 1987, em Nova Iorque), para a qual escreve um artigo sobre o xamanismo, mesmo sentindo muito cansaço e dores. É criada a cadeira: Professorado Mircea Eliade na História das Religiões, na Universidade de Chicago, instituição em que trabalhou. Sua biblioteca pega fogo, e muitos livros são destruídos. É publicado nos Estados Unidos o terceiro volume de sua história das ideias religiosas, com o título *From Muhammad to the age of reforms*. Pela Universidade de Chicago, publica *À l'ombre d'une fleur de lys*, traduzido do romeno.

1986 – Em abril, quando lia *Exercícios de admiração*, de seu amigo Cioran, sofre um derrame cerebral. É encaminhado para o hospital, onde o acompanham sua mulher e alguns amigos – Ricoeur, Wendy Doniger, Sanda Loga, David Tracy, Kitagawa e outros –, que permanecem ao seu lado pelos oito dias que ainda lhe restam de vida. Eliade falece na data de 22 de abril de 1986, às 9h44min. Seu corpo é cremado no dia seguinte, em um cemitério localizado na Woodlawn Avenue, esquina com a 67ª Estrada.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas
Trade Gothic e Adobe Caslon.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a
fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

